

**A POLÍTICA EXTERNA DO QATAR ENQUANTO INSTRUMENTO DE
PROJECCÃO INTERNACIONAL**

(Versão Corrigida e melhora após defesa pública)

Francisco Maria Vilas-Boas Potes Pereira

Dissertação em Ciência Política e Relações Internacionais

Data (Março, 2016)

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Santos Pinto

AGRADECIMENTOS

O meu profundo agradecimento à Professora Ana Santos Pinto pelo interesse demonstrado, desde logo, na orientação do meu trabalho, assim como pela excelência, profissionalismo e rigor de que se revestiu o seu acompanhamento durante a elaboração da presente dissertação de mestrado. Terei, ainda, que aludir, necessariamente à eficácia, eficiência e, sobretudo, à dedicada orientação científica, que se constituíram, de forma determinante, um apoio imprescindível para lograr a conclusão deste trabalho. Cabe-me, igualmente, agradecer todos os contributos, sugestões e os reiterados reforços positivos, recebidos, que se traduziram num importante alento para nunca desistir.

شكرا جزيلاً انا سانتوس بينتو

A POLÍTICA EXTERNA DO QATAR ENQUANTO INSTRUMENTO DE PROJEÇÃO INTERNACIONAL

Francisco Pereira

[RESUMO]

[ABSTRACT]

PALAVRAS-CHAVE: Qatar, Política Externa, Primavera Árabe, Líbia

Constituindo-se a política externa qatari como objecto de investigação, esta dissertação propõe-se a efectuar a sua caracterização num período temporal definido entre a independência do Emirado do Qatar e, sensivelmente, até 2011, coincidindo com o início da designada 'Primavera Árabe'. Assumem-se como objectivos centrais a identificação de alterações ao padrão de comportamento da política externa qatari, bem como a identificação das suas motivações. Para a concretização daquela linha de investigação e análise, serão analisados os casos da intervenção da política externa qatari na Tunísia, Egipto e Líbia, este último com particular relevo, na medida em que se constitui como um marco diferenciador no *modus operandi* da política externa qatari face à linha que vinha então sendo preconizada por Doha.

KEYWORDS: Qatar, Foreign Policy, Arab Spring, Lybia

By setting up the qatari foreign policy as research topic, this dissertation proposes to perform its characterization in a time span defined between the independence of the Qatar Emirate to approximately 2011, coinciding with beginning of the commonly called 'Arab Spring'. As central objectives of the dissertation it stands out the identification of changes to the qatari foreign policy and also the effort in identifying the Emirates motivations. To carry out this research and analysis, there will be analyzed the cases of the Qatari foreign policy intervention in Tunisia, Egypt and Libya, the latter of particular interest as it constitutes a distinctive landmark on Doha's foreign policy.

Índice

| | |
|--|-----|
| Introdução..... | 1 |
| 1. Formulação do problema..... | 1 |
| 2. Objectivo do Estudo..... | 2 |
| 3. Dimensão Metodológica..... | 3 |
| 4. Estrutura da Dissertação..... | 4 |
| Capítulo I – Estrutura Conceptual..... | 6 |
| Contributo teórico de Kenneth Waltz..... | 6 |
| Contributo teórico de Joseph Nye..... | 9 |
| Análise de Política Externa..... | 12 |
| Abordagem ao conceito de <i>State Branding</i> | 19 |
| Capítulo 2 – Perspectiva histórica da política externa qatari no período pós-independência | 25 |
| Capítulo 3 - Operacionalização da estratégia qatari no norte de África..... | 32 |
| 3.1. O relevo e a projecção do fenómeno Al Jazeera..... | 33 |
| 3.2. O fio condutor entre Doha, a Irmandade Muçulmana e o mediático Al Qaradawi..... | 41 |
| 3.3. A projecção dos interesses de Doha no norte de África..... | 48 |
| 3.3.1. O caso tunisino..... | 48 |
| 3.3.2. O caso egípcio..... | 58 |
| 3.4. O envolvimento de Doha na revolução líbia..... | 75 |
| 3.4.1. As relações bilaterais entre o Emirado do Qatar e a Líbia no período que antecedeu a revolução de 2011..... | 76 |
| 3.4.2. Análise ao <i>modus operandi</i> qatari durante a revolução líbia..... | 90 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 103 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 109 |

| | | |
|------|--|-----|
| 5.1. | FONTES PRIMÁRIAS | 109 |
| 5.2. | FONTES NOTICIOSAS | 113 |
| 5.3. | LITERATURA CRÍTICA | 118 |
| 5.4. | OUTRAS FONTES | 125 |
| | ANEXO I - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO EMIRADO DO QATAR | 127 |

LISTA DE ABREVIATURAS

APE Análise de Política Externa

CSNU Conselho de Segurança das Nações Unidas

EUA Estados Unidos da América

CCG Conselho de Cooperação do Golfo

IDE Investimento Directo Estrangeiro

IM Irmandade Muçulmana

LIA Autoridade de Investimento Líbia

LIFG Grupo de Combate Islâmico Líbio

MENA Médio Oriente e Norte de África

NATO Organização do Tratado do Atlântico Norte

NTC Conselho Nacional de Transição

NU Nações Unidas

PH Poli-heurística

PM Primeiro-Ministro

QIA Autoridade de Investimento do Qatar

RAS Reino da Arábia Saudita

RI Relações Internacionais

SGNU Secretário-Geral das Nações Unidas

UNCOMTRADE United Nations Commodity Trade Statistics

Introdução

1. Formulação do problema

A presente dissertação¹ assenta a sua investigação no estudo da política externa do Emirado do Qatar – de ora em diante designado por Qatar –, tendo como pergunta de partida: Qual(ais) a(s) característica(s) intrínseca(s) à política externa qatari? A pertinência da questão, coloca-se na medida em que a política externa do Emirado tem-se assumido como um instrumento de relevo ao serviço da projecção do Qatar na Comunidade Internacional, quer na dimensão regional, mas também para o seu exterior. Contudo, constata-se, num determinado momento, uma marcada alteração ao nível da política externa preconizada por Doha, situação que irá contribuir para a apresentação da primeira hipótese de trabalho, designadamente, confirmar a existência de dois períodos manifestamente distintos no *modus operandi* da política externa qatari. Profundamente relacionada com a primeira hipótese, e caso se verifique de facto a existência de uma mudança na estratégia da política externa qatari, apresenta-se uma segunda hipótese de trabalho relacionada com a identificação das causas subjacentes à alteração da operacionalização da política externa qatari. Com efeito, pretende-se com esta segunda hipótese determinar se o empenho significativo de Doha na sua política externa consiste numa estratégia de sobrevivência, quer enquanto país quer da própria liderança da família al Thani, constituindo-se, deste modo, a arena internacional o espaço natural de incursão para as autoridades qataris, situação que se admite que resulte da ausência de problemas de ordem interna (e.g. políticos, securitários, etc.) que ameacem a própria soberania do Emirado.

Neste contexto, e sendo o objecto de investigação a política externa qatari, bem como os elementos que a caracterizam, esta constitui-se como pano de fundo para desenvolver a proposta ora apresentada. Tendo em consideração a supramencionada pergunta de partida, no entanto, outras questões se apresentam igualmente pertinentes,

¹¹ A presente dissertação encontra-se redigida segundo o antigo acordo ortográfico.

embora num plano paralelo, nomeadamente: Quais os primeiros sinais da existência de uma política externa no Qatar? Quem foi, no plano político interno, o seu principal promotor? Que objectivos iniciais e que eventual modelo nortearam a criação daquela política externa? Existiram factores de natureza regional (e.g. vizinhos regionais que tenham adoptado a política externa enquanto veículo de projecção no exterior) que possam ter despertado em Doha a necessidade de também adoptar uma política externa? Foram registadas alterações à política externa qatari desde a liderança do Emir Khalifa bin Hamad al Thani² até aos dias de hoje? Qual a sustentabilidade da política externa adoptada por Doha no médio-longo prazo? É possível identificar uma eventual alteração à percepção externa do *State Branding* qatari antes e depois da intervenção na designada ‘Primavera Árabe’?

2. Objectivo do Estudo

No decurso do quadro de questões apresentado, assinala-se a particular relevância da última questão para o presente trabalho, já que, e tendo em consideração que se admite ter existido um processo de transformação na política externa qatari, nomeadamente desde a liderança do Emir Khalifa bin Hamad al Thani³, importa aquilatar quais as causas que serviram de base à alteração da política externa do Emirado. A este respeito, cabe sublinhar uma transição notória na postura do Qatar perante alguns quadros de conflito regional, podendo identificar-se, numa primeira etapa, um papel essencialmente orientado para a mediação de conflitos [e.g. Líbano (2007-2010), Líbano (2008), Darfur (2009/2010) e Djibouti-Eritreia (2010)], a que se seguiu uma política externa marcadamente parcial e de intervenção directa em conflitos internacionais/intra-nacionais, do qual se destaca o caso da participação activa do Emirado na designada ‘Primavera Árabe’⁴.

² Trata-se do ex-Emir qatari que reinou entre Fevereiro de 1972 e Junho de 1995. De acordo com diversos relatos jornalísticos disponibilizados pelos *media* internacionais, cumpre recordar que, em Junho de 1995, quando o então Emir Khalifa bin Hamad Al Thani se encontrava em Genebra (Suíça), terá sido telefonicamente contactado pelo seu filho, Hamad bin Khalifa Al Thani, informando-o que iria ser afastado da liderança do Qatar. Independent, Emir of Qatar deposed by his son. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/emir-of-qatar-deposed-by-his-son-1588698.html>, [Consult. 11 Abr. 2014].

³ Transliteração aproximada do árabe خليفة بن حمد آل ثاني.

⁴ Não obstante o termo não ser consensual na “esfera” académica, para efeitos de enquadramento no tempo e no espaço dos fenómenos revolucionários ocorridos a partir de Dezembro de 2010, utilizar-se-á, na presente dissertação, a designação Primavera Árabe.

É precisamente no contexto da participação do Qatar no desenrolar da ‘Primavera Árabe’ que a presente investigação se centra, privilegiando o envolvimento do Emirado nos casos da Tunísia, Egipto e Líbia, com particular destaque para as dimensões política, económica, financeira, religiosa e militar, nos casos em que se verifique, e propondo-se ainda a identificar as eventuais motivações de Doha.

3. Dimensão Metodológica

No que se refere à dimensão metodológica utilizada para a elaboração da presente dissertação importa notar, desde logo, tratar-se de uma abordagem de carácter explicativo e descritivo da política externa qatari ao longo da história recente do país, isto é, desde que foi declarado independente e acompanhando a sua evolução até 2011, momento em que teve início a designada ‘Primavera Árabe’ e na qual o Qatar se configurou como um dos actores intervenientes.

Assim, e no que se refere em concreto ao espectro de fontes de informação que serviram de substrato à presente dissertação, cabe notar o recurso à designada bibliografia crítica (e.g. livros, artigos científicos), fontes noticiosas (e.g. artigos de imprensa), fontes primárias (e.g. relatórios institucionais, dados estatísticos, documentos oficiais) e outras fontes (e.g. telegramas *Wikileaks*). Deste modo, verifica-se, essencialmente, a consulta de duas tipologias de dados, qualitativos e quantitativos, sendo que neste último caso cumpre referir que, pese embora tenha sido desenvolvido um esforço metodológico e de investigação destinado a efectuar uma abordagem similar nos três casos de estudo – Tunísia, Egipto e Líbia – no entanto, e tratando-se de casos com singularidades próprias, foi necessário recorrer, em determinadas situações, a vias alternativas de investigação e análise, contudo, obedecendo à análise das dimensões supra referidas (e.g. política, económica, financeira).

Cabe igualmente referir que a dissertação se desenvolve em torno de dois eixos fundamentais, um primeiro relativo à política externa do Qatar e, um segundo, relacionado com a contextualização do Emirado na região e no sistema internacional. Contudo, sublinhe-se que ambos os eixos se desenvolvem de forma inter-relacionada, com relações de dependência e influência entre si.

Acresce que a sustentação dos referidos eixos se torna possível através da utilização de variáveis de análise, destacando-se no primeiro caso: *i)* a dimensão interna (e.g. sistema político, competências, poderes); e *ii)* os instrumentos ao serviço da política externa, como sejam o *State Branding*, as acções de mediação, o investimento externo, a Al Jazeera e o plano religioso. De facto, as variáveis anteriormente mencionadas, em órbita do eixo da política externa qatari revelam-se de particular importância, na medida em que serão utilizados na construção do modelo de análise que será levada a cabo nos três casos de intervenção qatari no Norte de África (Tunísia, Egipto e Líbia), permitindo aferir a evolução da política externa daquele Emirado em cada um dos casos. De forma sintética, o modelo de análise que se aludiu previamente implica a revisão de alguns pontos-chave, designadamente: o relacionamento bilateral no período pré-‘Primavera Árabe’, bem como aferir eventuais alterações no decurso do período revolucionário; caracterizar o grau de abertura dos regimes em apreço (Tunísia, Egipto e Líbia) face ao trabalho desenvolvido pelo *media* qatari Al Jazeera; conferir da existência de um relacionamento político-económico e financeiro; avaliar a profundidade do envolvimento qatari na revolução em curso; e aferir sobre o eventual recurso à dimensão religiosa enquanto via de facilitação da projeção dos interesses qataris nos três casos em apreço.

No que se refere às variáveis em torno do segundo eixo, relativo ao contexto regional e internacional, caberá salientar enquanto variáveis: *i)* o quadro regional em que se insere o Qatar, isto é, Médio Oriente e Golfo Pérsico, onde se verificam dinâmicas de balança de poder entre o Qatar e actores regionais (e.g. Arábia Saudita, Conselho de Cooperação do Golfo); *ii)* o quadro norte africano onde é realizado um exercício de análise sobre a influência de Doha na Tunísia, Egipto – actor com quem Doha desenvolve um claro ambiente de competição – e Líbia; e *iii)* o quadro internacional, designadamente no que se refere à relação do Qatar com os EUA, União Europeia e ONU.

4. Estrutura da Dissertação

Visando o cumprimento do objectivo previamente estabelecido cumpre dar a conhecer a estrutura do documento em apreço, sendo que o mesmo é composto essencialmente por quatro capítulos.

O primeiro capítulo, caracterizado por um enquadramento conceptual que serve de suporte para a construção dos capítulos seguintes de natureza eminentemente empírica, e dirigido para alcançar o objectivo central da dissertação. Assim, nesta primeira etapa será dado particular destaque aos contributos teóricos de Kenneth Waltz, designadamente ao conceito de balança de poder e da base teórica desenvolvida por Joseph Nye, destacando-se, em particular, os conceitos de *Soft Power*, *Hard Power* e *Smart Power*. Dado que o objecto do trabalho se prende com a política externa do Qatar, é ainda apresentado um enquadramento conceptual do conceito de política externa que terá como propósito estabelecer um vínculo entre as dimensões interna e externa. Por fim, e ainda no âmbito conceptual, cumpre abordar o conceito de *State Branding*, dado que figura como um dos instrumentos que Doha tem privilegiado para potenciar a sua imagem junto da Comunidade Internacional.

No caso do segundo bloco, notoriamente dirigido para a contextualização histórica do Emirado e da sua política externa, procura-se descrever o quadro das relações exteriores de Doha com os seus vizinhos regionais, analisando a sua evolução, desde os momentos de tensão político-diplomáticos até à paulatina implementação de uma “genuína” linha de política externa.

No terceiro bloco, o enfoque é orientado para a descrição da operacionalização da estratégia qatari no Norte de África *máxime* nos Estados já mencionados, executando um modelo analítico similar para as três situações, com particular destaque para as componentes política, económica, comercial, investimento, religiosa e militar. A decisão de terminar o terceiro capítulo com o caso líbio prende-se essencialmente com o facto de se configurar como um caso paradigmático de alteração de “estilo” em termos de política externa, consubstanciando-se num momento chave para análise. Em termos temporais, a análise do relacionamento bilateral em cada um dos casos é efectuada sensivelmente desde o final da década de 1990 até 2011, altura coincidente com o eclodir da designada ‘Primavera Árabe’ e que marca um momento de capital importância na política externa qatari.

Por fim, o quarto bloco, no qual serão tecidas considerações finais sobre o objecto de investigação e objectivos da dissertação, apresentando ainda o processo de validação das hipóteses de trabalho inicialmente apresentadas.

Capítulo I – Estrutura Conceptual

Contributo teórico de Kenneth Waltz

Não obstante a importância da problematização e definição do objectivo do trabalho, importa proceder ao seu enquadramento em termos conceptuais, revestindo a componente essencialmente empírica da dissertação com um substrato teórico que a dotará de um importante contributo e, simultaneamente, configurar-se-á como uma importante linha orientadora. Assim, e tendo em consideração o âmbito do trabalho, centrado na política externa preconizada pela liderança qatari, revela-se de particular importância a interligação entre as dimensões externa e interna daquela política, sendo que, para este efeito, o contributo da teoria realista estruturalista desenvolvida por Kenneth N. Waltz configura um sólido marco teórico e um ponto de partida para estruturar conceptualmente a dissertação em apreço.

Com efeito, e tendo por base a matriz anárquica do sistema internacional, no qual cada unidade política é autonomamente responsável por garantir a sua preservação, Waltz afirma que, para um Estado garantir a sua segurança, esta deverá recair no cumprimento de duas condições, a primeira de ordem interna (e.g. através do aumento do seu poder económico e militar) e a segunda, por via do estabelecimento de alianças com terceiros (Waltz, 2000: 2).

É no âmbito do cumprimento daquelas duas condições que surge com pertinência a abordagem da teoria da ‘balança de poder’ enquanto contributo que pretende explicar a dinâmica de forças no âmbito do sistema internacional. Contudo, cumpre notar que não é possível *“encontrar um enunciado da teoria que seja universalmente aceite”* (Waltz, 2011: 163), pelo que se inclui na presente abordagem apenas alguns dos pontos elencados por Waltz na sua obra *“Teoria das Relações Internacionais”* (2011) e que deverão constituir-se como elementos de enquadramento ao caso particular do Qatar. Uma das particularidades assinaladas por Waltz está relacionada com o facto da teoria apenas apresentar *assumpções “sobre os interesses e os motivos dos estados, em vez de os explicar”* (2011: 170), pelo que remete para a importância dos constrangimentos enquanto variável que poderá contribuir

para responder às “*reações esperadas dos estados*” (2011: 170), assumindo, porém, que as características dos estados também pesam na equação (2011: 170). Por outro lado, cumpre também apontar que a teoria da balança de poder é uma teoria das Relações Internacionais (RI), pelo que não deverá ser encarada como uma teoria de política externa (2011: 169), sendo que, a importância desta distinção se coloca na medida em que a teoria não se propõe dar resposta às especificidades da política externa adoptada por uma unidade política. Numa tentativa de resumir a essência da teoria da balança de poder, e dado que esta se estabelece num quadro anárquico do sistema internacional no qual os actores projectam os seus interesses e motivações, verifica-se que, se por um lado há unidades políticas com capacidade de garantir a sua própria segurança – através dos esforços internos –, no entanto, há casos em que os estados têm de empreender esforços externos com o intuito de aumentar a sua segurança, nomeadamente através do estabelecimento de alianças. De facto, no caso do Qatar tem-se assistido a um desenvolvimento significativo – desde a independência em 1971 –, quer nos planos interno, caracterizado pelo aumento do poder económico-financeiro e da capacidade bélica⁵, quer externo, através da assinatura de acordos de cariz securitário, visando garantir a sua própria segurança.

Pese embora a actual balança de poder coloque os EUA enquanto garante securitário de Doha – por via do acordo bilateral de Defesa com Washington assinado em Junho de 1992⁶ –, a situação actual difere significativamente face ao período pós-independência do Emirado do Qatar. Note-se que, em 1971, com a saída do Reino Unido de território qatari verificou-se um vazio de poder, situação que constituiu uma ameaça iminente, de um ponto de vista securitário, para a então recém-adquirida soberania. Perante aquela situação e de forma a contornar o défice de capacidade securitária por parte das autoridades qataris, a solução encontrada foi constituir a vizinha Arábia Saudita, como protector *de facto* do Emirado do Qatar (Roberts, 2013: 1), situação que viria a ser reforçada, em 1982, com a assinatura de um acordo bilateral de Defesa entre a Arábia Saudita e o Qatar. A situação de dependência securitária da vizinha Arábia Saudita viria a prolongar-se até ao início da guerra

⁵ Não obstante se verifique um poder militar significativamente superior por parte de outros *players* regionais (e.g. Arábia Saudita, Irão), no entanto, verifica-se que Doha tem efectuado investimentos não negligenciáveis no âmbito militar. A título de exemplo, em 2011, de acordo com o relatório *The Gulf Military Balance 2012* o Qatar investiu o equivalente a 2% do Produto Interno Bruto em despesas para o sector militar (p. 55).

⁶ Não tendo sido possível aceder ao documento original do acordo entre Washington e Doha em matéria de Defesa, para efeitos de cumprimento dos critérios de referências bibliográficas, remete-se para o relatório elaborado pelo Congressional Research Service do Congresso dos EUA intitulado “*Qatar: Background and U.S. Relations*” (2014: 4).

do golfo, momento em que Doha aceita a utilização do seu território por parte das forças aliadas (Blanchard, 2014: 4) facilitando o combate às forças iraquianas. No seguimento da postura favorável de Doha face à intervenção de forças externas à região, bem como o facto de ter participado militarmente no conflito, permitiu ao Qatar capitalizar uma imagem favorável junto de Washington, situação que contribuiu para a assinatura, em 1992, do acordo bilateral de Defesa com os EUA. A estratégia adoptada por Doha terá tido em conta, por um lado, o contexto geopolítico circundante, marcado pela presença de potências regionais como a Arábia Saudita e o Irão, e por outro, a procura de um parceiro de maior relevo no âmbito da Comunidade Internacional que se constituísse como um actor de peso com o intuito de contrabalançar eventuais tendências hegemónicas das potências da região. As opções de Doha inserem-se de facto na lógica da teoria de balança de poder, isto é, como refere Waltz (2011: 168), verifica-se, num primeiro plano, a existência de uma ordem anárquica, e, num segundo plano, a existência de unidades com vontade de sobreviver. De facto, e tendo em conta o contexto geopolítico onde se insere o Qatar, verificam-se ambas as condições, a que acresce o facto de Doha não ter capacidade de cumprir *per si* a sua sobrevivência – rementendo para a ideia de Waltz relativa aos esforços externos (2011: 164) – levando à celebração de um acordo de segurança com Washington, situação que obedece também a um dos critérios elencados por Waltz, prevendo a possibilidade de existirem três jogadores na equação (2011: 164). Não sendo propósito desta dissertação incorrer na designada confusão entre uma teoria das relações internacionais e uma teoria de política externa (2011: 169), porém, e tal como referido pelo mesmo autor, a *“teoria da balança de poder é uma teoria sobre os resultados produzidos pelas acções descoordenadas dos estados”* (2011: 170). Assim, e considerando como um resultado o acordo securitário Qatar-EUA, cumpre-se uma vez mais uma das condições necessárias para se verificar a lógica de balança de poder, não obstante o referido acordo ser produto da política externa qatari. Também o facto de se ter tratado de um acordo de características bilaterais, Qatar-EUA, cabe dentro da condição descrita por Waltz, quando se refere a acções descoordenadas, dado que tal decisão não terá certamente sido tomada com qualquer tipo de consentimento de Riade.

Por fim, e sublinhando a adaptabilidade da teoria da balança de poder ao caso em apreço, importará assinalar que as decisões de Doha em aliar-se ao EUA enquanto estratégia

de sobrevivência, permitindo, desse modo, alcançar as suas motivações, resultou dos constrangimentos geopolíticos inerentes à localização do Emirado.

Contributo teórico de Joseph Nye

Tendo em conta as características da política preconizada por Doha nas dimensões da política externa, economia e na vertente militar, surge com igual pertinência a introdução dos conceitos de *Soft Power*, *Hard Power* e sobretudo, no caso do Emirado do Qatar, o conceito de *Smart Power*, desenvolvido pelo norte-americano Joseph Nye, com particular destaque para as obras *Soft power: the means to success in world politics* (2004), *A smarter, more secure - America* (2007) e *O Futuro do Poder* (2012).

No que se refere ao conceito de *Soft Power*, e recordando a definição de Nye, trata-se da capacidade de um país em persuadir outros a agir em seu favor sem recurso à força ou coacção (Nye, 2004). De facto, Nye (2012: 106) refere ainda que o *Soft Power* de um país se projecta essencialmente por via de três vectores: *i*) a sua cultura; *ii*) os seus valores políticos (desde que legitimados internamente⁷); e *iii*) a sua política externa. Pese embora o conceito tenha sido criado por um norte-americano e a sua implementação tenha sido preconizada de forma eminentemente prática pelas diferentes administrações norte-americanas, a sua aplicação é igualmente notória no caso do Emirado do Qatar, nomeadamente através do uso da política externa enquanto veículo de *Soft Power*. A título de exemplo, e tendo como veículo a política externa qatari, cumpre notar a intervenção de Doha, em 2007, no Iémen enquanto figura mediadora entre os representantes do norte do Iémen⁸ e o Governo em funções à altura, resultando, num primeiro momento, no cessar-fogo e posteriormente dando origem à assinatura, em Doha, de um acordo de paz em Fevereiro de 2008⁹. Com este tipo de iniciativa considera-se que Doha concretizou dois objectivos:

⁷Para Nye, a importância deste factor coloca-se na medida em que, se os objectivos propostos forem internamente legitimados, estes terão uma maior probabilidade de persuadir terceiros e tenderão a reduzir eventuais obstáculos à sua implementação (Armitage, R. e NYE, J. (2007: 7).

⁸ Designados por Houthis.

⁹ Pese embora os termos do acordo de paz tenham sido violados *a posteriori*, podendo resultar numa percepção de fracasso em relação aos esforços de mediação qataris, não obstante, e para efeitos de análise, a assinatura do acordo de paz entre os Houthis e o Governo iemenita deverá ser entendido como um objectivo alcançado decorrente da sua efectivação. Acresce que, o mesmo só viria a perder a sua validade, em Maio de 2009, quando o então Presidente do Iémen, Ali Abdullah Saleh, declarou o fracasso do acordo. Norwegian Peacebuilding Resource Center, Qatar Mediation Initiatives. Disponível em:

- i) O primeiro objectivo alcançado prende-se com a constituição do Qatar enquanto mediador de um processo de paz no âmbito de um conflito interno iemenita.
- ii) O segundo objectivo está relacionado com o facto de Doha ter ocupado uma posição de mediador num espaço cuja área de influência pertence à Arábia Saudita. Neste quadro, o Qatar vem, por um lado, ocupar um papel tradicionalmente ocupado pela Arábia Saudita enquanto mediador e promotor da paz na região, e por outro, autonomizar-se da vizinha Arábia Saudita ao demonstrar ter uma agenda própria em termos de política externa.

Neste contexto, e correlacionando a iniciativa qatari com o conceito de *Soft Power*, isto é, um “comportamento de atracção que pode influenciar os outros a corresponder a resultados favoráveis” (Nye, 2012: 106), verifica-se que Doha conseguiu persuadir terceiros em seu favor e paralelamente conseguiu projectar os seus valores políticos junto dos actores que participaram no processo de mediação, mas também nos restantes países da região, assumindo a sua capacidade de mediador e eventualmente contribuindo para alterar a percepção de poder que a região tinha do Emirado do Qatar.

Por outro lado, importa também sublinhar a definição de *Hard Power*, tipicamente associado à ideia do exercício de força sobre um determinado actor, visando atingir o benefício inicialmente pretendido, sendo ainda caracterizado por recorrer a “coisas tangíveis, como sejam a força e o dinheiro” (Nye, 2012: 39). No caso qatari, o *Hard Power*, tem demonstrado ser um meio privilegiado na criação de uma percepção de força na região, destacando-se, a título de exemplo, os investimentos efectuados a nível militar em anos recentes e que têm permitido ao Qatar uma regular participação em exercícios militares conjuntos com outras forças internacionais¹⁰ e inclusivamente na participação activa em

http://www.peacebuilding.no/var/ezflow_site/storage/original/application/da1df25567ebd34af26d634892934b03.pdf, [Consult. 5 Jul. 2014].

¹⁰ A título de exemplo, refira-se a participação das Forças Armadas qataris nos seguintes exercícios militares: i) Peace Shield 1/2012 – exercício entre as Forças Armadas qataris e dos Emirados Árabe Unidos com o objectivo de potenciar a capacidade de desenvolver operações conjuntas; ii) Gulf Falcon Exercise 2013 (16 Fevereiro a 7 Março) – exercício desenvolvido pelas Forças Armadas qataris e francesas, realizado a cada quatro anos e tendo este ano contado com a participação de 1700 militares qataris e 1300 militares franceses; e iii) Exercise Eagle Resolve 2013 (21 Abril a 6 Maio) – exercício anual que decorre nos arredores de Doha e envolve cerca de 3000 militares dos três ramos, com a participação de diversos países (Qatar, Reino Unido, EAU, Arábia Saudita, EUA, entre outros. Army Technology, UAE, Qatar Armed Forces begin Peace Shield 1/2012 exercise. Disponível em: <http://www.army-technology.com/news/newsuae-qatar-armed-forces-begin-peace-shield-1-2012->

operações militares, do qual se destaca a participação na Operação Odisseia Amanhecer na Líbia, em 2011, contribuindo com as aeronaves Mirage 2000 para a implementação da zona de exclusão aérea na Líbia.¹¹

Por fim, a política protagonizada pela monarquia qatari encontra-se indissociável do conceito de *Smart Power*, que Nye refere tratar-se de uma combinação dos dois conceitos previamente assinalados, *Soft Power* e *Hard Power*. De facto, na sua obra, *O Futuro do Poder*, Nye refere:

“O Qatar, uma pequena península ao largo da costa da Arábia Saudita, permitiu que o seu território fosse usado como quartel-general das Forças Armadas americanas durante a invasão do Iraque, ao mesmo tempo que financia a Al Jazeera, o mais popular canal televisivo da região, que critica profundamente as ações americanas”
(Nye, 2012: 234).

O caso qatari congrega a utilização simultânea de elementos característicos de *Soft* e *Hard Power*, que, para além dos exemplos elencados por Nye engloba ainda uma activa utilização da política externa, sendo de destacar o caso da sua participação no âmbito da ‘Primavera Árabe’, designadamente com apoio político, financeiro e militar a diferentes actores, configurando-se deste modo como um *player* que explora o conceito de *Smart Power*.

<http://www.gulf-times.com/qatar/178/details/344870/qatar-france-military-exercise-ends>, [Consult. 20 Set. 2015]. United States Central Command. *Exercise Eagle Resolve 13: April 21-May 6, 2013*. Disponível em: <http://www.centcom.mil/fact-sheets/exercise-eagle-resolve-13-april-21-may-6-2013>, [Consult. 20 Set. 2015].

¹¹ Naquela operação, o Qatar participou ainda militarmente através do envio de duas aeronaves de transporte táctico C17-A. The Jerusalem Post, Qatar becomes 1st Arab state to join Libya no-fly zone. Disponível em: <http://www.jpost.com/Middle-East/Qatar-becomes-1st-Arab-state-to-join-Libya-no-fly-zone>, [Consult. 20 Set. 2015].

Análise de Política Externa

Para a realização da presente dissertação e tendo em consideração o cumprimento do seu objecto e objectivo, a abordagem à temática da análise de política externa surge como um marco incontornável. De facto, para além do facto da dissertação estar centrada em torno da política externa qatari, esta ganha outro relevo quando se verifica que a importância da política externa, enquanto instrumento ao dispor do Estado, está plasmada na Constituição qatari, designadamente no artigo 7º:

“The foreign policy of the State is based on the principle of strengthening international peace and security by means of encouraging peaceful resolution of international disputes; and shall support the right of peoples to self-determination; and shall not interfere in the domestic affairs of states; and shall cooperate with peace-loving nations.” (Constitution of Qatar, 1972: 2)¹²

Em função do foco que se pretende dar à análise da política externa qatari importa primeiramente apontar algumas das definições possíveis relativamente ao conceito de política externa. Porém, refira-se desde logo a dificuldade na escolha de uma definição, situação que resulta de um quadro teórico caracterizado por uma multiplicidade de definições de inúmeros autores, tendo-se optado por privilegiar a obra *Política Externa: As Relações Internacionais em Mudança (2011)* de Maria Raquel Freire, enquanto obra de referência e marco orientador para a realização do presente capítulo.

Com efeito, e remetendo para o capítulo 1 daquela obra, *“Política Externa: Modelos, Actores e Dinâmicas”* de Freire e da Vinha, conclui-se que a política externa é *“uma ferramenta essencial no posicionamento dos actores no sistema internacional”* (Freire, 2011: 13), e que, no caso qatari, um pequeno estado do Golfo Pérsico¹³, aparenta fazer ainda mais

¹² Com o intuito de reduzir substancialmente os riscos de eventuais erros de interpretação as citações dos textos manter-se-ão na sua língua original. Constitution of Qatar, Article 7. Disponível em: <http://portal.www.gov.qa/wps/wcm/connect/5a5512804665e3afa54fb5fd2b4ab27a/Constitution+of+Qatar+EN.pdf?MOD=AJPERES>. [Consult. 1 Abr. 2014].

¹³ Note-se que, embora a designação de Golfo Pérsico seja aceite pela generalidade dos países da Comunidade Internacional é no entanto alvo de críticas por parte dos Estados Árabes, pelo que estes últimos habitualmente

sentido, tendo em consideração o objectivo de uma maior presença junto da Comunidade Internacional e, num segundo plano, enquanto estratégia de afirmação perante os vizinhos regionais. Para o desenvolvimento deste capítulo cabe realçar ainda a obra *The New Foreign Policy: Power Seeking in a Globalized Era* de Laura Neack (2008), enquanto importante base de apoio teórico.

Assim, e ainda a respeito do conceito de política externa e dada a diversidade de definições apresenta-se a descrição avançada por Freire e da Vinha:

“Assim, entende-se por política externa o conjunto de objectivos, estratégias e instrumentos que decisores dotados de autoridade escolhem e aplicam a entidades externas à sua jurisdição política, bem como os resultados não intencionais dessas mesmas acções.”
(Freire, 2011: 18)

Paralelamente à multiplicidade de definições teóricas acerca de política externa, também no caso da Análise de Política Externa (APE) verifica-se um quadro teórico complexo e que tem assistido a um longo processo de transformações desde a década de 50 do séc. XX até aos dias de hoje¹⁴. Refira-se, no entanto, que, actualmente, persiste a dificuldade em alocar um quadro teórico suficientemente abrangente que permita a implementação de um estudo de APE capaz de tratar a diversidade de casos actualmente existentes. De forma a constatar parte da realidade anteriormente descrita, note-se, a título de exemplo, a referência feita por Freire e da Vinha a Holsti (2006), quando este último sublinha algumas das variáveis condicionantes nos processos de decisão, designadamente *“factores eleitorais, a opinião pública”* (Freire, 2011: 19). Ora, no caso exposto, e não obstante, tratar-se de um mero exemplo por parte de Holsti, cumpre transpor aquele raciocínio para a realidade qatari, verificando-se a inexistência da variável *“factor eleitoral”*, dado que o sistema político vigente no Qatar é uma monarquia onde está proibida a

se referem a Golfo Árabe (Fromherz, 2012: 97). Não obstante, para a presente dissertação utilizar-se-á, de ora em diante, e sempre que seja oportuno, a designação de Golfo Pérsico.

¹⁴De acordo com Smith (1998), podem definir-se, em termos gerais, três períodos distintos no âmbito da análise de política externa: *i)* de meados da década de 50 do séc. XX até meados da década de 60, cujos estudos espoletaram de um ambiente de insatisfação face ao carácter simplista dos estudos realistas de política externa existentes até então; *ii)* de finais da década de 60 até inícios de 70, onde um grupo de académicos transitou para a metodologia de estudos de política externa comparada; e *iii)* o período com início na década de 70 onde se assistiu a um declínio do uso da política externa comparada e, em alternativa, emergiram um conjunto de metodologias e abordagens de carácter mais eclético e difuso.

existência de partidos políticos¹⁵, impossibilitando que seja considerado enquanto condicionante no processo de decisão. Também no caso do factor “opinião pública” e, em particular no Qatar, não deverá ser considerado enquanto elemento condicionante no processo de decisão, em razão de, ainda hoje, a liberdade de expressão¹⁶ e de imprensa¹⁷ se depararem com significativos constrangimentos impostos pelo Governo qatari.

Tendo em consideração as particularidades de cada caso específico, Neack conclui que estudar política externa é complicado e requer uma investigação multi-nível e multifacetada, contudo, esta não exige uma abordagem de política externa na sua globalidade, isto é, de todas as suas vertentes, podendo, em alternativa, optar-se por uma desagregação ou desconstrução de cada uma das suas componentes visando o seu estudo de forma parcelar (Neack, 2008: 10).

Neste contexto, e não obstante a complexidade em encetar o estudo de política externa cumpre, no entanto, iniciar a abordagem ao problema de uma forma mais directa e baseada no pensamento da escola realista que considera os Estados enquanto actores unitários, cuja preocupação assenta na *“manutenção da sua autonomia e a integridade do Estado face à possibilidade de agressões exteriores”* (Freire, 2011: 21), isto é, trata-se de garantir sobrevivência do Estado. Nesta abordagem, designada por actor racional, e de

¹⁵ Pese embora na Constituição qatari, nomeadamente no art. 1º, seja referido que o sistema político vigente é democrático, veiculando uma informação divergente com a realidade política do país. De facto, e em rigor, a única alusão a democracia que poderá realizada no caso qatari é no âmbito das eleições para a Assembleia Consultiva, denominada em árabe *Majlis al Shura* – transliteração aproximada do árabe مجلس الشورى – e constituída por 45 assentos, sendo que 1/3 é nomeado directamente pelo Emir e os restantes (30) são eleitos por sufrágio universal. Não obstante, de referir que, até à data, já foram adiadas por quatro vezes a realização de eleições legislativas, sendo que, notícias ventiladas nos *media* internacionais davam conta que as autoridades qataris pretendiam realizar eleições na segunda metade de 2013. Porém, antes da transferência de poderes ocorrida, em 25JUN13, entre o ex-Emir Hamad bin Khalifa Al Than e o seu filho Tamim bin Hamad Al Thani, as eleições foram uma vez mais adiadas por um período de três anos. Outro aspecto a realçar prende-se com as funções da Assembleia, a qual apresenta uma autoridade limitada para a produção e aprovação de nova legislação, sublinhando-se que o Emir tem o poder de decisão final em todas as matérias, constituindo uma limitação de relevo. De facto, desconhecem-se na íntegra os motivos subjacentes aos sucessivos adiamentos dos sufrágios, sublinhando-se apenas que se poderão tratar de divergências internas no seio da família *Al Thani* sobretudo no que diz respeito à possibilidade de as mulheres poderem votar e assumir posições na Assembleia.

¹⁶ Recorde-se o episódio ocorrido, em Março de 2011, relativo à detenção do *blogger* e activista dos direitos humanos decorrente de um alegado artigo escrito no seu *blog* relativamente aos direitos humanos no Qatar. Reporters without borders, Overview of media freedom violations of past few days. Disponível em: <http://www.refworld.org/pdfid/4d79fa2e2.pdf>, [Consult. 30 Mai. 2014].

¹⁷ A este respeito note-se que o estudo apresentado anualmente pela organização Repórteres Sem Fronteiras relativo ao Índice de Liberdade de Imprensa de 2014, o Qatar posicionou-se na 113ª num total de 180 países, evidenciando, deste modo, apresentar sérios constrangimentos à liberdade de imprensa. World Press Freedom Index, Reporters without borders for freedom of information. Disponível em: <http://rsf.org/index2014/en-index2014.php>, [Consult. 30 Mai. 2014].

acordo com Neack, *“o tipo de governo, a história, a economia e as qualidades dos indivíduos que ocupam a liderança política não têm importância para o analista”*, situação que decorre do facto das decisões tomadas pelos líderes serem percepcionadas enquanto decisões do Estado (Neack, 2008: 31). A sobreposição das dimensões “líder” e “Estado” ocorre em função do princípio base de que a escola realista parte, isto é, de que as acções dos líderes são consistentes com o interesse nacional do país, que se caracteriza pela sua persistência em termos temporais no decurso da sua história, levando a que eventuais alterações na liderança sejam percepcionadas como pouco relevantes. Na prática, o Estado age como um actor racional na tomada de decisões. Dado que hipotéticas transformações na liderança política são consideradas como secundárias para a avaliação da política preconizada, de referir também que não são tidas em conta as motivações e preferências ideológicas dos indivíduos. Neack refere, no entanto, que, embora o interesse nacional se caracterize pela sua continuidade no tempo, é no entanto possível que os meios para o alcançar possam sofrer transformações (2008: 33).

De forma a corroborar a abordagem de cariz realista anteriormente mencionada, cumpre aludir novamente ao artigo 7º da Constituição qatari a respeito da política externa, isto é, revela-se como uma prioridade para o Emirado e traduz de forma clara a existência do interesse nacional no desenvolvimento de uma política externa. Outro exemplo, que poderá reforçar o aspecto prático da abordagem realista enquanto visão que olha para a tomada de decisão do Estado e, não para o líder, refere-se ao período imediatamente após a independência do Reino Unido, em 1971, quando o Qatar iniciou o seu processo de aproximação diplomática a um conjunto diverso de actores da Comunidade Internacional. Partindo da abordagem realista, admite-se que o facto do então Emir Khalifa bin Hamad al Thani liderar o Qatar (em exercício de funções entre 1972 e 1995) não tenha constituído um marco particularmente diferenciador no estabelecimento das primeiras relações diplomáticas¹⁸ com terceiros, comparativamente com outro hipotético líder que ocupasse a posição de Emir à altura. De facto, o processo de aproximação diplomática que Doha veio a empreender, após a independência, constitui-se como parte das primeiras acções de política externa iniciadas por aquele Emirado e, sobretudo, resultou de razões imperativas de

¹⁸ Refira-se a título de exemplo o estabelecimento de relações diplomáticas com os EUA, em 19MAR72, tendo resultado na abertura da Embaixada norte-americana em Doha, em 24FEV73. Disponível em: <http://history.state.gov/countries/qatar>, [Consult. 1 Jun. 2014].

interesse nacional, isto é, a consolidação do reconhecimento de terceiros¹⁹ do Emirado do Qatar e a criação de uma rede de missões diplomáticas pelo mundo. Com efeito, e retomando a ideia inicial, a criação de relações diplomáticas com outros países configurou-se como um passo necessário visando a preservação da então recém-adquirida soberania, sendo esta independente da liderança do país.

Não obstante a vertente tendencialmente mais empirística da abordagem cumpre também notar que a mesma não é capaz de responder ao universo de decisões de política externa pelo que é necessário incluir abordagens teóricas complementares.

Assim, e recordando a definição de política externa apresentada por Freire e da Vinha, verifica-se que a mesma está centrada nos “*decisores dotados de autoridade*” (Freire, 2011: 18), isto é, eleva o indivíduo enquanto actor central na condução da política externa, pelo que é necessário enquadrar esta vertente num corpo teórico consentâneo.

Ainda numa perspectiva de justificar a necessidade de empreender a abordagem ao indivíduo e, designadamente ao papel do “decisor” ou “líder”, cumpre recordar que o objecto de trabalho da tese é a política externa de um país cujo sistema político vigente é uma monarquia. Neste contexto, e após análise da Constituição daquele Emirado, verifica-se que em diversos artigos é feita referência aos poderes do Emir, constatando-se uma considerável concentração de poderes naquele, destacando-se, a título de exemplo, os seguintes: *i)* o poder executivo encontra-se centrado no Emir (Artº 62); *ii)* o Emir é o Chefe de Estado (Artº 64); *iii)* o Emir é o Chefe Supremo das Forças Armadas, as quais supervisiona por via do Conselho de Defesa que se encontra na sua dependência directa (Artº 65); *iv)* o Emir representa o Estado a nível interno e externo (Artº 66); *v)* o Emir tem o poder de designar o Primeiro-Ministro, aceitar a sua renúncia ao cargo e exonerá-lo (Artº 72); e *vi)* o Emir tem o poder de designar ministros sob nomeação do Primeiro-Ministro (Artº 73)²⁰.

Confirmada, por um lado, a preponderância do “líder” na equação e, por outro, a importância de encontrar um corpo teórico complementar ao modelo realista do actor

¹⁹ Note-se que este reconhecimento já tinha sido anteriormente efectivado por diversos países e inclusivamente pelas Nações Unidas, em 21SET71. Disponível em: <http://www.un.org/en/members/index.shtml#g>, [Consult. 1 Jun. 2014].

²⁰ Hukoomi Qatar e-Government, Constitution of Qatar. Disponível em: <http://portal.www.gov.qa/wps/wcm/connect/5a5512804665e3afa54fb5fd2b4ab27a/Constitution+of+Qatar+EN.pdf?MOD=AJPERES>. [Consult. 1 Abr. 2014].

racional, surge neste contexto a teoria poli-heurística (PH) que se entende adequada para avaliar a tomada de decisão em política externa²¹.

A teoria PH apresenta-se como uma mais-valia, na medida em que não rompe definitivamente com a escola realista, integrando, em alternativa, características do modelo da escolha racional com elementos da psicologia cognitiva (Mintz, 2005: 94). Um dos aspectos assumido pelos teóricos da PH prende-se com o facto de este processo de tomada de decisão ser indiferente à nacionalidade, ideologia e tipo de governo²² em questão (Neack, 2008: 44), pelo que torna esta abordagem, de certo modo, mais abrangente. De referir, ainda, que um dos elementos que caracteriza a PH está relacionado com o “peso” da dimensão interna, isto é, no momento de tomada de decisão os líderes têm em conta os ganhos e perdas em termos políticos.

De acordo com Mintz a teoria em apreço postula que os líderes, aquando da tomada de decisão, adoptam-na através de dois momentos distintos:

- i)* um primeiro, onde as possibilidades de escolha são alvo de uma redução por via de um critério que classifica as diferentes opções como não compensatórias²³, eliminando deste modo um conjunto de opções iniciais através de atalhos cognitivos, também designados por heurística²⁴. Este processo resulta numa simplificação do processo de escolha para o decisor dado que são descartadas logo à partida um conjunto de opções por serem inaceitáveis para o decisor de um ponto de vista do seu custo/impacto;
- ii)* um segundo, caracterizado pelo recurso a uma abordagem de pendor analítico, visando optar por uma das opções remanescentes da primeira etapa, com o intuito de maximizar benefícios e minimizar riscos (Mintz, 2004: 6).

Com efeito, constata-se que uma das premissas da teoria PH está relacionada com o facto de os decisores fazerem uso de estratégias mistas nos seus processos de tomada de decisão, incluindo naquelas, estratégias sub-óptimas, isto é, não se trata da melhor decisão

²¹ Note-se que esta teoria não é específica para a análise de política externa, sendo aplicável à tomada de decisão em matéria de segurança, economia e política interna (Mintz, 2005: 95).

²² Não obstante, Mintz refere que a adopção de opções não compensatórias relativas a constrangimentos de ordem política varia de sistemas não democráticos face àquelas impostas a líderes em democracia.

²³ Isto é, trata-se da eliminação, por parte do decisor, de opções que poderiam dar origem a resultados negativos, sendo que, um dos primeiros a ser considerado e descartado pelo decisor, segundo Mintz, são as opções que possam colocar em risco a sua continuidade enquanto líder político (Mintz, 2005: 94).

²⁴ Refere-se à simplificação do processo de tomada de decisão.

mas aquela que melhores condições oferece perante uma determinada situação (Mintz, 2004: 4).

Por fim, e antes de justificar a importância da teoria PH e apresentar uma tentativa de aplicação daquela ao caso qatari, importa notar que a acompanhar este quadro teórico é habitual a utilização de matrizes de decisão, habitualmente compostas por um conjunto de alternativas/opções (e.g. agir, aplicar sanções, contenção, uso de força) à disposição do decisor e das dimensões a serem tidas em conta (e.g. militar, económica, política, diplomática).

Assim, a escolha deste quadro teórico justifica-se pelos seguintes motivos: *i)* pela sua adaptabilidade ao sistema autocrático qatari; *ii)* pela relevância da dimensão interna aquando da elaboração da política externa qatari; e *iii)* pelo facto do modelo PH ser aplicável a decisões individuais (e.g. decisões do Emir), em grupo (e.g. resultantes da interacção entre o Emir e os restantes membros do Executivo e/ou outros actores de relevo), de tipo sequencial e de carácter estratégico (e.g. a decisão do Emirado ter começado a empreender uma política externa mais activa, designadamente através do desenvolvimento de sucessivas acções de mediação de conflitos).

Neste contexto, e a título de exemplo, recorde-se a decisão de Doha em avançar, em 1996, para uma intervenção enquanto mediador do conflito que decorria entre o Líbano e a vizinha Eritreia relativamente à disputa da soberania das ilhas Hanish no Mar Vermelho. Assim, e à luz da teoria PH, Doha teria avaliado a situação, criando pelo menos duas alternativas de decisão, intervir ou não intervir, pesando as implicações de cada uma das decisões em diferentes dimensões (e.g. política interna, diplomacia, projecção externa). De facto, Doha teria mais a ganhar ao propor-se como mediador naquela situação, face à decisão de abdicar em intervir.

Num primeiro plano, ao decidir intervir enquanto mediador, aquela decisão possibilitava ao Qatar consolidar as relações diplomáticas com os países em conflito, por outro lado, e independentemente do desfecho do conflito, o Qatar surgiria sempre na cena internacional enquanto actor com um papel activo na Comunidade Internacional e, por fim, configurava-se como uma iniciativa que poderia ser repetida no futuro – e que de facto se veio a confirmar – permitindo capitalizar algum prestígio e experiência naquele âmbito.

Também no que se refere ao quadro de implicações da decisão no plano interno, recorde-se que no ano anterior (em 1995) tinha ocorrido uma alteração de liderança no Emirado, pelo que a iniciativa de intervir no conflito lémen-Eritreia poderia facultar ao Emir Hamad bin Khalifa al Thani a sua afirmação, enquanto líder, junto da população qatari e do círculo de figuras que acompanha a família real, acumulando protagonismo e legitimando a sua, ainda curta – àquela data –, passagem no trono. Ainda a respeito da análise das possíveis implicações da decisão de mediar para o plano interno, e no que se refere a possíveis constrangimentos para a situação política interna qatari, note-se que, dada a natureza do regime qatari, isto é, uma monarquia sem a existência de partidos políticos e uma sociedade civil alinhada com o regime, possibilitava ao Emir a sua participação naquela acção sem o receio de crítica interna e/ou convulsões político-sociais capazes de “ferir” a liderança do Emirado.

Não obstante a escolha do corpo teórico realista é no entanto, possível a aplicação de inúmeras linhas de análise teórica, sendo que, em função do número de variáveis/condicionantes que forem tidas em conta, o processo de análise revestir-se-á de maior ou menor complexidade.

Abordagem ao conceito de *State Branding*

Para além da relevância do enquadramento conceptual típico da esfera das RI, como são de facto os casos de Waltz e Nye, importa de igual modo abordar na presente dissertação o conceito de *State Branding*²⁵, que tem sido explorado de forma deliberada por Doha no âmbito da sua política externa e, parecendo, inclusive, constituir-se como um vector estratégico para a projecção da imagem do país no exterior.

Recordando uma das características apontadas por Nye no conceito de *Soft Power*, “Com o poder suave, aquilo que o alvo pensa é particularmente importante...” (Nye, 2012: 106), sendo que, no caso do *State Branding*, trata-se da ideia de terceiros sobre um determinado país (Ham, 2001). Neste sentido, verifica-se um vínculo estreito entre aqueles dois conceitos, situação que leva Jorge de Vicente (2004: 1) a afirmar que, quando o *State*

²⁵ Também designado em diversas fontes por *Nation Branding*.

Branding é realizado de forma eficaz, pode providenciar *Soft Power*. O mesmo autor refere que o *State Branding* se define como a estratégia de marketing de um Estado para a promoção da sua imagem, produtos e grau de atractividade para o turismo e investimento directo estrangeiro (IDE), configurando-se deste modo num meio privilegiado de transmissão de uma ideia favorável sobre um determinado país. Pese embora a designação do conceito de *State Branding* seja pouco conhecida, no entanto, para o cidadão comum é habitual associar alguns países a marcas, situação que decorre da utilização do *branding*²⁶ para promover em termos turísticos a imagem de um país. Não obstante, o *State Branding* engloba outros vectores para além do turismo, nomeadamente a diplomacia, as exportações e o IDE, revestindo-se, assim, com outras dimensões e, naturalmente, outro alcance.

Um aspecto que cumpre realçar está relacionado com a dificuldade que países que não utilizam o *State Branding* têm em atrair a “atenção” de outros estados nos planos político-económico. Neste contexto, e como refere Peter Van Ham (2001: 1), a “*imagem e reputação são partes essenciais do activo estratégico de um país*”, aludindo à ideia de que a “*personalidade de um estado*” é referida como se se tratasse de produtos de consumo, descritos como “amigáveis” (e.g. de orientação ocidental), “credíveis” (aliados), “agressivos” (expansionistas) e “não fiáveis”. Já num caso em que um país recorra ao *State Branding* enquanto veículo de projecção da sua imagem, esta será tanto mais eficaz quando se verificar um alinhamento entre a “identidade da marca” e a “imagem da marca”, isto é, uma proximidade entre a perspectiva de quem produz a marca e a forma como a marca é percebida por terceiros.

Neste contexto, Kotler e Gertner (2002: 249) afirmam ainda que o *branding* pode constituir-se como factor diferenciador no âmbito de um ambiente de concorrência, tendo, por conseguinte, e caso seja utilizado correctamente, capacidade de conferir uma vantagem competitiva a um país. Porém, para avaliar a força do *branding* é necessária a avaliação do designado *brand equity*, que corresponde ao valor da marca e que se encontra assente no

²⁶ De acordo com a American Marketing Association (AMA) o *branding* define-se como “*a customer experience represented by a collection of images and ideas; often, it refers to a symbol such as a name, logo, slogan, and design scheme. Brand recognition and other reactions are created by the accumulation of experiences with the specific product or service, both directly relating to its use, and through the influence of advertising, design, and media commentary.*”. American Marketing Association. Dictionary. Disponível em: <https://www.ama.org/resources/Pages/Dictionary.aspx?dLetter=B>, [Consult. 17 Abr. 2014].

grau de lealdade, notoriedade, qualidade percebida, associações a outros produtos, patentes e marcas comerciais. No caso em apreço, isto é, quando o *branding* se encontra associado a um país, a designação passará a *country equity* (Kotler e Gertner, 2002: 250), referindo-se ao valor emocional que resulta da associação de uma marca a um país, podendo acrescentar ou retirar valor a um determinado produto/serviço. De facto, Gertner (2002: 250) sublinha que em investigações já realizadas, os consumidores terão maior predisposição para comprar produtos de países industrializados, decorrente do valor inerente ao *country equity*, demonstrando o peso significativo desta variável no momento de decisão do consumidor.

No que se refere, em concreto, à forma como pode ser efectuada a projecção da marca de um país, Jorge de Vicente (2004: 8) sublinha que esta pode ser realizada através de *logos*, *taglines*, *websites*, entre outros e, no que se refere à plataforma para a sua publicitação, poderão ser utilizadas a imprensa, companhias aéreas, televisão, internet, e outros. No caso específico do *branding* de origem qatari, verifica-se a existência de alguns *logos* que têm entrado paulatinamente, quer na esfera do *branding* a nível global, quer na mente dos consumidores, podendo, a título de exemplo destacar-se os seguintes:



Ainda no que se refere ao *branding*, verifica-se que, em determinadas situações, apresenta um papel relevante para a percepção de terceiros acerca de um país. Segundo Jorge de Vicente (2004), a relevância desta questão resume-se aos três seguintes pontos:

- i) a experiência com produtos ou serviços pode provocar uma revisão da imagem de um país;
- ii) as marcas e os países convergem com frequência na mente do consumidor global (e.g. Nokia enquanto sinónimo de Finlândia e Microsoft e MacDonald's de EUA);
- iii) marcas comerciais estão crescentemente a constituir-se como factor que molda a percepção da cultura nacional de um país.

Assim, e de acordo com os pontos anteriormente apresentados, verifica-se que em determinadas situações a “força” do *branding* pode influenciar a construção mental que o indivíduo tem de um determinado país, contribuindo, deste modo, para a edificação da “imagem da marca” associada a um país.

Um outro aspecto destacado por Kotler está relacionado com facto de a “imagem da marca” depender, tendencialmente, de uma ideia preconcebida influenciada pela geografia, história, declarações célebres, arte, música, cidadãos famosos entre outras características (Kotler, 2002: 251). Por outro lado, para Kotler a “*indústria do entretenimento e os media representam um papel particularmente importante no molde*” das percepções dos lugares, isto é, não apenas os produtos (e.g. perfumes, electrónica, instrumentos de precisão, vinhos, etc.), mas também doenças epidémicas, tumultos de cariz político, violação de direitos humanos, catástrofes ambientais, conflitos raciais, crises económicas, pobreza e crime violento. Trata-se de facto de uma esfera diversa de características que, associadas a um determinado país, poderão contribuir para a construção de uma imagem negativa ou positiva do mesmo.

Em diversos casos, refere também Kotler (2002: 251), as imagens preconcebidas de países encontram-se por vezes desactualizadas, facto que decorre de imagens construídas com base em estereótipos e *clichés*, justificando o autor que, esta situação advém da simplicidade e do conforto de que se reveste para o cidadão comum²⁷.

Porém, no caso específico qatari, e sobretudo no período pós-independência do Reino Unido, em 1971, admite-se que tenha existido um vazio de “imagem” do país a nível mundial, isto é, a inexistência de imagens pré-concebidas daquele Emirado para a generalidade da população mundial²⁸. Esta situação que decorre de variáveis tão distintas como a geografia, a fraca expressão do país junto da Comunidade Internacional, a inexistência de publicitação – à altura – do país nos *media* globais, entre outros factores. Por outro lado, perante uma situação de “vazio” de “imagem”, o Qatar teve a oportunidade de

²⁷ O mesmo autor refere que numa situação em que se pretenda melhorar a imagem de um país, poderá ser mais fácil implementar novas associações positivas ao invés de refutar associações antigas (Kotler, 2002: 255).

²⁸ Pese embora se admita um “vazio” de “imagem” do Emirado do Qatar, cumpre assinalar que a única excepção, e que se considera como a mais provável, é a existência de uma “imagem” do Emirado do Qatar enquanto país pobre e produtor de pérolas, contudo, trata-se de uma ideia pré-concebida que abrange apenas os países geograficamente mais próximos, bem como para uma percentagem mínima de indivíduos ocidentais que se encontravam no Qatar no âmbito dos primeiros estudos e acções de prospecção de hidrocarbonetos levados a cabo por empresas britânicas, norte-americanas e canadianas, entre outras.

construir uma “imagem de marca” de raiz, sem preocupações com preconceitos já instalados relativamente à imagem do país no exterior.

Ainda enquadrado no âmbito do conceito de *State Branding*, enquanto variáveis que contribuem para promoção da imagem do Qatar, importa assinalar o facto de Doha promover um conjunto de iniciativas das quais se destacam sobretudo aquelas relacionadas com a educação/cultura, desporto e turismo. Assim, no âmbito da educação e cultura, o Emirado qatari tem conseguido atrair para o território algumas Universidades Internacionais, destacando-se a título exemplificativo a University of Calgary Qatar, a Carnegie Mellon University in Qatar e a University College London, entre outras. Para além de sedear pólos universitários, tem sido ainda capaz de atrair centros de pesquisa e *think-thanks* como a RAND Corporation e o Brookings Institute.

Por outro lado, e no que se refere a iniciativas de carácter desportivo, o Qatar tem demonstrado ser capaz de receber eventos de dimensão internacional como os Jogos Asiáticos de 2006, a Copa da Ásia de 2011, tendo sido eleito para receber o Mundial de Futebol de 2022, evento para o qual se está a preparar e que tem merecido críticas contundentes por parte de diversas organizações não governamentais internacionais, pela sistemática violação de direitos humanos da mão-de-obra pouco qualificada que entra no país para trabalhar na construção das infra-estruturas para este evento²⁹.

A propósito da rubrica turismo, é de destacar o papel central que a Qatar Airways tem desempenhado ao nível da estratégia de marketing do país, em particular pela dimensão alcançada pela empresa (mais de 130 aeronaves), pelo número de destinos e diversidade geográfica (mais de 130 destinos nos diferentes continentes) e, ainda, pelo facto do Aeroporto Internacional de Doha configurar um *hub* ao nível do transporte aéreo mundial. Os factos anteriormente elencados contribuem assim de maneira significativa para a projecção da “imagem de marca” do Qatar, admitindo-se existir hoje uma associação consolidada entre o país e a Qatar Airways. Por fim, e ainda no âmbito da rubrica turismo, de assinalar os diversos eventos de carácter internacional de que Doha tem sido anfitriã, sendo que, o que maior projecção terá dado ao Emirado, até à data, tenha sido a IV

²⁹ A propósito das críticas apontadas ao Governo qatari a respeito do incumprimento dos Direitos Humanos dos trabalhadores envolvidos na construção das estruturas destinados à realização do próximo campeonato mundial de futebol em 2022 *vide* a descrição da Human Rights Watch. Disponível em: <http://www.hrw.org/world-report/2014/country-chapters/qatar>, [Consult. 25 Nov. 2014].

Conferência Ministerial da Organização Mundial de Comércio, em Novembro de 2001, e que, desde então, resultou na adopção do termo acordo de Doha.

Recuperando ainda o conceito de *State Branding* de Jorge de Vicente (2004: 13), onde refere que o *State Branding* é composto por quatro dimensões, designadamente, diplomacia pública, turismo, exportações e investimento externo, para efeitos de relacionamento daquele conceito com o objecto de estudo da presente dissertação, a Política externa qatari, importará aferir em que medida a Diplomacia Pública qatari contribui para a construção do *branding* do Emirado. Procurando, desde logo, definir o conceito de Diplomacia Pública, segundo Maria Regina Flor e Almeida (2003: 63) trata-se da “*pretensão de construir e divulgar, publicamente, uma determinada imagem do país, de promover um conjunto de valores, de justificar uma determinada acção ou de induzir a comunidade internacional para a aceitação pacífica de uma dada intervenção, e de angariar um capital de simpatia susceptível de dar eficácia à política externa delineada*”. Assim, e comparando a definição avançada com o caso qatari, importará realçar a manifesta intenção de Doha em introduzir na Comunidade Internacional a defesa de determinados “valores” e, com isso, colher a simpatia de terceiros. Em maior detalhe verifica-se, desde logo, a defesa de “valores” no âmbito da Constituição qatari, designadamente no artigo 7º, privilegiando, nomeadamente, a defesa da paz e segurança internacionais, a resolução pacífica de disputas entre estados, o apoio à auto-determinação e a não ingerência em assuntos internos de terceiros. Por outro lado, e de forma empírica, poder-se-á constatar que Doha conquistou a “simpatia” de Washington aquando da decisão de colocar uma base militar norte-americana em solo qatari, mas também os casos de mediação de conflitos já aludidos na presente dissertação [e.g. Iémen (2007-2010), Líbano (2008), Darfur (2009/2010) e Djibouti-Eritreia (2010)] contribuem para a construção de uma reputação de confiança. De facto, o *State Branding* qatari, para o qual a Diplomacia Pública do Emirado tem contribuído, assenta na sua essência, nos aspectos supra elencados, podendo admitir-se que, de acordo com os resultados alcançados por Doha, ressaltam, em termos gerais, elementos de sucesso caracterizadores da Política externa do Emirado.

Capítulo 2 – Perspectiva histórica da política externa qatari no período pós-independência

Para além da abordagem em termos conceptuais da Política externa, tendo em conta o caso particular da Política externa qatari, importará, de forma complementar, elaborar um capítulo autónomo no qual será realizada uma breve abordagem histórica à Política externa qatari no período pós-independência, elencando os principais momentos e figuras responsáveis pela agenda externa daquele Emirado. Contudo, para efeitos de enquadramento e paralelamente à análise do desenvolvimento da política externa qatari, importa igualmente avultar pormenores relativos à história recente do país, sobretudo desde o processo de independência qatari do Reino Unido que culminou em 1971.

A declaração de independência do Qatar foi precedida, anos antes, pelo anúncio do então Primeiro-Ministro britânico, Harold Wilson, à Casa dos Comuns, em 16 de Janeiro de 1968, informando que iria retirar todas as forças britânicas do Golfo Pérsico até ao final do ano de 1971³⁰ (Sato, 2009: 100). Com o fim da *Pax Britannica* na região e o espoletar de novas soberanias, o Emirado do Qatar é declarado um Estado independente, árabe e islâmico com a aplicação da *sharia*³¹ e passa a ser dirigido pelo então Emir Ahmad bin Khalifa al Thani, que viria a ser destronado num golpe palaciano um ano depois pelo seu sobrinho Khalifa bin Hamad Abdullah al Thani, (Baydun e Baum, 2012: 7). Garantida a independência, tiveram início o estabelecimento dos primeiros acordos bilaterais e a entrada em organismos multilaterais, tendo o Qatar logrado entrar em organizações regionais como a Liga Árabe (em 1971) e, dez anos mais tarde, figurando como membro fundador do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG)³².

Pese embora os primeiros sinais de operacionalização de uma política externa qatari logo após a independência, importa notar que a criação da primeira estrutura responsável pelas relações exteriores do Qatar remonta a 1969, com a constituição de um Departamento

³⁰ Até então, e de acordo com os termos estabelecidos, os britânicos asseguravam ao Qatar protecção militar e, em troca, Doha cedia os destinos da esfera das Relações Exteriores, incluindo o poder de abdicar de parte do seu território.

³¹ Originalmente designado em árabe por شريعة, refere-se ao Corão e/ou lei islâmica.

³² Corresponde ao acrónimo inglês de *Gulf Cooperation Council*, tendo sido criado em 25 de Maio de 1981. Gulf Cooperation Council. Disponível em: http://www.mea.gov.in/Portal/ForeignRelation/Gulf_Cooperation_Council_MEA_Website.pdf, [Consult. 20 Set. 2015].

e, no ano seguinte, de diferentes secções. Com o advento da soberania qatari, é criado o Ministério das Relações Exteriores no qual é integrado o supramencionado Departamento, sendo ainda criada a estrutura diplomática e consular, isto é, a designação das primeiras missões diplomáticas e consulares do Emirado do Qatar³³.

Ainda no âmbito deste contexto inicial, de abertura do Qatar à Comunidade Internacional, é de sublinhar que, na esfera das relações exteriores de Doha, também se verificaram momentos de tensão e conflito, designadamente com os vizinhos Bahrein e Arábia Saudita, decorrente de disputas territoriais. Com efeito, recorde-se as divergências territoriais entre o Qatar e o Bahrein a propósito do arquipélago Hawar, que, aquando da demarcação daqueles territórios antes da saída dos britânicos da região, as ilhas Hawar foram entregues ao Bahrein, embora a sua soberania nunca tenha sido reconhecida por Doha (Gause, 1994: 130). Aquela discordância resultou numa escalada da tensão que, segundo Singh (2005) culminou em 1986 com as forças qataris a dispararem contra cidadãos bahreinis e efectuarem a prisão daqueles, recordando-se que a Arábia Saudita ainda promoveu uma tentativa de mediação, no entanto sem qualquer sucesso³⁴.

Outro momento de tensão no âmbito das relações exteriores qataris ocorreu em Outubro de 1992 com a Arábia Saudita, nomeadamente quando forças de segurança de Doha e Riade se envolveram num incidente que provocou três mortos (2 qataris e 1 saudita), e que resultou, do lado qatari, na rescisão do acordo bilateral de 1965 relativo à delimitação territorial³⁵. A Arábia Saudita por sua parte acusou Doha de mover os seus postos fronteiriços para território saudita durante a Guerra do Golfo de 1991, enquanto as atenções da Comunidade Internacional estavam focadas no Kuwait (Gause, 1994: 131). De facto, as divergências entre o Qatar e a Arábia Saudita só viriam a ser resolvidas com o esforço de mediação do então Presidente egípcio Hosni Mubarak que, num encontro entre as três partes em Dezembro de 1992, contribuiu para o restabelecimento temporário das relações (Gause, 1994: 131). Não obstante, em 1993 e 1994 voltaram a suceder-se episódios

³³ Ministry of Foreign Affairs – History of the Ministry. Disponível em: <http://www.mofa.gov.qa/en/TheMinistry/Pages/History.aspx>, [Consult. 4 Jun. 2014].

³⁴ A disputa territorial foi resolvida no âmbito do Tribunal Internacional de Justiça, tendo determinado, em 16 de maio de 2001, que o Bahrein tem soberania sobre as ilhas Hawar, no entanto, excluiu as ilhas Janan e Hadd Janan como parte integrante das Hawar decidindo que pertencem ao Qatar.

³⁵ Refira-se que, os episódios de conflito que viriam entretanto a ocorrer tiveram como pano de fundo um acordo bilateral de segurança firmado entre Doha e Riade em 1982, o qual não foi suficiente para sustentar o grau de discordância face à delimitação territorial entre aqueles dois Estados.

de conflito entre aqueles dois países, traduzindo-se, na prática, ao boicote por parte do Qatar em Cimeiras do CCG, situação que foi entendida por Riade como um desafio à sua liderança no âmbito daquela organização regional. Apenas mais tarde, e após processos de negociação político-diplomáticos foi possível alcançar um acordo em 21 de Março de 2000, implicando a assinatura de um novo acordo de reconhecimento de novas fronteiras terrestres e marítimas (Askari, 2013: 103).

Talvez um dos momentos, que viria a tornar-se decisivo no âmbito da política externa qatari, esteja relacionado com uma alteração na esfera interna do Emirado, designadamente da sua liderança. Em 26 de Junho de 1995, Hamad bin Khalifa al Thani destronou o seu pai Khalifa bin Hamad Abdullah al Thani que se encontrava na Suíça (Maddy-Weitzmann, 1997: 527), acção que não foi bem recebida pelo seu pai e então Emir, que referiu, à altura, por via de um comunicado de imprensa entregue aos *media* em Genebra, que iria regressar “*a qualquer custo*”, descrevendo aquela situação como um “*comportamento anormal de um homem ignorante*” (Maddy-Weitzmann, 1997: 525). Note-se ainda que, de acordo com declarações do novo Emir à altura da subida ao poder, este contou com o apoio da família al Thani, das Forças Armadas, bem como do Reino Unido, EUA e membros do CCG (Maddy-Weitzmann, 1997: 525).

Pese embora a rápida substituição ocorrida na liderança do Emirado, importa assinalar que Hamad bin Khalifa al Thani já detinha algum capital de experiência já que, desde que regressou do Reino Unido, após a sua formação na Real Academia Militar de *Sandhurst* (em 1971), exerceu inicialmente funções de comando numa Brigada militar, tendo entretanto sido nomeado para Chefe de Estado Maior do Exército e posteriormente Chefe de Estado Maior das Forças Armadas qataris. De facto, aquele percurso viria a contribuir para que Hamad bin Khalifa al Thani, em 1977, fosse designado Príncipe herdeiro e Ministro da Defesa³⁶ do Qatar.

Como mencionado por Barakat (2012), diversas razões poderão estar subjacentes à mudança de liderança no Qatar, nomeadamente: *i)* o alegado apoio de Washington à realização do golpe de Estado demonstrado pelo rápido reconhecimento político do novo

³⁶ Cengage Learning, Biography in Context Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani, Emir. Disponível em: http://ic.galegroup.com/ic/bic1/ReferenceDetailsPage/ReferenceDetailsWindow?zid=6f6e238ef695956acdb0e581bc236ad6&action=2&catId=&documentId=GALE%7CK1610000166&userGroupName=fairfax_main&jsid=4540ded62a68de08aee890704a352973, [Consult. 3 Jun. 2014].

líder qatari (De Lage, 2005); *ii*) o facto de Hamad bin Khalifa al Thani considerar o seu pai como um obstáculo ao desenvolvimento económico do Emirado, assim como o facto de existir um alegado plano de transferência de poder para outro membro da família (Rabi, 2009); e *iii*) o facto de Hamad bin Khalifa al Thani entender que a Arábia Saudita teria uma influência excessiva sobre o seu pai (Ibrahim, 2012)³⁷. Contudo, outras versões, correntemente veiculadas nos *media* internacionais, referem também que Hamad bin Khalifa al Thani, para além de mais instruído que o seu pai, tinha um grau de ambição significativamente maior e que visava de facto uma modernização daquele Emirado, designadamente em termos sociais, tecnológicos, económicos e políticos, pelo que a liderança do seu pai obstava à concretização dos objectivos por si preconizados.

Com a entronização de Hamad bin Khalifa al Thani, o Qatar assistiu a um conjunto de medidas reformistas na esfera social, política e económica, das quais se destacam, a título de exemplo: *i*) a eliminação, em 1995, do Ministério da Informação, contribuindo, em parte, para a eliminação de um sistema de censura da informação publicada pelos *media* nacionais; *ii*) a criação, em 1996, do canal Al Jazeera³⁸ enquanto órgão de comunicação social que privilegiava a difusão de notícias do mundo árabe; *iii*) a realização, em 1999³⁹, das primeiras eleições Municipais no Qatar com recurso ao voto popular; e *iv*) a criação de uma comissão, em 1999, responsável por elaborar uma nova Constituição, a qual viria a ser apresentada em 2002 e sujeita votação por via de referendo em Abril de 2003, processo no qual os eleitores⁴⁰ aprovaram o documento com 96% dos votos.

Não obstante as supramencionadas transformações promovidas por Hamad bin Khalifa al Thani no plano interno qatari, importa igualmente notar que, com a sua chegada ao poder, começaram a verificar-se alterações no desenho da política externa do Emirado. De facto, é de destacar o estreitar de relações entre o Qatar e Israel com início em Setembro de 1996, através da criação da missão comercial israelita em Doha. Pese embora não se tratasse de uma representação diplomática *de facto*, constituiu-se como uma acção inédita

³⁷ Refere-se a uma entrevista realizada por Sultan Barakat a Ibrahim Hayder em 2012.

³⁸ Significa literalmente “a ilha”, sendo que a transliteração adoptada corresponde ao seu nome oficial e tem origem na palavra árabe الجزيرة.

³⁹ Freedom In The World, 2012. *Qatar*. Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/report/freedom-world/2012/qatar>, [Consult. 20 Mai. 2013].

⁴⁰ A Constituição viria a entrar em vigência em JUN05, destacando-se o facto de garantir a liberdade religiosa, de reunião e de expressão.

no âmbito do CCG, dada a inexistência de qualquer tipo de relação dos seus membros com Israel (Tobale, 2014)⁴¹. Entende-se que esta aproximação entre Doha e Jerusalém acentuou de forma mais marcada a ambição do Qatar em preconizar uma agenda própria em termos de política externa e independente do típico quadro regional caracterizado pela ausência de relacionamento externo entre os países do Golfo Pérsico e Israel. Com a aproximação entre o Qatar e Israel, os países árabes da região evidenciaram a sua insatisfação, designadamente a Arábia Saudita que, por ocasião da organização da Cimeira Económica dos países do Médio Oriente e Norte de África (MENA)⁴², em 1997, e decorrente do convite de Doha à participação de Israel, Riade sublinhou que aquela decisão constituía uma ameaça “*ao alto interesse da nação árabe*” (Machowski, 2011).

Não obstante o passo político-diplomático adoptado por Doha e que contribuiu para uma estratégia de diferenciação face aos vizinhos regionais, considera-se que um dos momentos que veio, de facto, confirmar a existência de uma estratégia alternativa, sobretudo ao nível da política externa qatari, teve início em 2006, quando o Qatar assumiu o assento no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) enquanto membro não permanente⁴³. Refira-se, a este propósito, que Doha contou, à altura, com o apoio das autoridades israelitas para a sua eleição (Machowski, 2011 e Tobale, 2014), evidenciando o bom momento que as relações entre Doha e Jerusalém atravessavam.

Segundo vários autores (Ulrichesen, 2013: 2; Barakat, 2012: 4), este momento viria, de facto, a constituir-se como um marco para a mudança de rumo e projecção da política externa qatari na Comunidade Internacional e designadamente na região, tendo coincidido com o encetar de um conjunto de acções de mediação de conflitos regionais e, posteriormente, no continente africano, destacando-se, nesse âmbito, os casos de mediação no Líbano (2007-2010), no Líbano (2008), no Darfur (2009/2010) e no Djibouti-Eritreia (2010). Ainda durante o período de permanência de Doha no CSNU, cumpre notar a sua postura igualmente não alinhada com os restantes membros do conselho, nomeadamente aquando da votação da Resolução 1696, em Julho de 2006, instando o Irão a interromper o seu programa de enriquecimento de urânio, tendo o documento sido aprovado com 14

⁴¹ Note-se que o Qatar foi o primeiro, no âmbito do CCG, a reconhecer Israel, em 1991.

⁴² Refere-se ao acrónimo em língua inglesa, *Middle East and North Africa*.

⁴³ United Nations Security Council. Elected Members of the Security Council. Disponível em: <http://www.un.org/en/sc/members/elected.asp>, [Consult. 20 Mai. 2013]

votos favoráveis e 1 contra do Qatar⁴⁴. Aquele momento viria a reiterar a postura autónoma adoptada por Doha em termos de política externa e que, no ano seguinte⁴⁵, iria estar plasmada no discurso do Emir Hamad bin Khalifa al Thani na Assembleia-Geral das Nações Unidas (AGNU), referindo que *“os principais conflitos no mundo tornaram-se demasiado grandes para um único poder assegurá-los por conta própria”*⁴⁶. Aquelas palavras poderão ter indiciado *de facto* o rumo que Doha pretendia dar à sua política externa e ao relevo do Qatar na arena internacional.

Dado o carácter pródigo que o Qatar demonstra na tomada de decisões inéditas no decurso da sua política externa, revela-se pertinente sublinhar o convite de Doha a Teerão para participar na cimeira do CCG, em Dezembro de 2007, resultando na presença do Presidente Mahmoud Ahmadinejad e que se consubstanciou num momento único nos 26 anos de existência do CCG (Anthony, 2007).

A suceder o período de membro não permanente no CSNU e de igual importância para a política externa qatari esteve a nomeação para Presidente da AGNU, em 2011, do diplomata e então Embaixador qatari na ONU, Nassir Abdulaziz Al Nasser, que viria a promover uma agenda dedicada ao processo de paz israelo-árabe, tendo convocado para o efeito uma reunião ministerial intitulada *“Sustained Peace in the Middle East”*, possibilitando novamente a Doha lograr alguma visibilidade enquanto actor que desenvolve esforços para alcançar a paz na região. Na prática, de acordo com uma entrevista dada por Nassir Al Nasser, quando interrogado sobre o que entrevia serem os maiores desafios à AGNU, aquele diplomata elencou a mediação como tema a explorar durante o mandato em que estaria em funções, projectando, deste modo, uma das principais prioridades do aparelho político-diplomático qatari directamente para a agenda da AGNU⁴⁷.

O trajecto qatari, desde a sua independência em 1971, tem-se vindo a assumir como uma estratégia de sucesso face ao estágio inicial do país, onde se recorda a sua dependência em termos securitários da Arábia Saudita e que, entretanto, foi paulatinamente alvo de um

⁴⁴ UN issues Iran nuclear deadline (2006), BBC News. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/5232288.stm>, [Consult. 8 Jun. 2014].

⁴⁵ Em Setembro de 2007.

⁴⁶ Amir of Qatar says it is up for Iraqi leaders to reach reconciliation, Kuwait News Agency (2007). Disponível em: <http://www.kuna.net.kw/ArticlePrintPage.aspx?id=1844048&language=en>, [Consult. 8 Jun. 2014].

⁴⁷ Interview with Nassir Abdulaziz Al-Nasser, President of the General Assembly, UN News Center (2011). Disponível em: <http://www.un.org/apps/news/newsmakers.asp?NewsID=44>, [Consult. 8 Jun. 2014].

processo de mudança, culminando num Emirado que se demarca dos seus vizinhos por via da sua postura geralmente independente e de *realpolitik* na esfera das relações exteriores. Não obstante, refira-se que se trata de uma política externa caracterizada simultaneamente pela sua ambiguidade e complexidade que resulta de uma matriz de relacionamentos político-diplomáticos e, em certos casos, económicos com países com visões consideravelmente antagónicas, como são o caso do Irão e Israel, ao mesmo tempo que mantém uma relação próxima com os EUA. É de facto uma triangulação diplomática sensível que Doha tem manifestado saber gerir, embora, por vezes, seja levada a ceder perante a pressão internacional⁴⁸.

⁴⁸ Refira-se a título de exemplo a votação favorável de Doha nas Resoluções 1737 (em DEZ06) e 1747 (MAR07), no âmbito do CSNU, que se traduziram num agravamento das sanções ao Irão. A decisão de Doha veio confirmar um revés na sua postura, tendencialmente favorável a Teerão – *Vide* caso da votação da Resolução 1696 –, evidenciando que as autoridades qataris também são alvo de constrangimentos no plano internacional aquando da tomada de decisões (Vatanka, 2012).

Capítulo 3 - Operacionalização da estratégia qatari no norte de África

Tendo em consideração o conteúdo do capítulo precedente, cujo objectivo principal consistiu em demonstrar, por via de um enquadramento histórico, a existência de uma “escalada” ao nível da intensidade da política externa qatari, contudo, aquele período viria apenas a constituir-se como um preâmbulo da estratégia subsequente do Qatar em termos de política externa. De facto, o que sucedeu às acções de mediação de conflitos foi uma intervenção mais assertiva do Qatar no teatro norte-africano, da qual resultou a “experiência piloto” da entrada de Doha na Líbia em plena ‘Primavera Árabe’, tendo-se constituído como um *player* de relevo que contribuiu para um conjunto de acontecimentos que viriam mais tarde resultar na queda de Muammar al Gaddafi, líder de um regime com mais de quatro décadas. Não obstante, e dado que a presença do Qatar naquela região é prévia ao fenómeno da ‘Primavera Árabe’, cumpre aquilatar em que condições o Qatar ingressou no norte de África, designadamente na Tunísia, no Egipto e na Líbia.

Tendo em consideração a particularidade da actuação qatari em cada um dos países em apreço, e dado que o *modus operandi* de Doha diverge em cada um dos casos, optou-se por efectuar uma análise individual a cada um dos países, sem desconsiderar, contudo, a evidência de alguns pontos de contacto entre si. Não obstante a importância da análise à influência e/ou presença qatari em cada um daqueles Estados, importa igualmente avaliar um dos vectores de projecção indirecta de Doha na região, isto é, aferir da significância e transversalidade do papel desempenhado pela cadeia de televisão Al Jazeera.

Neste contexto, a abordagem inicial do capítulo 3.1. procura analisar o fenómeno Al Jazeera e o seu impacto naqueles países e, em seguida, no capítulo 3.2. avaliar a relação entre Doha e a Irmandade Muçulmana, nomeadamente por via do mediático teólogo Yusuf al Qaradawi. Com o desenvolvimento daqueles dois temas poder-se-á avançar para uma análise de carácter mais individualizado, caso a caso, da projecção de interesses qataris na Tunísia (capítulo 3.3.1.), no Egipto (capítulo 3.3.2.) e terminando com o capítulo 3.4., inteiramente dedicado à participação do Qatar durante a revolução líbia.

3.1. O relevo e a projecção do fenómeno Al Jazeera

Como mencionado supra, uma das medidas que marcou a liderança de Hamad bin Khalifa al Thani foi a criação do *media* Al Jazeera na versão árabe em 1996, cerca de um ano depois de ter assumido a liderança do Emirado. Porém, e não obstante o mediatismo global hoje alcançado pela Al Jazeera, cabe notar que o seu crescimento e expansão globais foram realizados de forma gradual, tendo-se iniciado como um *media* essencialmente orientado para a esfera árabe, o que, não obstante, configurou uma marcada alteração de paradigma na diversidade e conteúdo das notícias veiculadas para aquele domínio. Conhecidos os constrangimentos ao nível da liberdade de expressão e de imprensa que caracterizavam, à altura, uma percentagem assinalável dos *media* do mundo árabe, a Al Jazeera demarcou-se daquela realidade e procurou, desde cedo, ventilar a ideia de que promovia a liberdade de pensamento, a independência e a abertura ao debate de ideias (El-Nawawy e Iskandar, 2003: 200). Outro aspecto igualmente privilegiado pela direcção daquele *media* e, decorrente do facto de ser financiada pelo Qatar, foi a tentativa, desde cedo, em dissipar dúvidas em torno da isenção nos critérios editoriais, sobretudo pelo facto de, em determinadas situações ser acusada de estar a servir de forma encoberta a agenda política de Doha, dando origem por diversas vezes ao pleito entre a cadeia de televisão e alguns regimes árabes. Não obstante a dimensão alcançada pela versão da Al Jazeera em árabe, sensivelmente dez anos depois foi lançada a Al Jazeera English, contribuindo para uma afirmação global daquele *media* e, podendo, inclusive, ser interpretado como uma estratégia de imposição da Política externa qatari na arena mundial, rivalizando directamente com as maiores cadeias *media* mundiais, como sejam os casos da CNN e BBC, e com a vantagem de um *insight* regional mais próximo.

Porém, de referir que, antes do lançamento da Al Jazeera English, cumprido em 01 de Novembro de 2006, registou-se um conjunto de eventos que potenciaram e favoreceram o lançamento daquele *media*, sublinhando-se o facto de o *timing* escolhido por Doha ter sido decisivo. Assim, recorde-se que, meses antes da primeira emissão da Al Jazeera, tinha sido cancelada a emissão da BBC em versão árabe que, por sua vez, teve um curto período

de “vida”, operando apenas durante cerca de 18 meses⁴⁹, permitindo à Al Jazeera beneficiar quer do vazio criado no universo dos *media* árabes quer da mão-de-obra especializada que tinha, entretanto, permanecido em situação de desemprego (Maalouf, 2008: 6). Outro aspecto igualmente marcante e que antecedeu a criação da Al Jazeera foi a eliminação, em 1996, do Ministério da Informação qatari (Rugh, 2004: 72), permitindo àquele *media* legitimar e veicular uma imagem favorável à liberdade de expressão e de imprensa, facto que, por sua vez, também foi amplamente veiculado na maioria da literatura disponível (Khalil e Kraidy: 2009: 80). Não obstante, cumpre realçar aspectos que permitem relativizar a aclamada medida de abertura de Hamad bin Khalifa al Thani com a abolição do Ministério da Informação, nomeadamente:

- i) a permanência em funções do Departamento de Censura mesmo após a eliminação do Ministério da Informação e que mais tarde, em 1998, viria a ser integrado no Departamento de Assuntos Comerciais do Ministério das Finanças, Economia e Comércio⁵⁰;
- ii) o facto de vigorar a Lei de Imprensa e Publicações nº 8 de 1979, que prevê um conjunto de restrições ao conteúdo das notícias publicadas, sob pena de ser aplicada uma multa e inclusivamente com direito a prisão. A título exemplificativo, note-se que é proibida qualquer referência crítica ao Emir, bem como notícias que possam colocar em causa a ordem do sistema político, colocando-o em risco, revestindo, ainda, as autoridades locais do poder de censura enquanto instrumento que compele os *media* a cumprirem com as normas vigentes (Rugh, 2004: 72).

Assim, embora Doha procurasse veicular para o exterior uma imagem reformista e de abertura, na qual a eliminação do Ministério da Informação se constituiu como uma demonstração concreta, como supramencionado, persistiram pontos de controlo governamental impossibilitando uma actividade jornalística livre de constrangimentos. De facto, considera-se que o que veio a verificar-se foi uma actuação aparentemente livre da Al Jazeera na qual são veiculadas notícias sobre terceiros – países, organizações e indivíduos –

⁴⁹ Richardson Media Limited, Extract from AL JAZEERA How Arab Tv News Challenged The World. Disponível em: <http://www.richardsonmedia.co.uk/BBC%20&%20Al%20Jazeera.pdf>, [Consult. 14 Jun. 2014].

⁵⁰ Qatar Business Law Handbook, International Business Publications USA. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=GLokGnVG130C&pg=PA86&dq=qatar+law+no.+25+intellectual+property&hl=pt-PT&sa=X&ei=PwK_UjqLInE0QWI54HYBQ&ved=0CDYQ6AEwAg#v=onepage&q=qatar%20law%20no.%2025%20intellectual%20property&f=false, [Consult. 14 Jun. 2014].

e uma ausência quase total de notícias versadas sobre a realidade qatari, situação que se perpetuou até hoje.

Embora o quadro legal qatari não tenha sido o mais favorável tendo em vista uma abertura total – em termos editoriais – da Al Jazeera, designadamente no que se refere a notícias do domínio interno qatari, a Al Jazeera alcançou um modelo de *media* significativamente diferente daquele a que os países árabes da região estavam acostumados, facto que é igualmente sublinhado por Mohamed Zayani, na obra *The Al Jazeera Phenomenon Critical Perspectives on New Arab Media* (2005):

“There is no doubt that Al Jazeera has played a leading role in an environment marked by the lack of alternative voices and opposing views, earning it the reputation of an Arab parliament on the air” (Zayani, 2005: 20).

Contudo, e como seria expectável, o manifesto grau de abertura do modelo Al Jazeera, difundido numa região onde prolifera um significativo número de regimes autocráticos e ultra-conservadores, criou espaço para que alguns dos conteúdos veiculados pelo canal qatari colidissem com alguns interesses, tal como refere *Zayani*:

“Al Jazeera has been regarded with suspicion by Arab governments who complain that its programs bruise their sensitivities and threaten the stability of their regimes. For a few Arab statesmen and leaders, Al Jazeera is out there to undermine the reverence with which they are treated in their own media, criticize them, challenge their wisdom and undermine the very legitimacy of their regimes.” (Zayani, 2005: 3).

Acresce que, para além da controvérsia em torno da difusão de programas gravados *a priori*⁵¹ acerca de temáticas sensíveis para alguns regimes da região, a Al Jazeera potenciou a reprovação daqueles regimes acerca da sua grelha de programação, com a difusão de *talk*

⁵¹ Refere-se a programas previamente editados e, concomitantemente, emitidos em diferido.

shows transmitidos em directo e sem qualquer tipo de controlo quer sobre a eventual sensibilidade dos temas a abordar quer relativamente ao conteúdo das intervenções dos convidados. Paralelamente à questão dos *talk shows* assinala-se ainda outro factor que veio caracterizar os programas da Al Jazeera, isto é, como refere David L. Swanson na obra *Comparing Political Communication: Theories, Cases, and Challenges* (2004: 57), o convite deliberado de indivíduos com opiniões divergentes visando potenciar situações de controvérsia e, inclusivamente, recorrendo ao convite de figuras israelitas para discursarem em hebraico, numa clara “manobra” provocatória tendo em consideração um *target* televisivo essencialmente composto por árabes. A respeito dos programas, *talk shows* e o facto de os seus conteúdos provocarem maior impacto no público-alvo daquele *media*, cabe destacar alguns dos programas emitidos pela Al Jazeera:

| Título | Apresentador(a) | Resumo |
|--|-------------------|--|
| <i>The Opposite Direction</i> | Faisal al Qassem | Talvez o programa mais popular e controverso emitido pela Al Jazeera. Trata-se de um programa composto por dois convidados com posicionamentos marcadamente divergentes e moderado por Faisal al Qassem que impõe, por sua vez, uma carga dramática considerável ao programa. Os temas abordados são diversos e podem ser de carácter político, religioso, social e económico, havendo ainda espaço para a intervenção dos telespectadores, quer por via telefónica, quer via <i>email</i> . |
| <i>For Women Only</i> ⁵² | Muntaha al Rahmi | Programa emitido uma vez por semana e dirigido por Montaha al Ramahi. Particularmente orientado para mulheres, sendo habitualmente convidadas individualidades distinguidas na esfera árabe para expressarem a sua opinião sobre temas diversos de índole social, política, científica e ambiental. O modelo do programa permitia a participação dos telespectadores por via telefónica. |
| <i>Without Frontiers aka Without Borders</i> | Ahmed Mansour | Programa de discussão sobre assuntos actuais dirigido por Ahmed Mansour e orientado para todos os sectores da sociedade. No leque de figuras convidadas, podem encontrar-se políticos e líderes partidários, intelectuais, académicos e peritos em islamismo, que respondem a perguntas ao vivo colocadas pelos telespectadores. |
| <i>Sharia & Life</i> | Yusuf al Qaradawi | Emitido semanalmente e dirigido pelo líder religioso Yusuf al Qaradawi, um reconhecido religioso muçulmano sunita de origem egípcia e, posteriormente, naturalizado com cidadania qatari, que aborda temas de interesse para a população árabe, tendo como base de análise o islão. O programa permite a participação da audiência e recebe, em determinadas ocasiões, convidados que tendem a representar outras linhas ideológicas na esfera do islamismo. |

⁵² Programa descontinuado em 2005, depois de Muntaha Al Rahmi ter sido contratada pelo *media* saudita Al Arabiya. Gatestone Institute International Policy Council, Al Jazeera: Non-Arabs Should Not Be Fooled. Disponível em: <http://www.gatestoneinstitute.org/3545/al-jazeera-extremism>, [Consult. 18 Jun. 2014].

| | | |
|-----------------------------|--------------------------|--|
| <p><i>Open Dialogue</i></p> | <p>Ghassan bin Jiddo</p> | <p>Líderes políticos e intelectuais respondem sobre temas diversos a perguntas colocadas por cerca de 10 a 12 indivíduos da audiência. Note-se que Ghassan bin Jiddo integrou, em 2007, a lista dos “100 árabes mais poderosos” elaborada pela revista semanal Arabian Business.</p> |
|-----------------------------|--------------------------|--|

Fonte: *Elaboração própria com base em Allied Media Corp.*⁵³, *The Guardian*⁵⁴,

Rinnawi (2006: 106), Rugh (2004: 231) e Esser e Pfetsch (2004: 57)

Porém, e como anteriormente mencionado alguns dos conteúdos programáticos da Al Jazeera não se limitaram a espoletar a discussão no âmbito da sociedade civil dos países árabes da região, tendo, paralelamente, obtido a reacção das autoridades oficiais de alguns daqueles países, terminando, nalguns casos, no fecho dos escritórios daquele *media* naqueles territórios. Para efeitos exemplificativos, note-se alguns dos casos mais mediáticos, expostos de forma cronológica:

- **1998** – O Ministério da Informação jordano, por via do Departamento de Imprensa e Publicações, cancela a acreditação da Al Jazeera para operar naquele território (Rinnawi, 2006: 89);
- **1999** – As autoridades líbias e tunisinas criticam a Al Jazeera por conceder demasiado tempo de antena aos líderes da oposição daqueles dois regimes (Rinnawi, 2006: 88);
- **Maio de 2001** – O Serviço de Segurança Preventiva palestina encerra o escritório da Al Jazeera em Ramallah sem qualquer aviso prévio, estando aquele episódio alegadamente relacionado com críticas à Autoridade Nacional Palestiniana, nomeadamente abuso de poder e corrupção (Rinnawi, 2006: 89);
- **Novembro de 2002** – As autoridades do Kuwait encerram o escritório da Al Jazeera, por considerarem que o *media* adoptou uma posição “*hostil*” face àquele Emirado, decorrente de uma notícia acerca de que uma operação conjunta Kuwait-EUA, em que um quarto do território do kuwaitiano estaria encerrado para manobras militares (Rinnawi, 2006: 89 e The Guardian⁵⁵);

⁵³ Allied Media Corp. Multicultural Communication, Al Jazeera. Disponível em: http://www.allied-media.com/aljazeera/Al_jazeera_tv_programs.html, [Consult. 18 Jun. 2014].

⁵⁴ The Guardian, Battle Station. Disponível em: <http://www.theguardian.com/media/2003/feb/07/iraqandthemedias.afghanistan>, [Consult. 18 Jun. 2014].

⁵⁵ The Guardian, Kuwait shuts down al-Jazeera bureau. Disponível em: <http://www.theguardian.com/media/2002/nov/05/broadcasting2>, [Consult. 18 Jun. 2014].

- **Agosto de 2004** – A Al Jazeera é expulsa do Iraque, pelo então Ministro da Defesa, Hazim al Shaalan, que se referiu àquele *media* como um “canal de terrorismo” (Lebanon Wire⁵⁶);
- **Outubro de 2004** – Washington acusa a Al Jazeera de “alimentar” o sentimento anti-americano por via da cobertura das operações militares americanas no Afeganistão, difundindo declarações do líder da Al-qaeda, Osama bin Laden (Lebanon Wire⁵⁷);
- **Abril de 2005** – Teerão decreta o encerramento temporário das instalações do *media* qatari, depois de retratar uma situação de violência perpetrada pela minoria árabe iraniana na província do Khuzistão e descrevê-la como uma acção de carácter separatista (Lebanon Wire⁵⁸);
- **Outubro de 2006** – As autoridades tunisinas encerram a Embaixada em Doha enquanto medida de protesto ao que designaram por “*campanha hostil*” preconizada pela Al Jazeera contra Tunis. A decisão do Governo tunisino sucede-se a uma entrevista a Moncef Marzouki – então opositor do ex-Presidente Zine El Abidine Ben Ali – na qual instou a população tunisina a encetar acções de “*resistência civil*” (Lebanon Wire⁵⁹).

Perante o quadro de acontecimentos anteriormente elencado, verifica-se que apenas dois anos após a estreia da primeira emissão televisiva da Al Jazeera, o modelo de trabalho adoptado pelo *media* qatari experimentou um processo de reacções negativas por parte de alguns regimes na região do MENA, colidindo de forma significativa com os seus interesses. Outro aspecto que cumpre realçar está relacionado com a frequência com que as acusações de imparcialidade à Al Jazeera são igualmente dirigidas a Doha, aludindo a uma situação de interdependência entre a acção do *media* e a agenda das autoridades qataris.

De facto, o último exemplo apresentado – o encerramento da Embaixada tunisina em Doha – demonstra de forma evidente quão indissociável se torna a imagem da Al Jazeera face às autoridades qataris, sendo que as acusações de efectiva falta de independência editorial da Al Jazeera viriam a ser confirmadas com a publicação dos telegramas diplomáticos norte-americanos por via da plataforma *wikileaks*. A este respeito cumpre sublinhar alguns excertos dos referidos telegramas, referentes ao ano de 2005, onde se

⁵⁶ Lebanon Wire, Tunisia closes embassy in Qatar over Al-Jazeera 'campaign'. Disponível em: <http://www.lebanonwire.com/0610MLN/06102530MAF.asp>, [Consult. 18 Jun. 2014].

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ibidem.

verifica a cumplicidade entre Doha e Washington a propósito dos conteúdos noticiosos divulgados no *website* da Al Jazeera, tendo sido discutidos entre o então responsável, Wadah Khanfar, e o *Public affairs officer* (PAO) da Embaixada norte-americana em Doha.

“Summary: PAO met 10/19 with Al Jazeera Managing Director Wadah Khanfar to discuss the latest DIA [U.S. Defense Intelligence Agency] report on Al Jazeera and disturbing Al Jazeera website content. Khanfar is preparing a written response to the DIA points from July, August and September which should be available during the coming week. Khanfar said the most recent website piece of concern to the USG has been toned down and that he would have it removed over the subsequent two or three days.”
(Wikileaks, 2005⁶⁰)

Perante o incómodo demonstrado pelas autoridades norte-americanas resultou a retirada de conteúdo informativo disponibilizado no *website* da Al Jazeera, porém, e dada a inexistência de detalhes quanto ao tipo de informação que espoletou um impacto negativo junto de Washington, cumpre realçar outro excerto do mesmo telegrama (*REF ID O5DOHA1765, Wikileaks, 2005*⁶¹).

“PAO told Khanfar that despite an overall decrease in negative coverage since February, the month of September showed a worrying increase in such programming over the previous month. She summarized the latest USG reporting on Al Jazeera by noting that problems still remain with double-sourcing in Iraq; identifying sources; use of inflammatory language; a failure to balance of extremist views; and the use of terrorist tapes.”

Assim, e de acordo com o supramencionado excerto, torna-se evidente que, para além do evidente exercício de monitorização – por parte dos EUA – da informação veiculada pela Al Jazeera, bem como o facto de manterem encontros com responsáveis do *media* qatari para esclarecimentos, nota-se ainda que o grau de preocupação de Washington encerra assuntos como: *i)* a frequência com que notícias de teor tendencialmente negativo para os EUA eram ventiladas; *ii)* o teor da linguagem utilizada, sobretudo aquela

⁶⁰ Wikileaks, PAO Meeting with Al Jazeera Managing Director. Disponível em: <http://www.informationclearinghouse.info/article29104.htm>, [Consult. 21 Jun. 2014].

⁶¹ Wikileaks, PAO Meeting with Al Jazeera Managing Director. Disponível em: <http://www.informationclearinghouse.info/article29104.htm>, [Consult. 21 Jun. 2014].

caracterizada por ser excessivamente “inflamada” sobre os interesses de Washington; e *iii*) a emissão de gravações de organizações terroristas.

A informação disponibilizada naquele telegrama evidencia a participação de dois actores, a Al Jazeera e as autoridades norte-americanas, contudo, também Doha participava directamente naquele processo, destacando-se a título de exemplo o encontro entre o ex-Embaixador norte-americano em Doha, Charles Graves Untermeyer, e o então Director do Departamento para a Europa e Américas do Ministério das Relações Exteriores do Qatar, Abdulla Hussain Al-Jaber. Durante um encontro entre Untermeyer e Al-Jaber⁶², o diplomata norte-americano sublinhou existirem conteúdos censuráveis – do lado norte-americano – no *website* da Al Jazeera, mencionando ainda que “*aquele é o tipo de reportagem irresponsável que conduz a problemas e tensões*” nas relações bilaterais entre aqueles dois países. Por via dos excertos apresentados é possível admitir que, para além da inconveniente política editorial da Al Jazeera para os interesses norte-americanos, Washington evidenciou ainda capacidade efectiva para exercer pressão, quer sobre o *media*, quer sobre o aparelho diplomático qatari. Por sua vez, Doha demonstrou-se aberta e complacente com o manifesto desagrado de Washington, permitindo e facilitando a intervenção na escolha dos conteúdos publicados pela Al Jazeera.

Neste quadro, e recuperando as matérias até agora elencadas, isto é, os programas da Al Jazeera, os episódios de conflito entre regimes da região e aquele *media*, e o facto de Washington, em diversas ocasiões, ter demonstrado capacidade de ingerência no seio editorial da Al Jazeera, estes elementos têm como propósito colocar em evidência a “força” e impacto das emissões do canal qatari – o que na prática também poderá ser incluído como um claro elemento de *Soft Power* – configurando-se esta abordagem como um passo preliminar para encetar a análise a programas de teor religioso emitidos pela Al Jazeera, matéria desenvolvida no capítulo subsequente.

⁶² Wikileaks, Embassy Demarche on Objectionable Al Jazeera Director. Disponível em: <https://wikileaks.org/cable/2005/10/05DOHA1734.html>, [Consult. 21 Jun. 2014].

3.2. O fio condutor entre Doha, a Irmandade Muçulmana e o mediático Al Qaradawi

A emissão de programas de carácter religioso, na Al Jazeera, caracteriza-se por ter criado um misto de sentimentos, isto é, se nalguns casos a reacção desencadeou controvérsia (Zayani, 2005: 133) e perplexidade, noutros constituiu-se como uma nova voz significativamente considerada no seio da sociedade árabe e, em particular, na *Ummah*⁶³ islâmica. Assim, e perante o fenómeno de “tele-islamização” constitui-se como caso modelo para a presente dissertação o programa *Sharia & Life*⁶⁴, dirigido pelo mediático Yusuf al Qaradawi, o qual será avaliado à luz da projecção dos interesses qataris através do “veículo” religião. Embora o referido programa tenha uma importância *per se*, porém, a relevância do programa de al Qaradawi extravasa o tema Al Jazeera, estando estreitamente relacionado com a insólita relação entre Doha e a Irmandade Muçulmana (IM), uma organização revivalista islâmica sunita, seguida e propagandeada pelo teólogo conservador al Qaradawi. Contudo, e não obstante a pertinência em analisar o vínculo entre Doha e a IM, cumpre primeiramente, e para efeitos de enquadramento, abordar de forma breve a origem daquela organização, bem como o trajecto de vida do seu fundador e princípios orientadores aquando da génese da organização.

A propósito da significativa escala hoje alcançada pela IM, constituindo-se como o principal *non-state actor* no Egipto e configurando-se como a organização “mãe” de um conjunto de organizações afiliadas da IM, nomeadamente na Jordânia, Palestina, Kuwait, Síria, Iraque, Sudão e também no norte de África, de referir que tem a sua origem em 1928 com Hasan al Banna (Wickham, 2013: 20). A concepção da IM está profundamente relacionada com as vivências de al Banna, designadamente pelo facto de ter vivido um período político e ideologicamente conturbado no Egipto do início do séc. XX, marcado pela existência de movimentos políticos de tendência secular, corrente a que se opunha al Banna, fruto do ambiente tradicional islâmico em que foi criado, muito por influência do seu

⁶³ De acordo com Margarida Santos Lopes, *Ummah*, proveniente da palavra árabe *أمة*, que significa comunidade, povo ou nação, tratando-se de um termo de importância central no islão já que está relacionado com a unidade e igualdade não obstante a “*diversidade étnica, geográfica e cultural e até política*” (Lopes, 2010: 141).

⁶⁴ A transliteração aproximada é *Al Sharia wal Hayat*, proveniente da designação em árabe *الشريعة والحياة*.

pai, Ahmad al Banna, um *Imam*⁶⁵ e professor numa mesquita local, formado na Universidade de Al Azhar. De facto aquele ambiente viria a contribuir para o trajecto de Hasan al Banna em movimentos religiosos, avultando referir que aos treze anos de idade foi designado para dirigir um novo grupo afiliado da Ordem Hasafiyya que preconizava “a luta pela preservação da moral islâmica e a resistência ao trabalho dos missionários cristãos” (Wickham, 2013: 21). Foi neste contexto em que, anos mais tarde, al Banna iria criar a IM que, de acordo com o *website* oficial em língua inglesa daquela organização, e a respeito dos seus princípios orientadores refere o seguinte:

“While strongly disapproving of local brands of Nationalism, particularly if they were western-inspired and secularly-minded, Banna developed his vision of Pan-Islamic Nationalism, insisting that Islam and Nationalism were complementary, especially when the latter operated within the parameter of the Islamic truth, since, for the Muslim Brethren, Islam was of course both religion and state.” (Ikhwanweb, 2008)⁶⁶

De acordo com aquela fonte, al Banna criou a IM com o intuito de “combater” a ideologia ocidental e secular que se encontrava em expansão, à altura, no Médio Oriente, advogando um regresso ao islamismo enquanto solução para as “doenças” da *Ummah* muçulmana. Perante a denominada degradação do quadro de valores, a IM, afirmou-se como um actor com um papel marcadamente reformista na sociedade egípcia, mas também serviu de modelo para a emergência de “braços” da IM noutros países, designadamente na Síria, Sudão, Jordânia e, inclusivamente, para além da esfera regional, alcançando o Irão, Paquistão, Indonésia e Malásia. Outro aspecto, a sublinhar, está relacionado com o facto de a IM não se limitar à esfera religiosa, compreendendo, ainda os planos social e político, diferenciando-se desta maneira da típica organização religiosa.

No que se refere à aproximação do *ulama*⁶⁷ Yusuf al Qaradawi à IM, cumpre realçar a descrição de Ana Belén Soage na obra *The Muslim Brotherhood: The Organization and Policies of a Global Islamist* (Rubin, 2010: 20), referindo que Yusuf al Qaradawi foi levado

⁶⁵ Transliteração da palavra árabe إمام com o significado de líder de oração.

⁶⁶ Ikhwanweb - The Muslim Brotherhood's Official English Website, Hasan Al-Banna and his Political Thought of Islamic Brotherhood. Disponível em: <http://www.ikhwanweb.com/article.php?id=17065&ref=search.php>, [Consult. 21 Jun. 2014].

⁶⁷ Pode traduzir-se como “homens de sabedoria”, sendo que no islão sunita são indivíduos com formação em ciências religiosas (Lopes, 2010: 356). A transliteração tem origem na palavra علماء.

pelo seu primo para assistir a uma palestra de al Banna, proporcionando-se, assim, o primeiro contacto com o fundador da IM (Rubin, 2010: 20). A partir daquele momento, al Qaradawi aproveitaria todas as oportunidades para assistir às palestras de al Banna, situação que terá contribuído para a sua posterior integração na IM⁶⁸.

Contudo, a incorporação de al Qaradawi na IM ocorreu durante um período particularmente conturbado da política interna egípcia, isto é, no decurso de movimentos de protesto contra o colonialismo britânico nos quais a IM teve um papel particularmente interventivo. De facto, Ana Belén Soage (Rubin, 2010: 20) refere que, no contexto daqueles protestos, al Qaradawi isenta a IM de quaisquer “erros” cometidos, designadamente no que se refere aos homicídios do juiz Ahmad al Khazandar e do então Primeiro-Ministro (PM) Mahmud al Nuqrashi, pelos quais al Qaradawi culpa organizações secretas no interior da IM, considerando que se encontravam fora de controlo. Não obstante, e decorrente da “onda” de detenções ocorridas no seguimento da morte do PM al Nuqrashi, sublinhe-se a prisão de al Qaradawi, constituindo-se como a primeira de futuras prisões a que seria submetido. De acordo com a mesma autora (Rubin, 2010: 20), al Qaradawi seria preso de 1954 a 1956, tendo, entretanto, sido proibido de pregar e ensinar em 1959 e terminando por ser preso em 1962. Perante uma postura notoriamente repressiva do então regime liderado por Gamal Abdel Nasser⁶⁹ face à IM, inicia-se uma tendência de “fuga” de membros daquela organização para o exterior, sendo acolhidos por alguns países árabes e nomeadamente do Golfo, como foram de facto os casos da Arábia Saudita e do Qatar. Não obstante a pressão do regime que originou um fluxo de membros da IM para o exílio, cumpre assinalar que al Qaradawi saiu do Egipto noutras condições, isto é, ter-se-á candidatado a uma posição num dos centros da Universidade de Al Azhar no exterior, situação que lhe permitiu ir para Doha. De acordo com diversos autores, designadamente Ana Belén Soage na obra *Shaykh Yusuf Al-Qaradawi: Portrait Of A Leading Islamist Cleric* (2008: 53) e Bettina Gräf com a obra *Yusuf Al-Qaradawi* incluída em *Oxford Handbook of Islam and Politics* (2013: 223), al Qaradawi foi convidado para dirigir o então recém-inaugurado Instituto de Estudos Religiosos, com ligação à Universidade de Al Azhar, admitindo-se que tenha sido a partir desse momento que se iniciou um estreitamento de relações entre al Qaradawi e Doha, já que, de acordo com as mesmas fontes, viria posteriormente a ser responsável pela criação do

⁶⁸ Diversas fontes referem que a integração de al Qaradawi na IM terá ocorrido entre 1942 e 1943.

⁶⁹ Recorde-se que em 1954 a IM tentou perpetrar o homicídio de Abdel Nasser, porém, sem sucesso.

Departamento de Estudos Islâmicos na *Teacher Training College* (Rubin, 2010: 20). Acresce que, na mesma obra é referido que al Qaradawi ensinou Khalifa bin Hamad al Thani – que viria a ser o futuro Emir de 1972 a 1995 – em matérias relacionadas com o Ramadão, situação que terá certamente contribuído para reforçar o relacionamento com a família real al Thani (Esposito e Shahin, 2013: 223). Porém, quando as autoridades egípcias se rejeitaram a prolongar a autorização de permanência de al Qaradawi no Qatar, o então Emir ofereceu uma posição permanente ao teólogo egípcio, bem como um passaporte qatari, permitindo também inferir a existência de uma possível relação privilegiada com a família real qatari. O Qatar passaria a configurar-se como um “porto seguro” para al Qaradawi desenvolver a sua actividade profissional sem ingerência de terceiros, possibilitando-lhe realizar o convite a colegas, académicos e membros da IM do Egipto e de outros países, sendo que, o facto de possuir passaporte qatari permitia também a realização de viagens para o exterior sem constrangimentos.

Pese embora a relação aparentemente sólida entre Doha e al Qaradawi e concomitantemente com a IM, cumpre no entanto analisar esta relação à luz da leitura que cada uma das partes tem do Islão, isto é, como refere Bernard Haykel (2013: 1), a interpretação tradicional do Islão no Qatar diverge da visão da IM, caracterizada por ser um movimento político vanguardista com uma base de apoio essencialmente popular, cujos membros procuram que a liderança de um Estado seja executada em nome do islão e que a descrevem como um sistema de compreensão ideológico e social⁷⁰. Segundo o mesmo autor, enquanto Doha subscreve oficialmente a corrente do waabismo⁷¹ e a escola de jurisprudência islâmica Hanbalita⁷², a qual defende uma obediência política ao governante em funções, que no caso qatari é o Emir, porém, no caso da IM esta defende a *sharia* como princípio orientador do Estado e da Sociedade, advogando ainda a unificação dos estados islâmicos e evidenciando um posicionamento desfavorável a regimes monárquicos, situação

⁷⁰ HAYKEL, B. (2013), Norwegian Peacebuilding Resource Centre, Qatar and Islamism. Disponível em: http://www.peacebuilding.no/var/ezflow_site/storage/original/application/ac81941df1be874ccbda35e747218abf.pdf, [Consult. 22 Jun. 2014].

⁷¹ Trata-se de um movimento de revivalismo islâmico do séc. XVIII, tendo sido fundado por Muhammad ibn Abd al Wahhab, teólogo da escola Hanbalita, enquanto resposta ao declínio moral e político da comunidade muçulmana daquele tempo. Aquele movimento advoga um regresso aos princípios básicos da religião, com particular enfoque no Corão e aceitando, à altura da sua fundação, a “destruição, se necessário pela violência dos lugares onde se idolatravam santos e ídolos, mas também santuários” (Lopes, 2010: 368).

⁷² Uma das quatro escolas de direito ortodoxo islâmico (a par da Hanafita, Malikita e Shafita) caracterizando-se por ser a mais fundamentalista (Lopes, 2010: 141).

que colide com a realidade qatari e, concomitantemente, com os seus interesses (Haykel , 2013: 1). Tendo apenas em consideração a dimensão religiosa para avaliar o relacionamento entre Doha e a IM, nota-se uma matriz de contradições que, *a priori*, permitiria descrever aquela relação como improvável, contudo, a mesma viria a intensificar-se com o tempo, culminando numa situação caracterizada pelo seu mediatismo, através da participação de al Qaradawi na Al Jazeera, potenciando, por um lado, a projecção da figura do *ulama* junto dos países árabes e da *Ummah* islâmica e, por outro, permitindo a Al Jazeera apresentar-se enquanto meio privilegiado para veicular a *sharia* e potenciando a aceitação e legitimação do canal qatari junto da esfera árabe e muçulmana.

Pese embora a exposição e mediatização de al Qaradawi se ter efectivado com maior ímpeto com o início das emissões do programa *Sharia & Life* – coincidindo com o início do *media* Al Jazeera –, note-se que antes daquele programa al Qaradawi já transmitia na televisão nacional qatari e para outros *media* árabes os seus discursos e as *fatwa*⁷³, sendo que, de acordo com Gilbert Achcar na obra *People Want: A Radical Exploration of the Arab Uprising*, a emissão de *Sharia & Life* atingiu no espaço de poucos anos uma audiência estimada entre 35 milhões a 60 milhões (2013: 112). O programa de al Qaradawi, emitido em directo e com duração de 90 minutos configura na prática uma plataforma de aconselhamento de códigos de conduta para os seguidores do islão (Zayani, 2005: 133). Porém, há casos em que o conteúdo das declarações veiculadas por al Qaradawi também geram considerável controvérsia, situação que decorre quer do posicionamento manifestado pelo *ulama* em assuntos diversos quer dos temas eleitos para discussão no âmbito do seu programa, destacando-se a título de exemplo, alguns dos casos que nos últimos anos foram responsáveis por gerar polémica e/ou surpresa:

- Ao longo dos anos, durante a emissão do programa *Sharia & Life* a discussão de alguns dos seguintes temas, designadamente, em 1997, “A mulher muçulmana no Ocidente”, em 1998, a “A posição da mulher no islão”, “O casamento *Misyar*”⁷⁴ (um contrato temporário de casamento)”, “Porque o islão organiza e regula o casamento”, em 2000, “A libertação da

⁷³ Termo técnico utilizado na lei islâmica para se referir a um édito ou decreto interpretativo ou orientativo (Lopes, 2010: 117). Relativamente ao indivíduo qualificado para emitir uma *fatwa*, designa-se por *mufti*, com origem na palavra árabe, *المفتي* (Lopes, 2010: 242).

⁷⁴ Trata-se de um contrato temporário de casamento característico do universo sunita, em que é oficialmente descrito como uma relação conjugal entre um homem e uma mulher, contudo, sem viverem juntos e onde o homem não é financeiramente responsável pela mulher. O contrato apresenta ainda uma natureza temporária, embora não apresente *a priori* uma data para o seu término, sendo que a finalização deste fica ao critério do homem.

mulher no mundo árabe”, e em Fevereiro de 2003, “*A visão do islão na participação das mulheres na vida pública*” (Zayani, 2005: 133-134);

- No seguimento dos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001, al Qaradawi criticou aquela acção e instou os muçulmanos a unirem-se contra todos os que aterrorizam inocentes e sublinhou a necessidade de se proceder à detenção dos indivíduos responsáveis por perpetrar aquele ataque, bem como daqueles que tenham prestado qualquer tipo de apoio (e.g. incitamento e financiamento)⁷⁵;
- Após os ataques terroristas de Outubro de 2002 em Bali, al Qaradawi condenou aqueles ataques e afirmou “*Islam not only prohibits attacking non-Muslims who do not launch attacks against Muslims, but it also urges Muslims to treat those non-Muslims with due respect and kindness*”⁷⁶;
- Em 2002, durante as eleições parlamentares do Bahrein, al Qaradawi manifestou-se favorável à participação das mulheres, enquanto candidatas, posição que foi imediatamente rejeitada por um clérigo saudita (Zayani, 2005: 133);
- Em 2003, por ocasião da nomeação da primeira mulher juiz no Egipto, al Qaradawi deu a sua aprovação, contrariando deste modo a autoridade religiosa egípcia que se manifestou apenas favorável a que a eleita lhe fosse apenas permitido escrever opiniões quanto ao resultado da sentença do tribunal e não ao poder de decisão em casos judiciais (Zayani, 2005: 133);

De facto, o *mufti* al Qaradawi acumula um longo historial de intervenções públicas e controversas *fatwa*, assumindo-se como uma figura de referência no âmbito da *Ummah* islâmica, facto que é comprovável tanto pela dimensão do universo de telespectadores alcançado, como pelo impacto das mensagens ventiladas para os *media*. Porém, e para além da auto-propaganda desenvolvida por al Qaradawi, que serve, numa primeira instância para se publicitar a ele próprio e dar audiência à Al Jazeera, admite-se também que aquele *ulama* se possa constituir como uma “peça” com alguma preponderância para a projecção dos interesses qataris, pelo que foi desenvolvido um esforço de pesquisa tendente a reunir momentos que permitam evidenciar a existência

⁷⁵ The American Muslim, Muslim Voices – Part I Fatwas & Formal Statements by Muslim Scholars & Organizations. Disponível em: http://theamericanmuslim.org/tam.php/features/articles/muslim_voices_against_extremism_and_terrorism_part_i_fatwas/, [Consult. 22 Jun. 2014].

⁷⁶ Ibidem.

desse vínculo, designadamente no que se refere à eventual relação com os territórios que se constituíram como os epicentros das diversas revoluções árabes.

Com efeito, num primeiro momento poder-se-á admitir que, enquanto al Qaradawi servir os interesses da Al Jazeera, estará indirectamente a favorecer os interesses de Doha, contudo, o objectivo que se pretende por ora alcançar está relacionado com declarações públicas de al Qaradawi quer por via do programa *Sharia & Life* quer através das *fatwa* ou por outras vias, que permitam evidenciar uma partilha da visão que Doha tem para o mundo e simultaneamente servindo de instrumento facilitador à projecção dos interesses qataris.

3.3. A projecção dos interesses de Doha no norte de África

Como mencionado no decurso da presente dissertação, não obstante a relevância da projecção do interesse qatari por via da Al Jazeera e através de al Qaradawi e, conseqüentemente, através da Irmandade Muçulmana, cumpre também avaliar de que modo Doha se projectou para alguns dos teatros norte-africanos, designadamente nos casos da Tunísia, do Egipto e da Líbia, com particular relevo, mas não de forma exclusiva⁷⁷, para a intervenção da Política externa qatari naquela geografia durante o período da designada ‘Primavera Árabe’. A importância de aferir sobre a intervenção de Doha nos casos em apreço revela-se de particular interesse na medida em que é realizada uma abordagem ao relacionamento bilateral do Qatar, com cada um dos actores mencionados, antes e durante denominada ‘Primavera Árabe’, permitindo identificar eventuais alterações ao padrão de comportamento da Política externa de Doha. Igualmente relevante é o facto de se tratarem, à altura dos acontecimentos, de regimes relativamente “fechados” e com um défice democrático evidente, com lideranças políticas com décadas de permanência no poder e que viveram o fenómeno da ‘Primavera Árabe’ em simultâneo, pelo que uma avaliação transversal da abordagem qatari contribuirá para uma compreensão, de certo modo, mais holística.

3.3.1. O caso tunisino

Relativamente ao relacionamento bilateral entre Doha e Tunes, e como já mencionado, registaram-se pelo menos dois momentos de tensão bilateral após a criação da Al Jazeera (*vide* 3.1. O relevo e a projecção do fenómeno Al Jazeera), designadamente: *i*) quando as autoridades tunisinas manifestaram, em 1999, a sua insatisfação com o facto da Al Jazeera conceder excessivo tempo de antena aos líderes da oposição do regime do então Presidente Zine al Abidine Ben Ali⁷⁸ (no poder entre Novembro de 1987 – Janeiro de 2011); e

⁷⁷ Na medida em que é realizada uma avaliação do relacionamento bilateral qatari em cada um dos casos nos anos que antecederam a ‘Primavera Árabe’.

⁷⁸ Transliteração aproximada do árabe زين العابدين بن علي.

ii) o episódio⁷⁹ que deu origem ao arrefecimento das relações bilaterais ocorrido em Outubro de 2006 e do qual resultou o encerramento da missão diplomática tunisina em Doha. Não obstante este último episódio, em Dezembro de 2006, o então Ministro para as Relações Exteriores, Abd al Wahhab Abdallah⁸⁰, veio a público referir que as relações diplomáticas seriam restabelecidas a breve trecho⁸¹, sublinhando, inclusivamente, que a Embaixada tunisina em Doha poderia ser reaberta a curto prazo. Pese embora o conteúdo das declarações oficiais pudesse ter permitido inferir um iminente *rapprochement* entre aqueles dois actores, de acordo com um telegrama do ex-Embaixador norte-americano Robert Godec⁸² na Tunísia, datado de Agosto de 2008, a abertura da missão diplomática tunisina no Qatar ainda não tinha sido concretizada, apesar do rumor relativo à reabertura da Embaixada ter vindo a ser reiteradamente ventilado nos *media* e nos círculos diplomáticos desde Dezembro de 2006.

Assim e pese embora o arrefecimento do canal diplomático – talvez o vínculo mais expressivo da relação bilateral entre Tunis e Doha – o Qatar evidenciou a sua determinação política em prosseguir uma agenda de carácter estratégico de médio prazo com a Tunísia. Esta agenda viria, entretanto, a reflectir-se nos anos subsequentes através de uma aproximação político-económica que se traduziu na realização de diversos acordos tendo em vista futuros investimentos e/ou, inclusivamente, na efectivação de alguns investimentos qataris em território tunisino, destacando-se, a título de exemplo, os seguintes:

- em Maio de 2007, a estatal *Qatar Petroleum* firmou um memorando de entendimento com o Governo tunisino, visando o investimento de US\$2 mil milhões na refinaria de Skhira⁸³;
- em 2008, a estatal *Qatar Telecom* detinha 51% do capital accionista da empresa de telecomunicações do Kuwait, *Wataniya Telecom*, que por sua vez, era proprietária do operador de telecomunicações móveis *Tunisiana*⁸⁴;

⁷⁹ Relacionado com uma entrevista na Al Jazeera a Moncef Marzouki, então opositor do regime de Ben Ali, durante a qual instou a população tunisina a encetar acções de “*resistência civil*”.

⁸⁰ Transliteração aproximada do árabe عبد الوهاب عبد الله.

⁸¹ MENAS Associates (2008), Qatar Politics & Security. Disponível em: <http://www.menas.co.uk/pubsamples/Qatar%20Politics%20and%20Security%20-%202008.12.06.pdf>, [Consult. 23 Jun. 2014].

⁸² Wikileaks, Tunisia to Re-Open Embassy In Qatar. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/08TUNIS924_a.html, [Consult. 23 Jun. 2014].

⁸³ Wikileaks, Tunisia to Re-Open Embassy In Qatar. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/08TUNIS924_a.html, [Consult. 23 Jun. 2014].

- em 2008, o *Qatar National Bank* compra 50% do *Tunisian Qatari Bank*, passando este a funcionar como subsidiário do primeiro⁸⁵;
- em 2010, o Qatar torna-se o segundo maior *player*, em termos de fluxo de Investimento Directo Estrangeiro (IDE) para o mercado tunisino⁸⁶.

Não obstante os investimentos iniciais realizados, estes não permitiram a Doha configurar-se como uma das principais fontes de IDE na Tunísia. No entanto, esta realidade alterou-se, já que, em 2010, o Qatar tornou-se o segundo maior investidor naquele país, imediatamente atrás da França, que se constituía, à altura, tradicionalmente como o principal *player* investidor na Tunísia (Agence de Promotion de l'Investissement Extérieur, 2013). O relevo que o volume de IDE qatari veio entretanto a alcançar no mercado tunisino não foi, contudo, replicado por outras rubricas, isto é, a título de exemplo, Doha não se veio a configurar como um dos principais parceiros comerciais da Tunísia, deixando aquela posição para países como França, Itália, Alemanha, Espanha e Líbia⁸⁷.

Paralelamente ao foco dado pelas autoridades qataris no âmbito do investimento, cumpre reiterar a relevância do papel desempenhado pela Al Jazeera, enquanto instrumento ao serviço de uma eventual estratégia de actuação qatari na Tunísia. Assim, e pese embora o obstáculo que a Al Jazeera se tornou para um regular relacionamento bilateral entre Doha e Tunes, sublinhe-se que aquele *media* viria novamente a causar incómodo, designadamente para o regime político vigente, liderado por Zine al Abidine Ben Ali (Novembro de 1987 a Janeiro de 2011), caracterizado por significativos constrangimentos ao nível dos direitos cívicos e políticos e conseqüentemente no grau de liberdade de expressão e também de imprensa, situação que a Al Jazeera procurou de forma reiterada obstar.

⁸⁴ Wataniya Mobile, Wataniya Mobile Launches its Commercial Operations in the West Bank. Disponível em: <http://www.wataniya.ps/en/corporate/21126.html>, [Consult. 23 Jun. 2014].

⁸⁵ Bloomberg Businessweek, Company Overview of Tunisian-Qatari Bank. Disponível em: <http://investing.businessweek.com/research/stocks/private/snapshot.asp?privcapId=41636238>, [Consult. 23 Jun. 2014].

⁸⁶ Agence de Promotion de l'Investissement Extérieur, Flux des IDE des Service et Autres. Disponível em: http://www.investintunisia.tn/site/fr/article.php?id_article=369, [Consult. 23 Jun. 2014].

⁸⁷ De acordo com dados de 2007. International Trade, Tunisia. Disponível em: http://www.internationaltrade.co.uk/articles_print.php?CID=2&SCID=28&AID=272, [Consult. 23 Jun. 2014].

Naquele contexto, e remetendo para o período pré-eleitoral tunisino de Outubro de 2009⁸⁸, importa salientar o ambiente de repressão então vivido, designadamente em termos políticos e para os *media* independentes. Assim, e de forma breve, refira-se, a título de exemplo, que a nível político o partido Democrático Progressista (PDP), viu rejeitadas 20 das 26 listas de candidatos às legislativas, evidenciando a existência de mecanismos de censura face aos candidatos da oposição. Ainda a respeito das candidaturas apresentadas pelo PDP, sublinhe-se que as únicas listas aceites diziam respeito aos distritos de menor expressão eleitoral, tendo-se registado a exclusão da lista de candidatos à cidade de Tunis, liderada pela então Secretária-Geral do PDP e potencial candidata Presidencial, Maya Jribi⁸⁹, afastando, deste modo, de forma definitiva qualquer hipótese de alcançar um resultado expressivo à altura daquela figura política.

Também no plano jornalístico, a realidade foi marcada por um acentuado quadro de constrangimentos à actividade dos *media* independentes, situação que foi confirmada, à altura, na generalidade dos *media* internacionais e por organizações não governamentais⁹⁰, da qual se destaca o parecer de 2010 do *watchdog* Freedom House, onde foi relatado que a “*Tunísia tem um dos piores ambientes para os media no mundo árabe*”⁹¹, descrição que denota o significativo grau de degradação da liberdade de imprensa no país, não obstante existirem normas constitucionais que prevejam a liberdade de expressão. A mesma fonte refere que o Governo tunisino fazia uso de uma diversidade de medidas legais, penais e económicas, com o intuito de “*silenciar vozes dissidentes*” (Freedom House, 2010), sublinhando ainda o quão restrito era o acesso dos *media* privados à obtenção de licenças para operar. Acresce que, caso se verificasse a aprovação governamental para um *media* funcionar, esta situação traduzia-se, na prática, numa “voz” a favor de Ben Ali e da sua *entourage*, não havendo espaço a críticas ao Chefe de Estado. De facto, são inúmeros os casos de repressão e desinformação governamental⁹², tendo os jornalistas nacionais e internacionais, órgãos de comunicação social estrangeiros e Estados como alvos,

⁸⁸ No dia 25 de Outubro de 2009 realizaram-se eleições Presidenciais e parlamentares.

⁸⁹ Wikileaks, Tunisia Elections Update: Regime Tightens The Noose. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/09TUNIS725_a.html, [Consult. 25 Jun. 2014].

⁹⁰ E também por telegramas da missão diplomática norte-americana em Tunis.

⁹¹ Freedom House, Freedom in the World Tunisia (2010). Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/report/freedom-world/2010/tunisia#.U-Mt1ONdXSsn>, [Consult. 25 Jun. 2014].

⁹² Por via de *media* favoráveis ao Governo.

recordando-se, a título de exemplo, dois episódios controversos durante o período pré-eleitoral:

- i) Em meados de Setembro de 2009, o semanário privado tunisino Kull En-nass⁹³ publica um artigo de capa intitulado “*Al-Jazeera, the Naked Truth*” referindo que no Qatar, nomeadamente os *media*, tudo é controlado por Israel, e avançando com um artigo que falseou uma afirmação do então director da Al Jazeera, Wadah Khanfar, alegando que este afirmou que o *media* que dirigia era americano-israelita, embora emitido em língua árabe. De acordo com o *Committee to Protect Journalists*, o supramencionado *media* tunisino era caracterizado por tecer fortes críticas à família real qatari⁹⁴; e
- ii) Dias antes do escrutínio popular, em Outubro de 2009, as autoridades tunisinas impedem a entrada da jornalista do *Le Monde*, Florence Beaugé, à chegada do aeroporto em Tunes, tendo a mesma passado a noite no aeroporto sob vigilância das autoridades locais e sido enviada, no dia seguinte, de regresso a Paris sem qualquer justificação oficial. De acordo com a fonte em questão, com base em alegadas fontes governamentais tunisinas, Florence Beaugé mantinha uma postura sistematicamente hostil aos interesses do regime de Tunes⁹⁵.

Durante aquele período, notou-se um marcado esforço do Governo Tunisino em “filtrar” o acesso de jornalistas estrangeiros ao seu território, sobretudo aqueles que se encontravam identificados pelas autoridades locais e assinalados como sendo elementos indiscutivelmente desfavoráveis a Ben Ali, tendo aquela estratégia, como principal propósito, contrariar as tentativas de publicação de notícias que pudessem fragilizar a imagem do regime vigente. Por outro lado, verifica-se a existência de uma rede de órgãos de comunicação social a operarem sob a égide do regime de Ben Ali e com o intuito de contrapor as notícias anti-regime e, por outro lado, veicular notícias que promovam a construção de “imagens” enviesadas sobre determinados actores externos, que, de acordo com um dos exemplos escolhidos, elegeu a Al Jazeera como alvo de crítica.

⁹³ De acordo com a International Freedom of Expression Exchange e com o Committee to Protect Journalists, o *media* tunisino Kull En-nass – também designado por Koll Ennass – faz parte de um conjunto de órgãos de comunicação social que apresentavam, à altura dos acontecimentos, uma postura pró-regime do ex-Presidente Ben Ali. International Freedom of Expression Exchange, À l'occasion de la Journée internationale de la Femme, 24 groupes membres de l'IFEX appelle à l'ONU de se préoccuper davantage des violations des droits des femmes. Disponível em: https://www.ifex.org/tunisia/2010/03/05/intl_womens_day_tmg/fr/, [Consult. 25 Jun. 2014].

⁹⁴ Committee to Protect Journalists (2009), CPJ calls for end to Tunisian campaign against Al-Jazeera. Disponível em: <http://cpj.org/2009/09/cpj-calls-for-end-to-tunisian-campaign-against-al-.php>, [Consult. 25 Jun. 2014].

⁹⁵ Committee to Protect Journalists (2009), As Tunisian elections near, attacks on Press mount. Disponível em: <https://cpj.org/2009/10/as-tunisian-elections-near-attacks-on-press-mount.php#more>, [Consult. 25 Jun. 2014].

É neste contexto que se verifica que o caso tunisino configurou um desafio particularmente exigente para a Al Jazeera, e que, nesse sentido, foi também um obstáculo à prossecução de uma eventual estratégia da projecção qatari na Tunísia por via daquele *media*, recordando-se ainda o facto de, depois da polémica entre Tunes e a Al Jazeera, em Outubro de 2006, aquele canal não ter sido mais autorizado a abrir uma representação oficial no país. Assim, nota-se de forma clara, uma resistência do Governo tunisino à actuação da Al Jazeera, porém, o *media* qatari contornou aquele obstáculo, nomeadamente através da contratação dos serviços do tunisino Lotfi Hajji, um jornalista e activista dos direitos humanos, que, segundo diversas fontes, nunca recebeu credenciação oficial⁹⁶ do Estado tunisino para trabalhar enquanto jornalista na Tunísia. De facto, os constrangimentos, vividos pelo jornalista Lotfi Hajji, tinham já constado, em 2008, no relatório da Human Rights Watch (2008: 529), tendo sido referido que, para além de lhe ter sido recusada a acreditação por parte das autoridades tunisinas, foi também alvo de pressões de indivíduos à paisana, alegadamente pertencentes às forças de segurança tunisinas, os quais lhe impediram o acesso a inúmeros eventos no país durante o ano de 2007⁹⁷.

Com efeito, e não obstante o incómodo que a Al Jazeera manifestou para o regime tunisino e remetendo, em termos temporais, para Dezembro de 2010, momento a partir do qual se pode definir como o início da ‘Primavera Árabe’, e tendo em consideração o bloqueio oficial à Al Jazeera na Tunísia, cumpre então destacar o papel de relevo que Lotfi Hajji desempenhou, designadamente enquanto jornalista “encoberto”⁹⁸, servindo de plataforma para ventilar para a Al Jazeera registos vídeo de terceiros, das manifestações em curso e da resposta dada pelas forças e serviços de segurança em território tunisino⁹⁹. De

⁹⁶ Wikileaks, Journalist Union Leader Comes Under Pressure. Disponível em: http://www.wikileaks.org/plusd/cables/09TUNIS287_a.html, [Consult. 25 Jun. 2014].

⁹⁷ Wikileaks, Recent GOT Pressure On Tunisian Civil Society. Disponível em: http://www.wikileaks.org/plusd/cables/07TUNIS1378_a.html, [Consult. 29 Jun. 2014].

⁹⁸ Pese embora o *modus operandi* da actividade do jornalista Lotfi Hajji seja descrita pela generalidade da imprensa estrangeira como se tratando de uma actividade encoberta a serviço da Al Jazeera, cumpre novamente referir que já se encontrava sinalizado pelas autoridades locais, pelo que importará relativizar a força da expressão “encoberta”. The New York Times, Seizing a moment, Al Jazeera Galvanizes Arab Frustration. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/01/28/world/middleeast/28jazeera.html>, [Consult. 24 Set. 2015].

⁹⁹ Article 19, Statement World Press Freedom Day: No Frontiers, New Barriers. Disponível em: <http://www.article19.org/resources.php/resource/1760/en/world-press-freedom-day-no-frontiers-new-barriers>, [Consult. 29 Jun. 2014].

facto, o papel desempenhado pelos cidadãos tunisinos, por Hajji e pela Al Jazeera demonstrou-se de suma importância, tendo possibilitado a emissão internacional e, em particular, para o mundo árabe, do fenómeno político-social que se encontrava em curso na Tunísia e que, entretanto, se projectou e contagiou outros países da região. Talvez uma das imagens, que maior impacto mediático causou nas redes sociais e nos *media* árabes e que possivelmente se constituiu como um marco responsável por desencadear a escalada dos protestos na Tunísia e noutros Estados islâmicos, tenha sido quando, em 17 de Dezembro de 2010, Mohamed Bouazizi se imolou nas ruas da cidade tunisina Sidi Bouzid¹⁰⁰, numa evidente mensagem de desespero e protesto face ao estado de degradação política e sócio-económica a que o regime de Ben Ali tinha chegado. O acto de Bouazizi encerrou em si uma mensagem de forte cariz político marcado pela insatisfação da população tunisina com o regime autoritário então vigente, facilitando, de certo modo¹⁰¹, os desenvolvimentos sociais entretanto desencadeados no país, isto é, manifestações anti-regime e confrontos da população com as autoridades locais. De facto, para a dinâmica interna dos acontecimentos na Tunísia não foi possível, durante a investigação efectuada para a presente dissertação, alcançar sólidos indícios que sustentem uma hipótese de trabalho relativa à existência de uma “intervenção” directa do Qatar no âmbito da esfera interna do país durante o período de sublevação popular. Contudo, também não se pode excluir de forma categórica o relevo que a Al Jazeera demonstrou – a par de outros *media* e de plataformas sociais da internet (e.g. *facebook*¹⁰² e *twitter*) – enquanto agente facilitador da projecção dos acontecimentos para o exterior, proporcionando um ambiente propício ao desencadear do rol de acontecimentos hoje conhecidos, designadamente no que se refere às diversas “ondas” de levantamento popular que resultaram no fim de um regime com vinte e três anos.

Perante aquele contexto, e não obstante a limitada expressão de uma eventual estratégia qatari para o desenrolar dos desenvolvimentos ao nível da esfera doméstica

¹⁰⁰ Al Jazeera, The Tragic Life of a Street Vendor. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/01/201111684242518839.html>, [Consult. 29 Jun. 2014].

¹⁰¹ Considera-se que o acto *per se* de Bouazizi em imolar-se teve um impacto limitado dado que se tratou de uma situação imediatamente circunscrita pelas autoridades locais, sendo que, a variável que veio permitir o espoletar da projecção mediática daquela situação esteve relacionada com a filmagem efectuada por Ali Bouazizi, primo de Mohamed Bouazizi. Apenas depois da publicação nas redes sociais foi possível dar a conhecer ao “mundo” a situação em apreço.

¹⁰² Recorde-se que se tratou da plataforma utilizada por Ali Bouazizi, primo de Mohamed Bouazizi para divulgar o vídeo da imolação. Al Jazeera, The Death of Fear. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/programmes/ragehomaarreport/2011/03/20113993920597144.html>, [Consult. 29 Jun. 2014].

tunisina, o mesmo não se poderá afirmar do papel desempenhado por Doha na fase pós-queda do regime de Ben Ali, em 14 de Janeiro de 2011. Assim, recorde-se que, após decretado o afastamento temporário do Presidente e cumprindo-se a Constituição tunisina, a gestão do país foi de imediato entregue a Muhammad al Gannushi, o PM em funções à altura, uma figura significativamente alinhada com Ben Ali e que, concomitantemente, representava o perpetuar do regime aparentemente deposto. Assim, e no decorrer de uma fase conturbada da política interna tunisina em que a presença de al Gannushi na liderança do Governo ocorreu por um curto período de tempo, tendo entretanto sido substituído por Al Baji Qaid al Sebsi, em 28 de Fevereiro de 2011, momento a partir do qual Doha inicia uma estratégia de aproximação à Tunísia e, em particular, a organizações de cariz político-religioso, tal como admitiu, em Março de 2013, o ex-PM e Ministro das Relações Exteriores qatari, Muhammad al Thani¹⁰³. A propósito da aproximação de Doha ao espectro político-partidário tunisino, sublinha-se, para o efeito, o documento de Kristina Kausch dedicado à realidade do financiamento externo à Tunísia, no período pós-revolução, referindo que alguns Emirados do Golfo Pérsico, em particular, o Qatar e a Arábia Saudita, direccionaram um conjunto de investimentos para o país que tiveram por objectivo, numa fase inicial, capacitar o país para a realização das eleições de Outubro de 2011 e “*eventualmente apoiando*” (Kausch, 2013: 6) na elaboração da Constituição tunisina, facto que, embora não tendo sido possível confirmar, admite-se que seja provável em função de duas variáveis que são hoje conhecidas e que caracterizam a política externa qatari: *i)* o acentuado grau de participação de Doha na ‘Primavera Árabe’ e, no caso particular da Tunísia, no desenvolvimento do processo pós-revolucionário; e *ii)* pela manifesta preferência de Doha na integração de aspectos da Lei islâmica na Constituição dos países árabes, posicionamento que se alinha com o apoio dado ao Movimento Ennahda¹⁰⁴. A respeito da organização política Ennahda, Kristina Kausch faz menção à suspeição de apoio a forças políticas tunisinas de cariz islâmico, inclusivamente a nível financeiro, designadamente o Movimento

¹⁰³ Gulf Times, Summit decisions reflect the will of Arab people: Premier. Disponível em: <http://www.gulf-times.com/Mobile/Qatar/178/details/347084/Summit-decisions-reflect-the-will-of-Arab-people%3A-Premier>, [Consult. 29 Jun. 2014].

¹⁰⁴ Originalmente denominado حزب النهضة, trata-se de um movimento político tunisino de inspiração islâmica que após a queda do regime de Ben Ali foi autorizado a legalizar-se (em Março de 2011), situação que lhe garantiu a possibilidade de se candidatar às eleições de Outubro de 2011, tendo saído vencedor com cerca de 37% dos votos e garantindo 89 dos 217 assentos na Assembleia Constituinte (Carey, 2013: 1).

Ennahda, contudo a autora refere que a organização rejeitou aquelas acusações de forma reiterada, as quais não foram, entretanto, comprovadas (Kausch, 2013: 6).

Noutro âmbito, Kristina Kausch (2013) também revela terem existido suspeições relativamente ao possível financiamento qatari a *media* tunisinos alinhados com o Ennahda, sublinhando ainda, terem existido demonstrações de interesse por parte do Governo qatari em adquirir a participação accionista de *media* locais¹⁰⁵. Para além da acusação infundada de alguns jornalistas¹⁰⁶ relativamente a advogados do Ennahda, a propósito da recepção de pagamentos de Doha visando favorecer *media* próximos daquele partido (Kausch, 2013: 7), importa destacar, em particular, um factor que permite reforçar a ideia do empenho do Qatar na Tunísia pós-revolução e que está relacionado com acções de formação gratuitas a jornalistas tunisinos, levadas a cabo pela Al Jazeera em Doha. De facto, pese embora a relevância daquela acção, cabe assinalar que Kristina Kausch nota que o “patrocínio” qatari aos *media* tunisinos não é inédito, recordando-se para o efeito que, ainda durante o regime de Ben Ali, uma ONG qatari sediada em Itália prestou apoio na criação e gestão da Kalima (Kausch, 2009: 17), uma rádio independente tunisina fundada em 2008, com o objectivo de prestar uma cobertura mediática crítica e independente na Tunísia.

Por fim, e ainda no âmbito da alteração política em curso na Tunísia pós Ben Ali deverá ainda ser feita referência ao contributo da “voz” do *Ulama* al Qaradawi enquanto variável a contabilizar na fase imediatamente subsequente ao afastamento do Presidente Ben Ali, nomeadamente através de uma entrevista, em 15 de Janeiro 2011, dada ao *media* Al Jazeera, pronunciando-se relativamente ao levantamento popular tunisino. De facto, julga-se que pelas razões já mencionadas durante o presente trabalho, isto é, pelo mediatismo de que se reveste a intervenção de al Qaradawi e o facto de ter manifestado o seu posicionamento, face à revolução em curso, tenham contribuído para “alimentar” a vontade da população tunisina em alterar o *status quo* político. Assim, e recordando-se a

¹⁰⁵ Mais recentemente, em 29 de Março de 2013, o *media* tunisino Kapitalis publicou uma notícia intitulada *La chaîne tunisienne privée Attounissia va être rachetée par un groupe du Qatar* onde o Presidente do Rainbow Media Tunisia LLC, detentor legal do canal Attounissia TV afirmou publicamente que se encontrava em discussão com um grupo qatari a compra daquele canal, então líder de audiência na esfera dos *media* tunisinos. Kapitalis, *La chaîne tunisienne privée Attounissia va être rachetée par un groupe du Qatar* Disponível em: <http://www.kapitalis.com/medias/15295-la-chaine-tunisienne-va-etre-rachetee-par-un-groupe-du-qatar.html>, [Consult. 29 Jun. 2014].

¹⁰⁶ Julga-se que jornalistas locais, embora Kristina Kauch não especifique.

entrevista de al Qaradawi ao *media* qatari, citam-se algumas das principais afirmações daquele *Ulama*¹⁰⁷:

- *“I wish to send my sincerest wishes to the fraternal people of Tunisia, who set the example for the Arab peoples and the other suppressed people and crushed masses of the entire world. We cannot say that any of the various political parties or groups got these people moving. What moved them is injustice, suppression, and hunger.”;*
- *“Tunisian people for toppling the tyrant.”;*
- *“bring down the servants of the idols because they are even worse than the idols.”;*
- *“the remnants of this suppressive, dictatorial, arrogant regime, who should move aside in order not to block the way of the people towards progress.”; e*
- *“Mohamed Ghannouchi, at whose hands many people were killed”, “How can he be tasked to form a government that is supposed to save the country? We want a new salvation government that does not include anybody from the ruling party, on whose hands people suffered. The government should be formed from the opposition parties, not the [ruling] party. We want all the deported people to come back, all those who were imprisoned for their ideas pardoned, and all the people detained without trial released.”.*

Tendo em consideração as declarações de al Qaradawi é possível retirar essencialmente duas mensagens, uma primeira cujo foco é dirigido à população, saudando a iniciativa de sublevação visando a desagregação do regime autoritário e opressor vigente e, numa segunda mensagem, uma manifesta crítica ao *establishment* de Ben Ali e dos seus seguidores, apoiando o afastamento daqueles, bem como obstando a qualquer tentativa de perpetuar o regime, como foi de facto o caso do período em que Muhammad al Gannushi assumiu a gestão do país após o afastamento do Presidente.

Com efeito, e de acordo com o exposto no presente subcapítulo, a projecção da política externa qatari na Tunísia pode descrever-se como tendo essencialmente dois momentos:

¹⁰⁷ The Global Muslim Brotherhood Daily Watch, MiddleEast Crisis: Qaradawi Comments on Tunisia Crisis. Disponível em: <http://www.globalmbwatch.com/2011/01/18/qaradawi-comments-on-tunisian-crisis/>, [Consult. 29 Jun. 2014].

- i)* Um primeiro, ainda durante o regime de Ben Ali, onde Doha desenvolve uma abordagem de âmbito económico, conduzindo investimento e participando activamente em empresas locais, sejam elas do sector bancário, telecomunicações, entre outros sectores, salientando-se, contudo, um desacelerar daquela dinâmica já na fase final do regime de Ben Ali; e
- ii)* Um segundo momento, já depois da queda do regime, em que Doha opta por uma reaproximação, privilegiando os contactos com a esfera político-partidária, dando particular destaque ao Ennahda, com o intuito de contribuir com um pendor mais religioso na construção de uma “nova” Tunísia.

Por fim, e pese embora o presente subcapítulo foque o envolvimento do Qatar nos períodos pré e pós-‘Primavera Árabe’ na Tunísia, importa notar a estreita relação que se estabeleceu entre as revoluções tunisina, egípcia e líbia e, paralelamente, a importância que constituiu para Doha ter marcado a sua presença e estabelecido a sua esfera de influência junto de Tunes, situação que iria configurar-se como uma mais-valia no processo de envolvimento do Qatar na Líbia, contudo, tal descrição será inserida no capítulo 3.4. dedicado à intervenção qatari na Líbia.

3.3.2. O caso egípcio

Adoptando uma abordagem similar à aplicada ao caso tunisino, pretende-se com o presente subcapítulo cumprir três objectivos: *i)* encetar uma análise ao estado das relações bilaterais entre o Qatar e o Egipto nos anos que antecederam a Primavera Árabe; *ii)* aferir do grau de participação e/ou influência qatari no processo revolucionário egípcio, e caso se verifique, de que forma se consubstanciou; e *iii)* avaliar o papel que Doha desempenhou após a queda do regime de Hosni Mubarak, mormente nos seus diferentes níveis (e.g. político, económico, financeiro, religioso).

Assim, e recuperando o estado das relações bilaterais entre Doha e o Cairo, com particular ênfase na última década em que o Egipto foi presidido por Hosni Mubarak¹⁰⁸, tratou-se de um período marcado por uma tensão constante entre aqueles dois actores, que decorre essencialmente de um acumular de divergências que adquiriram entretanto maior expressão aquando do início da projecção das crescentes ambições de Doha na sua política

¹⁰⁸ O ex-Presidente Hosni Mubarak exerceu funções de Chefe de Estado entre 14 de Outubro de 1981 e 11 de Fevereiro de 2011.

externa, caracterizada tanto pela sua assertividade como pela abrangência geográfica da sua intervenção. De facto, a tensão registada entre Doha e o Cairo durante a última década do Governo de Mubarak coincidiu com a emergência do Qatar na Comunidade Internacional, recordando-se a título exemplificativo que Doha participou como mediador em diversos conflitos regionais, nomeadamente nos casos do Líbano (2007-2010), no Líbano (2008), no Darfur (2009/2010) e no Djibouti-Eritreia (2010). Porém, e não obstante os casos supra elencados consubstanciem a base para a construção da “imagem” de mediador e a projecção do aparelho diplomático qatari junto da Comunidade Internacional, note-se no entanto que, ainda antes da participação naqueles conflitos, em Outubro de 2006 o Qatar encetou uma tentativa de negociar uma posição comum entre as facções rivais palestinianas do Hamas e da Fatah (Ulrichsen, 2013: 2)¹⁰⁹. A menção deste caso, em particular, assume um relevo não desprezável, na medida em que se constitui talvez num dos primeiros momentos em que Doha efectiva os seus esforços político-diplomáticos tendentes à sua participação numa acção de mediação de um conflito, a que acresce o facto de se ter colocado numa posição de “intromissão” num palco tradicionalmente “reservado” ao Egipto e Arábia Saudita. O envolvimento do Qatar naquele conflito foi interpretado, à altura, pelas autoridades egípcias, como uma interferência no habitual papel de mediador do Cairo, acusando Doha de estar a explorar aquela iniciativa para proveitos políticos (Fromherz, 2012: 89).

Verifica-se deste modo que, pese embora a vontade de Doha em “crescer” na arena internacional por via da sua política externa, esta teve como resultado a interferência nas dinâmicas de influência geopolítica já instaladas na MENA, como foi de facto o caso do Egipto, tido, à altura, como um dos principais actores, responsável por acções de mediação de conflitos naquela região.

Perante a insistência qatari em incrementar a sua presença nos diversos palcos internacionais e no que diz respeito, em particular, à interferência na esfera de influência do Egipto, importa salientar que esta tendência se manteve nos anos seguintes, configurando-

¹⁰⁹ Não obstante, segundo aquele autor, a iniciativa qatari foi entretanto substituída pelo acordo de Meca em Fevereiro de 2007, com o patrocínio da Arábia Saudita. Por outro lado, e pese embora o insucesso da abordagem de Doha à tentativa de mediação das facções palestinianas, cumpre recordar que o envolvimento do Qatar com o Hamas remonta ao início da década de 90 do séc. XX, altura em que as autoridades jordanas detiveram membros do Hamas com o propósito de os repatriar, tendo Doha manifestado a Amã querer ficar com a guarda daqueles indivíduos, designadamente, Ibrahim Goshi, Khaled Mashal e Mohammed Nazzal (Chehab, 2007: 133).

se o caso da participação do Qatar na mediação do conflito do Darfur (2009/2010), um paradigma do notório desconforto das autoridades egípcias para com as iniciativas diplomáticas do pequeno Emirado da Península Arábica. Com efeito, o mal-estar egípcio decorre num primeiro momento e, de acordo com Green (2009), da circunstância do Egipto se considerar como o “*patrono*” do vizinho Sudão, a que acresce o facto deste último se manter na directa esfera de influência do Cairo, pelo que é do seu interesse a “*estabilidade no Sudão*” (2009: 1), situação que resulta num marcado envolvimento do Cairo na política interna e externa sudanesa. Ainda a respeito do ascendente egípcio relativamente ao Sudão, importa notar que durante o séc. XIX o Egipto “*invadiu, colonizou e definiu*” (Høigilt e & Rolandsen, 2010: 6) o que é hoje conhecido por Sudão¹¹⁰, constituindo-se como uma variável histórica de relevo que influencia ainda hoje a dinâmica de relacionamento daquelas duas unidades políticas.

No que se refere à projecção do *Soft Power* qatari no Sudão, é de referir que esta é prévia ao início das negociações, recordando-se que, já em Julho de 2008, Doha desenvolvia a sua actividade de assistência humanitária no Sudão através do Crescente Vermelho do Qatar (Qatar Red Crescent Annual Report 2008-2009: 33)¹¹¹ contribuindo para uma paulatina construção e consolidação da imagem do Emirado do Qatar naquele país, designadamente enquanto actor sensível e disponível para participar na mitigação dos problemas resultantes do conflito do Darfur, contudo, e de acordo com Sultan Barakat (2012) no seu trabalho *The Qatari Spring: Qatar’s emerging role in peacemaking*, o Emirado demonstrou que a utilização do seu poder financeiro também seria uma das vias a privilegiar durante o processo de mediação¹¹², situação que se consubstanciou num claro exemplo de projecção de *Smart Power*.

Perante o envolvimento da diplomacia qatari no processo negocial sudanês, e tendo em consideração a existência de uma clara situação de conflito de interesses entre Doha e o

¹¹⁰ Designação que remonta ao tempo dos geógrafos muçulmanos da época medieval e que compreendia uma faixa de território a sul do deserto do Saara, sendo que, o nome Sudão configura uma transliteração do árabe السودان que significa Negro, isto é, habitualmente designado por Bilad – do árabe بلد – al Sudan, o que significa literalmente a Terra dos Negros (Holt, P. e Daly, W., 2000: 1).

¹¹¹ Qatar Red Crescent, Annual Report 2008-2009. Disponível em: <http://www.qrcs.org.qa/Arabic/Documents/QATAR-RED-CRESCENT-ENGLISH.pdf>, [Consult. 13 Jul. 2014].

¹¹² Tendo em consideração os exemplos apresentados por Barakat (2012: 20), salientam-se os seguintes: *i)* a promessa do Qatar investir mais US\$2 mil milhões destinados ao combate ao sub-desenvolvimento da região do Darfur e a criação de um Banco para o Desenvolvimento caso as negociações finalizassem na assinatura de um acordo entre as partes em conflito; e *ii)* o investimento de US\$1 mil milhões da Qatari Investment Authority (QIA) dirigido ao cultivo de alimentos cujo destino seria exportar para o mercado qatari.

Cairo, importa dar um contributo que tem como propósito evidenciar a insatisfação egípcia face ao desenrolar do processo de mediação levado a cabo pelo Qatar. Assim, e recuperando um telegrama da Embaixada norte-americana no Cairo datado de 04 de Dezembro de 2008, a então Embaixadora Margaret Scobey, reportou a Washington que o Governo egípcio enviou uma missiva, dirigida ao Secretário-Geral das NU (SGNU) Ban Ki-Moon, manifestando a sua insatisfação com o trabalho desenvolvido pelo enviado especial das NU para o Sudão, Yipene Bassole, e pelo Governo qatari, alegando não se estarem a coordenar com o Egipto e assegurando que as negociações não teriam sucesso caso não fossem envolvidos os vizinhos regionais do Sudão¹¹³.

Pese embora a referência ao *modus operandi* de Doha no Darfur não contribua directa e integralmente para a caracterização da relação bilateral entre o Qatar e o Egipto, serve no entanto para enquadrar e justificar o sucesso que a iniciativa de mediação qatari colheu, face à opção aparentemente mais imediata e natural do Egipto para mediar aquele conflito, mormente baseada no capital de conhecimento consideravelmente superior acerca da realidade sudanesa, bem como uma relação político-diplomática profundamente mais estreita comparativamente com um actor recém-chegado àquele teatro como foi o caso do Qatar. Não obstante o Egipto reunir *a priori* um conjunto de condições alegadamente mais favoráveis face à opção qatari, esta última revestia-se de duas variáveis que acabaram por pesar na escolha do Emirado para mediador, nomeadamente: *i)* configurava-se como um actor neutro, contribuindo para criar um ambiente de isenção e propício às negociações entre as partes; e *ii)* detinha a vontade e disponibilidade financeira para canalizar investimento para o país *maxime* na sua componente humanitária (Barakat, 2012: 21)¹¹⁴.

Servem os casos do envolvimento do Qatar na Palestina e no Sudão para demonstrar que a projecção dos interesses político-diplomáticos qataris terminou por interferir com o interesse nacional egípcio, situação que se repercutiu negativamente no relacionamento bilateral.

Um dos momentos em que esteve patente o mal-estar entre aqueles dois Estados ocorreu por ocasião da organização da 21ª Cimeira dos países árabes em Doha, em Março

¹¹³ Wikileaks, Egypt Unhappy With Its Role In Resolving Sudan Issues. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/08CAIRO2475_a.html, [Consult. 13 Jul. 2014].

¹¹⁴ O que, dadas as circunstâncias, isto é, mais de 2,5 milhões de deslocados internos, admite-se que tenha sido uma variável relevante a favor do Qatar (Darfur Peace & Development 2008 Annual Report, 2008: 27). Disponível em: <http://www.darfurpeacefund.org/wp-content/uploads/2008/12/proof-11.pdf>, [Consult. 13 Jul. 2014].

de 2009, quando Ahmed Moussa, porta-voz do regime egípcio, comunicou que o PR Hosni Mubarak não iria comparecer àquela Cimeira e que “*Não haverá tão cedo um reconciliação entre o Qatar e o Egipto*”, acrescentando que o “*Egipto enviou uma mensagem para os qataris...o que demonstra que o Qatar deverá rever todas as suas posições em relação ao Egipto*”¹¹⁵. Na prática, o boicote egípcio naquele evento traduziu-se na representação de uma delegação chefiada pelo então Ministro de Estado e das Relações Exteriores, Moufid Shehab, o que, no âmbito de uma cimeira de Chefes de Estado, consubstanciou um sinal claro da tensão bilateral existente entre o Cairo e Doha.

Face ao exposto, e consolidada parte da justificação para o arrefecimento das relações bilaterais entre o Qatar e o Egipto, para o período de 2006 a 2009, situação que, como anteriormente mencionado, decorre essencialmente do “activismo”, da intensidade e da escala de actuação da política externa qatari, outros aspectos deverão ser tidos em consideração, nomeadamente, aferir da intensidade do relacionamento bilateral a outros níveis, designadamente no que se refere ao IDE, às transacções comerciais e, por fim, um elemento incontornável numa análise, ao *modus operandi* da política externa qatari, isto é, a leitura do regime egípcio face ao trabalho desenvolvido pelo *media* Al Jazeera.

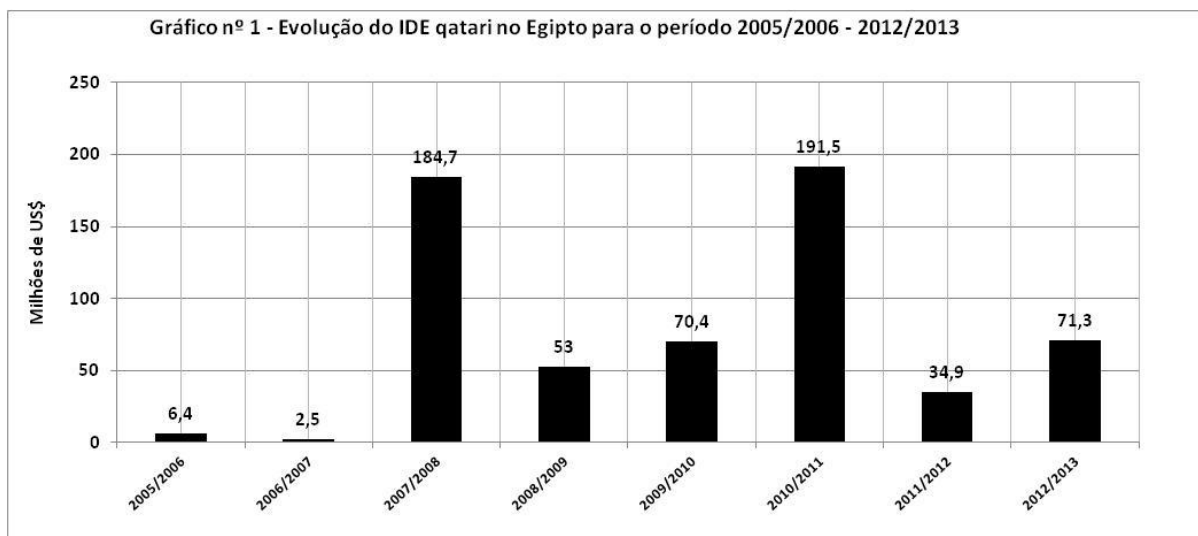
No que se refere ao volume de IDE qatari no Egipto no período 2006-2011, e de acordo com dados disponibilizados pelo Banco Central do Egipto¹¹⁶, verifica-se uma manifesta alteração no volume de investimento directo estrangeiro dirigido para a economia egípcia. De facto, se no ano fiscal 2005/2006 o IDE qatari totalizou apenas US\$6,4 milhões, já no período 2007/2008 aquele valor registou um crescimento assinalável, alcançando US\$184,7 milhões, o qual veio entretanto a decrescer de forma acentuada no ano seguinte para apenas US\$53 milhões, admitindo-se que a quebra registada tenha sido resultado, em parte, do impacto da crise económico-financeira mundial¹¹⁷. Porém, nos anos subsequentes, verificou-se a retoma dos valores de IDE qatari para o Egipto, sendo que, para

¹¹⁵ LA Times, Qatar: Egypt gives Qatar the cold shoulder. Disponível em: <http://latimesblogs.latimes.com/babylonbeyond/2009/03/egypt-1.html>, [Consult. 13 Jul. 2014].

¹¹⁶ Central Bank of Egypt, Research and Publications – Economic Review Volumes. Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].

¹¹⁷ A este respeito de referir que de acordo com os dados disponibilizados pelo Banco Central egípcio, a tendência de quebra nos valores de IDE em termos comparativos para os períodos 2007/2008 e 2008/2009, foi acompanhada por outros países, designadamente pelo conjunto dos países árabes (e.g. Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Líbano, Omã, Kuwait, Jordânia, Bahrein), mas também no caso dos EUA e na categoria “Outros” (e.g. China, Austrália, Índia, Japão, Turquia, Canadá).

o ano fiscal 2010/2011, foi inclusivamente registado um valor recorde de investimento no valor de US\$191,5 milhões.

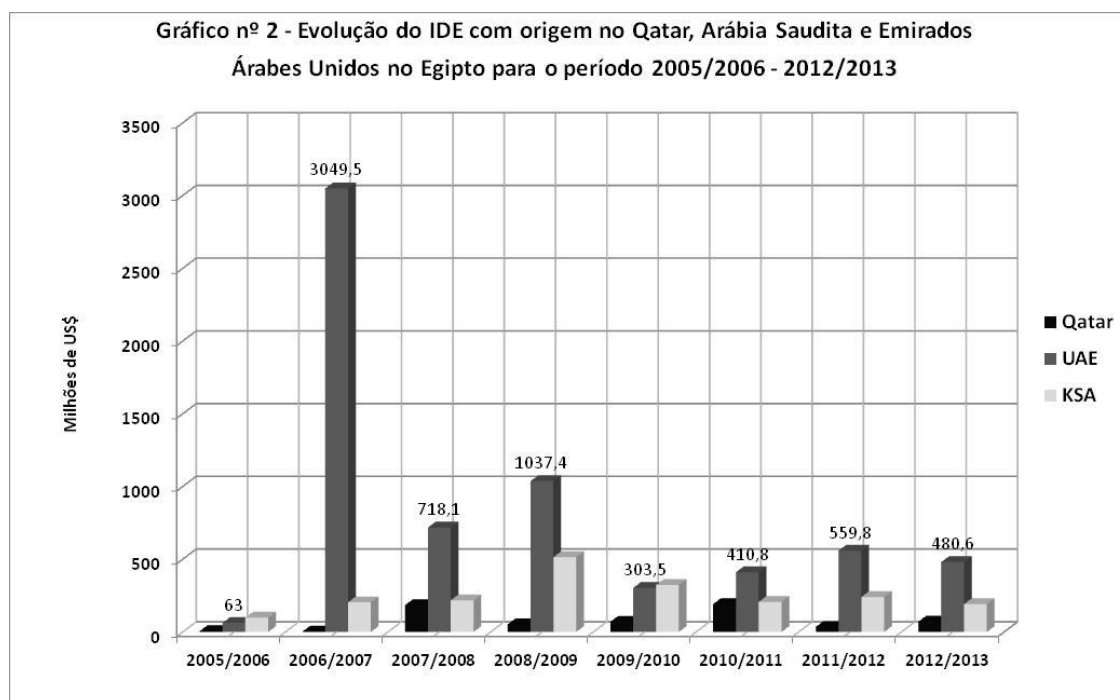


Fonte: Banco Central do Egipto¹¹⁸

Embora os valores disponibilizados permitam aferir uma tendência, por parte de Doha, em privilegiar a “injecção” de investimento para aquela economia, sobretudo quando comparando os valores correspondentes a 2005/2006 e aqueles registados a partir de 2007/2008, importa notar que os montantes de investimento qatari no Egipto se encontram consideravelmente aquém do volume de IDE de outros *players*, designadamente da União Europeia e dos EUA, que se constituem como os principais investidores no Egipto. Também no âmbito de uma avaliação comparativa entre o volume de IDE qatari, face a outros países da Península Arábica, como sejam os casos da Arábia Saudita ou dos Emirados Árabes Unidos, estes últimos apresentam valores de investimento significativamente superiores, sublinhando-se apenas alguns períodos de excepção¹¹⁹.

¹¹⁸ Para a realização do gráfico foram consultados os relatórios anuais do Banco Central do Egipto intitulados *Economic Review*, designadamente: *i)* Economic Review Vol 47 No4 2006-2007 (p.89); *ii)* Economic Review Vol 48 No 4 2007-2008 (p.133); *iii)* Economic Review Vol 50 No4 2009-2010 (p.117); *iv)* Economic Review Vol 51 No4 2010-2011 (p.118); *v)* Economic Review Vol 52 No4 2011-2012 (p.105); e *vi)* Economic Review Vol 54 No2 2012-2013 (p.87). Central Bank of Egypt, Research and Publications – Economic Review Volumes. Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].

¹¹⁹ As excepções verificadas referem-se, em concreto, aos períodos 2007/2008 e 2010/2011, e sobretudo na análise comparativa do IDE proveniente da Arábia Saudita e do Qatar, tendo, ambos os países, registado valores de investimento relativamente próximos, embora Doha registre valores sempre inferiores.



Fonte: Banco Central do Egípto¹²⁰

Tendo em consideração os dados previamente expostos, constata-se de facto uma alteração do padrão de investimento qatari no Egípto, contudo, e relativizando a sua importância, cumpre também assinalar que não se trata de um actor central no rol dos principais actores investidores naquele território para o período em estudo. Não obstante, poder-se-á avaliar o IDE qatari enquanto elemento integrante de uma estratégia mais vasta que inclui não apenas um vector de *softpower* mas também de *hardpower*, designadamente por via do poder financeiro.

Pese embora a relevância da análise à tendência do volume de IDE qatari destinado ao Egípto, um dos objectivos inicialmente previstos para o capítulo, em apreço, implicaria também uma análise à caracterização do investimento qatari, porém, a pesquisa efectuada não permitiu alcançar os dados estatísticos necessários à sua realização. Apesar do obstáculo apresentado, e à semelhança da metodologia adoptada para o capítulo anterior – 3.3.1. O caso tunisino –, optou-se por elencar um conjunto de anúncios tornados públicos relativamente a projectos de investimento no Egípto com capital proveniente do Qatar,

¹²⁰ Para a realização do gráfico foram consultados os relatórios anuais do Banco Central do Egípto intitulados *Economic Review*, designadamente: i) *Economic Review Vol 47 No4 2006-2007* (p.89); ii) *Economic Review Vol 48 No 4 2007-2008* (p.133); iii) *Economic Review Vol 50 No4 2009-2010* (p.117); iv) *Economic Review Vol 51 No4 2010-2011* (p.118); v) *Economic Review Vol 52 No4 2011-2012* (p.105); e vi) *Economic Review Vol 54 No2 2012-2013* (p.87). Central Bank of Egypt, Research and Publications – *Economic Review Volumes*. Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].

tendo, porém, em atenção que o mero anúncio dos projectos na imprensa internacional poderá não encerrar os subseqüentes desenvolvimentos. Acresce que, parte dos exemplos escolhidos incluem ainda doações de capital de Doha ao Cairo, situação que se encontra fora da designada rubrica de “Investimento Externo”. Não obstante, considera-se para a presente dissertação que tais operações de ajuda financeira consubstanciam um importante instrumento do *Hard Power* qatari – recorde-se que, de acordo com Nye (2012: 72) os recursos económicos podem produzir tanto um comportamento de *Hard Power* como de *Soft Power* –, os quais são incluídos no elenco de notícias apresentadas infra.

Assim, e de acordo com a pesquisa efectuada, no período que decorre de 2006 a 2012 foi possível reunir algumas notícias exemplificativas da tentativa de aproximação¹²¹ qatari ao Egipto, por via do financiamento de projectos de construção, aquisições e doações, dos quais se elencam os seguintes:

- Em 13 de Agosto de 2006, um funcionário da empresa qatari Barwa Development Co. anunciou que a empresa pretende construir uma nova área residencial na zona de Katameya (Cairo) por um valor de US\$1 400 milhões, tendo encetado negociações com as autoridades egípcias para a compra de terrenos¹²²;
- Em Agosto de 2006, um grupo de investidores liderado pelo Ahli United Bank Group adquiriu 89,3% do banco egípcio Delta International. Do grupo de investidores fez parte o banco El Ahly Bank of Qatar, cuja operação de aquisição correspondeu a 5% do capital do banco egípcio¹²³;
- Em Maio de 2011, no decurso de um encontro entre o Ministro egípcio para o Planeamento e Cooperação Internacional, Fayza Abu al-Naga, e o Ministro de Estado e Cooperação Internacional qatari, Khalid bin Mohamed al-Attiyah, foi anunciado que Doha pretende investir no Egipto US\$10 mil milhões, com o intuito de apoiar a economia egípcia e

¹²¹ Para efeitos de análise das relações bilaterais considera-se que as iniciativas de carácter financeiro qatari ocorridas entre 2006 e 2009 configuram uma tentativa de Doha em efectivar um *rapprochement* ao Cairo, sobretudo pelo facto de aquelas iniciativas decorrerem em contra ciclo com o momento político-diplomático das relações bilaterais. Porém, e após Mubarak ter sido deposto, Doha promoveu um conjunto de acções tendo em vista a consolidação do relacionamento bilateral.

¹²² Middle East business intelligence, Barwa plans new city <http://www.meed.com/sectors/construction/barwa-plans-new-city/273731.article#>, [Consult. 23 Nov. 2014].

¹²³ Masress, Ahli United Bank purchases Delta International, <http://www.masress.com/en/dailynews/104094>, [Consult. 23 Nov. 2014]. Ministry of Finance, Table (31): Recent Acquisitions in the Egyptian Market (July 2006 – June 2007), <http://www.mof.gov.eg/MOFGallerySource/English/Reports/monthly/2007/August07/t31.pdf>, [Consult. 23 Nov. 2014].

cujo montante inclui a construção de um porto localizado nas imediações da entrada norte do canal do Suez avaliado em US\$9 mil milhões. A mesma notícia refere que o supra citado investimento deverá abarcar os seguintes sectores: turismo, habitação, hidrocarbonetos, agricultura, educação, saúde e justiça¹²⁴;

- Em Outubro de 2011, notícias publicadas na imprensa internacional referem que a Qatari Diar Real Estate Investment Co.¹²⁵ firmou um contrato com a empresa Consolidated Contractors Co. para desenvolver dois projectos no Egipto no valor de US\$543,8 milhões. Um dos projectos corresponde ao “Nile Corniche” para o qual são alocados US\$464,3 milhões e o segundo projecto contempla a construção de um *resort* na zona de Sharm al-Sheikh no valor de US\$79,5 milhões¹²⁶;
- Em Outubro de 2011, o Qatar realiza uma transferência de US\$500 milhões com intuito de ajudar financeiramente a economia egípcia¹²⁷;
- Em Maio de 2012, é noticiado na imprensa internacional que o Qatar se encontra “seriamente” interessado em investir no projecto da refinaria Mostorod – nas imediações do Cairo –, não obstante aquele estar suspenso desde que Hosni Mubarak fora deposto das suas funções de Chefe de Estado no decurso da revolução egípcia em Fevereiro de 2011. De acordo com a mesma notícia, o Qatar teria investido US\$400 milhões para a realização do projecto¹²⁸;
- No seguimento de um encontro no Cairo, em 11 de Agosto de 2012, entre o então recém-empossado Presidente Mohamed Morsi¹²⁹ e o Emir Khalifa al Thani, foi noticiado que os

¹²⁴ Yalla Finance, Some pressures to hang Mubarak and some others to free him. Disponível em: <http://yallafinance.com/north-africa/qatar-pledges-10-bln-investment-in-egypt-in-exchange-of-hanging-mubarak/>, [Consult. 24 Nov. 2014].

¹²⁵ Empresa criada em 2005 pelo fundo de investimento soberano Qatar Investment Authority. Disponível em: <http://www.qataridiar.com/English/WhoWeAre/Pages/Company-Profile.aspx>, [Consult. 24 Nov. 2014].

¹²⁶ Bloomberg, Qatari Diar to Invest \$543.8 Million in Egyptian Projects. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/news/print/2011-10-23/qatari-diar-to-invest-543-8-million-in-egypt-property-projects.html>, [Consult. 25 Nov. 2014]. Não obstante a supra referida notícia ter sido publicada em Outubro de 2011, no entanto, e segundo o Emerging Markets Report (2009: 21) aqueles dois projectos já constavam como investimentos da Qatari Diar no sector imobiliário egípcio remontando ao ano de 2008. Disponível em: http://www.solvegefeso.com/upload/EM_260209%20_18-27.pdf, [Consult. 25 Nov. 2014].

¹²⁷ Arabian Gazette, Egypt receives first Qatar instalment of \$2 billion aid. Disponível em: <http://www.arabiangazette.com/egypt-qatar-aid-instalment/>, [Consult. 25 Nov. 2014].

¹²⁸ Bloomberg, Qatar Petroleum Set to Invest in Egypt’s Mostorod Refinery. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/news/print/2012-05-14/qatar-petroleum-set-to-invest-in-egypt-s-mostorod-refinery-1-.html>, [Consult. 25 Nov. 2014].

¹²⁹ Transliteração aproximada do árabe محمد مرسي .

Chefes de Estado discutiram temas diversos da agenda bilateral, tendo contudo predominado a questão do apoio financeiro do Qatar ao Egípcio¹³⁰;

- No final de Agosto de 2012, o Ministro das Finanças egípcio Mumtaz al Saeed afirma que o Banco Central Egípcio recebeu a primeira tranche de US\$500 milhões do Qatar¹³¹;
- Em Dezembro de 2012, Mumtaz al Saeed¹³² declarou que o seu país já tinha recebido a última transferência de capital proveniente do Qatar no âmbito de um acordo inicial que previa a transferência de um montante total equivalente a US\$2 mil milhões para o Banco Central egípcio¹³³.

Tendo em consideração o supracitado elenco de notícias, verifica-se uma tendência para a diversificação do investimento qatari no Egípcio (e.g. imobiliário, turismo, energia, banca, etc.), destacando-se, ainda, o facto de se registar uma maior cadência de notícias relativamente ao interesse de Doha em investir naquele país após a revolução de Fevereiro de 2011 e, sobretudo, após a eleição e tomada de posse de Mohamed Morsi como Presidente do Egípcio em 30 de Junho de 2012.

No que se refere à rubrica das transacções comerciais entre o Qatar e o Egípcio, no período 2006-2013, e de acordo com dados disponibilizados pelo AICEP¹³⁴ e pela Comissão Europeia¹³⁵, verifica-se que o Qatar não figura como um dos principais parceiros comerciais do Egípcio, encontrando-se essa posição reservada à União Europeia, à Republica Popular da China e aos EUA. Contudo, e efectuando uma análise ao volume de trocas comerciais (em USD) entre o Egípcio e o Qatar para aquele período¹³⁶, regista-se uma manifesta tendência de aumento, que alcançou um máximo em 2011, sendo de assinalar o facto da balança

¹³⁰ Transterra Media, Egypt's President and Qatar Emir Meet in Cairo, Discuss Bilateral Relations. Disponível em: <https://transterramedia.com/media/8409>, [Consult. 25 Nov. 2014].

¹³¹ Arabian Gazette, Egypt receives first Qatar instalment of \$2 billion aid. Disponível em: <http://www.arabiangazette.com/egypt-qatar-aid-instalment/>, [Consult. 25 Nov. 2014].

¹³² Transliteração aproximada do árabe ممتاز السعيد.

¹³³ Al Arabya, Egypt gets \$500 mln from Qatar, says \$500 mln from Turkey soon. Disponível em: <http://english.alarabiya.net/articles/2012/12/29/257648.html>, [Consult. 25 Nov. 2014].

¹³⁴ Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, Egípcio Ficha de Mercado Agosto 2010. Disponível em: <http://www.aeportugal.pt/comunicacoesemail/Legislacao%20Internacionalizacao/Egípcio%20-%20FM%20-%202010-08.pdf>, [Consult. 26 Nov. 2014]. Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, Egípcio Ficha de Mercado Dezembro 2012. Disponível em: <http://www.portugalglobal.pt/PT/Biblioteca/LivrariaDigital/EgípcioFichaMercado.pdf>, [Consult. 26 Nov. 2014].

¹³⁵ European Commission, European Union, Trade in Goods with Egypt. Disponível em: http://trade.ec.europa.eu/doclib/cfm/doclib_section.cfm?sec=121, [Consult. 26 Nov. 2014].

¹³⁶ Para proceder à análise do comércio bilateral Egípcio-Qatar foram consultados os dados estatísticos constantes na base de dados da United Nations Commodity Trade Statistics Database. Disponível em: <http://comtrade.un.org/data/>, [Consult. 26 Nov. 2014].

comercial bilateral se caracterizar por ser continuamente excedentária para o Egipto, contrastando com a característica “*estruturalmente deficitária*” (AICEP, 2010: 6) da sua balança comercial. Assim, nota-se uma intensificação dos fluxos comerciais entre o Qatar e o Egipto nos anos que antecederam a revolução egípcia e, inclusivamente, após a queda do regime de Hosni Mubarak¹³⁷.

Por fim, e no que se refere à reacção do Governo egípcio à actuação da Al Jazeera, importa desde logo assinalar que o *media* qatari deparou-se com um sucessivo conjunto de obstáculos à sua actividade que, pelo seu acumular e pela sua relevância e pertinência, importa realçar.

Efectuando uma breve análise aos sucessivos obstáculos com que a Al Jazeera se defrontou, nos anos que antecederam a ‘Primavera Árabe’, assinala-se a título de exemplo a detenção, no dia 26 de Abril de 2006, de Hussain Abdel Ghani, então responsável pela representação da Al Jazeera no Cairo, sob acusação de perturbar a paz e difundir informação falsa¹³⁸. A detenção de Ghani decorre de uma reportagem efectuada aos atentados terroristas perpetrados numa zona turística de Dahab na península do Sinai, nos quais se registaram três explosões distintas e de que resultou a morte de mais de 20 indivíduos, bem como cerca de uma centena de feridos. Segundo o telegrama do Embaixador norte-americano, Francis J. Ricciardone¹³⁹, a reportagem da Al Jazeera caracterizou-se pela falta de precisão a respeito do número de mortos e feridos, avançando com valores “alarmantes”, designadamente, fazendo referência à existência de pelo menos “*100 pessoas foram mortas, feridas*”, sendo que, na prática, e segundo alega o telegrama diplomático norte-americano, teria sido localmente interpretado como cem mortes, quando, na realidade, e à altura dos acontecimentos, estavam apenas registadas entre 18 a 24 mortos, traduzindo deste modo uma discrepância significativa entre os factos reais e os noticiados. Efectivamente, e pese embora se possa admitir um défice de precisão do jornalista aquando da difusão dos factos, aquele incidente merece ser enquadrado, primeiramente pela

¹³⁷ Não obstante, para o ano de 2012 e 2013, verifica-se uma diminuição no volume das transacções comerciais na ordem dos 9% e 25%, respectivamente.

¹³⁸ Wikileaks, Egyptian Security Detains Al-Jazeera Bureau Chief, For Allegedly Eroneus Reports. Disponível em: <http://cables.mrkva.eu/cable.php?id=62015>, [Consult. 14 Jul. 2014].

¹³⁹ Embaixador norte-americano no Cairo durante o período de 2005 a 2008. Disponível em: http://turkey.usembassy.gov/ambassador_francis_j_ricciardone.html, [Consult. 19 Jul. 2014].

circunstância de se suceder a, pelo menos, um episódio similar, ocorrido em 2005¹⁴⁰ com jornalistas da Al Jazeera, não se consubstanciando, deste modo, o episódio de Abril de 2006 como inédito, mas sim, tratando-se de uma continuidade da estratégia do Governo egípcio para com os jornalistas não alinhados com a versão governamental dos acontecimentos. Acresce que, deverá ser igualmente assinalado que aqueles episódios se encontram estreitamente relacionados com o défice de liberdade de imprensa que caracteriza o Egipto naquele período. Assim, ponderando a avaliação que a organização *Freedom House* fez da situação de liberdade de imprensa vivida no Egipto (*Freedom House*, 2006), destaca-se um quadro de fortes constrangimentos à actividade jornalística, caracterizado por uma sustentação legal, isto é, um código penal que prevê multas e prisão por actos de crítica ao Presidente ou membros do Governo e notícias “*passíveis...de causar danos e prejuízos à segurança pública*” (*Freedom House*)¹⁴¹ e por outro lado a existência de acções de intimidação a jornalistas, sem qualquer suporte legal. De referir, ainda, dois aspectos que permitem enquadrar o posicionamento e actuação do Governo de Hosni Mubarak perante os órgãos de comunicação social a actuar no Egipto, realçando-se, num primeiro momento, que a pressão oficial sobre a actividade dos jornalistas não foi um fenómeno apenas circunscrito ao *media* Al Jazeera. Recorde-se que, dias antes da detenção de Hussain Abdel Ghani, em 17 de Abril de 2006, um Tribunal criminal do Cairo tinha condenado três jornalistas do *media* Al Misry al Youm¹⁴², designadamente, Alaa al Ghatrifi, Youssef al Oumi e Abd al Nasser al Zuhairi, a um ano de prisão e a uma sanção pecuniária de US\$1 740 por “*difamação de um funcionário público*”, situação que esteve relacionada com a publicação de uma notícia, alegando que as autoridades locais teriam efectuado buscas ao gabinete do então Ministro da Habitação¹⁴³. Um segundo aspecto, que contribui para enquadrar o

¹⁴⁰ Aquando da realização de uma Assembleia Geral de Juízes egípcios em 13 de Maio de 2005 e perante a tentativa de cobertura daquele evento por parte da Al Jazeera, as forças de segurança egípcias impediram a actividade dos funcionários daquele *media*, tendo inclusivamente procedido à detenção de nove jornalistas e técnicos da cadeia de televisão qatari. *Freedom House*, Egypt Freedom of the Press 2006. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-press/2006/egypt#.VLeAkNKsUI9>, [Consult. 29 Nov. 2014].

¹⁴¹ *Freedom House*, Egypt Freedom of the Press 2006. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-press/2006/egypt#.VLoxFNKsUI9>, [Consult. 29 Nov. 2014].

¹⁴² Transliteração aproximada do árabe المصري اليوم.

¹⁴³ Poder-se-ão elencar ainda outros exemplo relativos à “pressão” do Governo de Mubarak à actividade da Al Jazeera, recordando-se, a título de exemplo, em 2007, quando uma jornalista daquele *media* foi detida pelas autoridades egípcias antes de embarcar para o Qatar, tendo sido encontrado na sua bagagem 50 cassetes de vídeo, a que o Ministério do Interior se referiu como capaz de “*manchar a reputação do Egipto e prejudicando os interesses nacionais*”. BBC NEWS, Egypt Seizes al-Jazeera reporter. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/6260285.stm, [Consult. 29 Nov. 2014].

ambiente de falta de liberdade de imprensa experienciado pelos *media* àquela altura no Egipto, está relacionado com a avaliação quantitativa da Freedom House, tendo classificado o Egipto, em 2006, como “Not Free” e posicionando-se no 61ª posição numa escala de 0 a 100, traduzindo o limite superior um pior ambiente de liberdade de imprensa.

Perante o quadro de acontecimentos anteriormente descrito, fica demonstrada a dificuldade com que se deparou o *media* Al Jazeera em operar em território Egípcio nos anos que antecederam a revolução egípcia, situação que, na prática, acabou por contribuir para cercear, de certo modo, o *Soft Power* qatari que se projectava por via das emissões da Al Jazeera. Contudo, importa também avaliar em que medida foram registados episódios de resistência do Governo de Mubarak à actividade desenvolvida pela Al Jazeera durante os primeiros sinais da revolução egípcia, isto é, entre Janeiro e Fevereiro de 2011.

Com o início da revolução egípcia, a pressão do Governo sobre o *media* qatari sofreu uma intensificação, sobretudo após o designado “Dia de Raiva”¹⁴⁴, quando em 30 de Janeiro de 2011, foi veiculado, na imprensa internacional, que o satélite responsável pela transmissão dos conteúdos Al Jazeera foi posto “fora do ar”¹⁴⁵. De facto, a intenção de “cortar” as emissões da Al Jazeera foi previamente anunciada pelo Ministério da Informação, dando conta da suspensão das operações daquele *media*, bem como das licenças e acreditação do *staff* para operar no país¹⁴⁶. Horas depois, a decisão foi efectuada, tendo, em resposta, a Al Jazeera emitido um comunicado condenando veementemente a decisão do Governo e alegando terem sido avisados apenas horas antes da suspensão das transmissões e que, pese embora a acção obstaculizante do Governo egípcio, iriam continuar a efectuar a cobertura dos acontecimentos. No dia seguinte, em 31 de Janeiro de 2011, é amplamente ventilado nos *media* internacionais que seis jornalistas da Al Jazeera foram detidos pelas autoridades egípcias, tendo-lhes sido retirado todo o equipamento. De facto a intenção do Governo em obstar à actividade daquele *media* foi notória, contudo, o canal qatari logrou contornar aquelas acções, tendo instado cidadãos, jornalistas e *bloggers*

¹⁴⁴ Ocorrido a 25 de Janeiro de 2011, figurando como um evento simbólico (Auerbach e Castronovo, 2013: 427) do início do processo revolucionário egípcio que entretanto assistiu a inúmeros outros dias marcantes para o processo em curso, com designações igualmente simbólicas (e.g. “Day of Anger”, “Friday of Resilience”, “Friday of Martyrs”).

¹⁴⁵ Arabian Business, Egypt shuts down Al Jazeera offices amid Cairo riots. Disponível em: <http://www.arabianbusiness.com/egypt-shuts-down-al-jazeera-offices-amid-cairo-riots-377273.html>, [Consult. 13 Dez. 2014].

¹⁴⁶ Al Jazeera, Egypt shuts down Al Jazeera bureau. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201113085252994161.html>, [Consult. 13 Dez. 2014].

a contribuir com o envio de relatos na primeira pessoa sobre os movimentos de sublevação popular¹⁴⁷.

A acção do Governo egípcio de actuar sobre o *media* qatari revela uma tentativa clara de mitigar a projecção de uma “mensagem” de instabilidade social, admitindo-se que, de facto, o trabalho desenvolvido pela Al Jazeera tenha tido um “papel” importante na potenciação do vórtice político-securitário que se encontrava em curso. No entanto, e paralelamente à cobertura jornalística da Al Jazeera, esta foi acompanhada pela vertente religiosa, estimando-se que o “corte” das comunicações tenha sido um acumular de duas situações que para o Governo se tornaram insustentáveis, nomeadamente: *i)* a difusão continuada de imagens das manifestações populares em diferentes pontos do país; e *ii)* a transmissão de um comunicado de al Qaradawi no dia 29 de Janeiro de 2011 na Al Jazeera. A propósito do segundo ponto, destacam-se algumas das declarações proferidas pelo *mufti* al Qaradawi naquela comunicação:

“I advise President Mubarak to leave Egypt as there is no other solution to the current problem except for him to leave.”

“Leave O' Mubarak, have mercy on these people and leave before the ruin of Egypt grows worse.”

“You should no longer stay Mubarak. I advise you to learn from the experience of the ousted Tunisian president Bin Ali. I would prefer that a civil court tries you rather than to be tried by the masses.” (Muslim Matters, 2011)¹⁴⁸

Não obstante a relevância de uma análise ao discurso de al Qaradawi, sobretudo pelo facto de se tratar de uma figura considerada no seio da *Ummah* islâmica, para efeitos da elaboração e conclusão do presente capítulo, relevam-se dois factores que se consideram fundamentais para compreender o alcance da relação entre al Qaradawi, a Al Jazeera e a política externa qatari. Destacam-se assim, o facto da Al Jazeera figurar como um veículo

¹⁴⁷ Refira-se que, a mesma notícia dá conta que aproximadamente uma hora depois de terem sido detidos, os jornalistas foram libertados, porém, o equipamento fora apreendido pelas forças de segurança. The Guardian, Al-Jazeera journalists arrested in Egypt. Disponível em: <http://www.theguardian.com/media/2011/jan/31/al-jazeera-journalists-egypt>, [Consult. 13 Dez. 2014].

¹⁴⁸ Muslim Matters, Sheikh Dr. Yusuf al-Qaradawi to Egyptian President Hosni Mubarak: “Step Down”. Disponível em: <http://muslimmatters.org/2011/01/31/sheikh-dr-yusuf-al-qaradawis-to-egyptian-president-hosni-mubarak-step-down/>, [Consult. 14 Dez. 2014].

para a difusão do posicionamento de al Qaradawi¹⁴⁹ e, um segundo factor, intimamente relacionado com o primeiro, que se encontra baseado na premissa de que a Al Jazeera projecta, de certo modo, os interesses da agenda política de Doha. De facto, a comprovar-se esta última hipótese, esta poderá justificar, em parte, o vazio de reacções do aparelho político-diplomático qatari, face aos acontecimentos que se encontravam em curso no Egipto¹⁵⁰, contrariando a tendência de alguns actores da Comunidade Internacional em manifestarem o seu posicionamento, destacando-se, a título de exemplo, os casos da então Secretária de Estado norte-americana Hillary Clinton¹⁵¹, do então Senador norte-americano John Kerry¹⁵² e também da UE¹⁵³. De facto, a ausência de um posicionamento oficial por parte de Doha decorrerá em parte do longo e tenso relacionamento bilateral com o Cairo pelo menos de 2006 a 2009. Não obstante a viagem oficial de Mubarak ao Qatar em Novembro de 2010, tendo em vista uma tentativa de “normalização” do relacionamento bilateral, é de assinalar que esta deslocação ocorreu apenas meses antes da revolução egípcia, pelo que se admite que o curto tempo decorrido não tenha possibilitado significativos avanços no relacionamento entre os dois países. Concomitantemente, admite-se também que uma eventual mudança de regime no Egipto não pusesse em causa, de

¹⁴⁹ Cujas relevância assenta numa evidência já mencionada na presente dissertação, designadamente o facto de al Qaradawi ser significativamente considerado no âmbito da *Ummah* islâmica.

¹⁵⁰ De acordo com a pesquisa efectuada para a presente dissertação, desde o início da revolução egípcia e até à renúncia de Mubarak do cargo de Presidente do Egipto, não foram detectadas reacções oficiais por parte de Doha relativamente aos protestos populares e à resposta “musculada” do Governo.

¹⁵¹ Recorde-se, a título de exemplo, algumas das suas declarações em 26 de Janeiro de 2011: “*We support the universal right of the Egyptian people, including the right to freedom of expression, association and assembly. We urge the Egyptian authorities not to prevent peaceful protests nor block communications, including on social media sites*”. CBS News, Clinton calls for calm, restraint in Egypt. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/news/clinton-calls-for-calm-restraint-in-egypt/>, [Consult. 14 Dez. 2014].

¹⁵² Num artigo publicado no The New York Times, datado de 1 de Fevereiro de 2011, John Kerry escreveu: “*It is not enough for President Mubarak to pledge “fair” elections, as he did on Saturday. The most important step that he can take is to address his nation and declare that neither he nor the son he has been positioning as his successor will run in the presidential election this year. Egyptians have moved beyond his regime, and the best way to avoid unrest turning into upheaval is for President Mubarak to take himself and his family out of the equation*”. The New York Times, Allying Ourselves With the Next Egypt. Disponível em: http://www.nytimes.com/2011/02/01/opinion/01kerry.html?_r=1, [Consult. 14 Dez. 2014].

¹⁵³ No dia 2 de Fevereiro de 2011, a UE veiculou um comunicado relativamente à situação egípcia, do qual se extrai parte do seu conteúdo a título exemplificativo: “*The European Commission has been following closely the latest events in Egypt and at its meeting today expressed its firm commitment to support the legitimate aspirations of the people of Egypt. The European Commission reiterates the call for an orderly transition in Egypt through a comprehensive process encompassing all political forces and civil society ready to abide by democratic norms. We urge for the necessary reforms including the holding of free and fair elections to be undertaken in a timely, decisive and concrete manner*”. European Commission, European Commission calls for orderly transition and the holding of free and fair elections in Egypt. Disponível em: http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-11-63_en.htm?locale=en, [Consult. 14 Dez. 2014].

forma significativa, os interesses nacionais qataris. Tendo em conta esta hipótese, e não tendo tido Doha a certeza quanto ao resultado do desfecho dos acontecimentos no Egipto, considera-se que as autoridades qataris optaram por uma postura de *wait and see*, moldando a sua estratégia político-diplomática em função da evolução dos acontecimentos político-securitários no Egipto.

Contudo, e invertendo a postura até aí adoptada, por ocasião do afastamento de Mubarak do cargo de Presidente no dia 11 de Fevereiro de 2011, Doha decidiu veicular um comunicado de imprensa através da Qatar News Agency (QNA) referindo *"This is a positive, important step towards the Egyptian people's aspirations of achieving democracy and reform and a life of dignity"*¹⁵⁴. Igualmente importante, e a título de enquadramento, importará notar que a reacção político-diplomática de Doha ocorre em simultâneo com a difusão de múltiplos comunicados de imprensa de outros Governos, alinhando-se dessa forma com a reacção da Comunidade Internacional à alteração política que se encontrava em curso no Egipto. Através do supracitado comunicado foi igualmente possível aferir que Doha anteviu uma oportunidade com o afastamento do Hosni Mubarak, tendo-se assistido, a partir daquele momento, a um envidar de esforços no sentido de direccionar o foco da política externa qatari para o Egipto.

Se por um lado Doha manifestou a intenção de reforçar o vínculo com o Cairo, porém, importará também notar que a sua estratégia não foi plenamente alcançada já que, e como referido no presente capítulo, pese embora o sucesso da aproximação político-diplomática e financeira (e.g. doações de capital), assistiu-se a um retrocesso do relacionamento noutras dimensões, designadamente nas componentes:

- i) comercial, ao registar-se uma diminuição no volume de transacções bilateral em 2012 (-9%)¹⁵⁵ e 2013 (-25%)¹⁵⁶; e
- ii) investimento directo estrangeiro, dado que, depois de ter sido alcançado um valor recorde de IDE qatari no Egipto no período 2010/2011 (US\$191,5 milhões), nos dois períodos subsequentes, 2011/2012 e 2012/2013, os valores registados ficaram significativamente aquém, US\$34,9 milhões e US\$71,3 milhões, respectivamente.

¹⁵⁴ National Post, World leaders weigh in on Mubarak's resignation. Disponível em: <http://news.nationalpost.com/2011/02/11/world-leaders-weigh-in-on-mubaraks-resignation/>, [Consult. 14 Dez. 2014].

¹⁵⁵ Face ao período homólogo de 2011.

¹⁵⁶ Face ao período homólogo de 2012.

Por outro lado, na fase pós-Mubarak, um dos planos em que se estima ter existido um aprofundar do relacionamento bilateral foi no plano político-religioso, nomeadamente através do apoio de Doha à Irmandade Muçulmana. Contudo, após ter sido desenvolvido um esforço de pesquisa no sentido de sinalizar factos que permitissem evidenciar o apoio directo de Doha à IM, cumpre referir que estes não foram encontrados. Em contrapartida, o único apoio concreto, de que se tem conhecimento, foi consubstanciado por via do *hard power* financeiro qatari ao Egipto, isto é, no plano estritamente bilateral entre os dois Estados, nomeadamente com o intuito de recapitalizar o Banco Central egípcio, através de sucessivas transferências de capital, como já referido no presente capítulo. Ainda a respeito da hipótese inicialmente apresentada, no âmbito da alegada aproximação político-religiosa, importará também referir que esta se fundamentava no facto de já existir um longo relacionamento entre Doha e a IM, tal como mencionado no capítulo 3.2. O fio condutor entre Doha, a Irmandade Muçulmana e o mediático al Qaradawi.

Face ao exposto, e tendo por finalidade a conclusão do presente capítulo, importará sublinhar que a crescente aproximação político-diplomática de Doha ao Cairo, após a queda do regime de Mubarak, acabou por resultar num desfecho temporariamente¹⁵⁷ favorável ao Emirado do Qatar, sobretudo após a eleição de Mohamed Morsi, pertencente ao partido da IM, o Partido da Liberdade e da Justiça. De facto, e a consubstanciar o empenho de Doha no relacionamento bilateral esteve o encontro mantido no Cairo entre o então recém-empossado Mohamed Morsi e o Emir qatari, tendo, a partir desse momento, o apoio financeiro qatari ao Egipto sido reforçado.

¹⁵⁷ Tendo em consideração a “janela temporal” em que a presente dissertação assenta a sua análise, apresenta-se inoportuna a avaliação profunda do relacionamento bilateral Qatar-Egipto pós-eleição de Mohamed Morsi, isto é, de Junho de 2012 em diante. Não obstante, dada a relevância dos acontecimentos de ordem política no Egipto em 2013, importa mencionar dois aspectos que contribuíram, novamente, para um revés no relacionamento bilateral Qatar-Egipto, designadamente quando: *i*) a presidência de Presidente Morsi viu o seu término antecipado quando em 3 de Julho de 2013, o Chefe de Estado foi deposto pelos militares; e *ii*) no decurso do afastamento de Morsi, a filial da Al Jazeera no Egipto viu-se novamente envolvida numa controvérsia político-mediática em torno da sua actuação, tendo sido, numa primeira instância alvo de um corte das emissões e, num segundo momento, acusada de uma orientação editorial manifestamente pró-Morsi. Global Voices, Al Jazeera Accused of “biased” Egypt Coverage. Disponível em: <http://globalvoicesonline.org/2013/07/08/al-jazeera-accused-of-biased-egypt-coverage/>, [Consult. 15 Dez. 2014].

3.4. O envolvimento de Doha na revolução líbia

No âmbito da presente dissertação, e como mencionado no segundo capítulo, Objectivo do Estudo, o objectivo da investigação centra-se no papel que o Emirado do Qatar desempenhou na Líbia durante o início da Primavera Árabe, com particular enfoque nas componentes financeira, política e militar. A pertinência de apresentar um enfoque específico do envolvimento qatari na Líbia decorre do facto da política externa do Emirado ter vindo a privilegiar, até então, essencialmente dois vectores para a projecção dos seus interesses:

Vector *Soft Power* – e.g.: através da acção diplomática, assistência humanitária, mediação de conflitos, etc.; e

Vector *Hard Power* – e.g.: por via da assistência financeira – através da cedência/doação de capital – ou, inclusivamente, por via de IDE.

Porém, a novidade que se apresenta em torno da acção da política externa qatari ocorre precisamente quando, pela primeira vez na história da sua projecção na esfera internacional, Doha recorre à via militar enquanto instrumento ao serviço da sua política externa, sendo o caso mais paradigmático consubstanciado na intervenção militar de Doha em território líbio em 2011. Poder-se-á, inclusivamente, defender que a intervenção de Doha na Líbia constitui-se como um caso prático da aplicação do conceito de *Smart Power* criado por Joseph Nye, já que, e como se verá no presente capítulo, Doha privilegiou na sua intervenção, o diálogo político-diplomático paralelamente com a ajuda financeira e recursos militares, constituindo-se a sua actuação numa terceira tipologia de vector para a projecção dos seus interesses.

Apresentando-se justificada a pertinência da escolha do envolvimento qatari na Líbia, motivando o desenvolvimento de um capítulo autónomo dedicado a este assunto, importa por ora iniciar a análise ao vínculo entre Doha e Tripoli, sendo que, para esse efeito, o presente capítulo encontra-se tripartido:

- Primeira Parte – Na qual é analisado o estado do relacionamento bilateral, prévio, à revolução líbia, designadamente no que se refere aos planos político-diplomático, comercial/IDE e religioso;

- Segunda Parte – Na qual é descrita, mediante os dados obtidos durante a pesquisa, o *modus operandi* da intervenção qatari na Líbia, tendo em vista o derrube do regime líbio então vigente; e
- Terceira Parte – Na qual se procurará aquilatar o móbil que subjaz à decisão de intervir militarmente na Líbia, bem como proceder a uma avaliação dos eventuais benefícios e/ou prejuízos decorrentes daquela intervenção.

3.4.1. As relações bilaterais entre o Emirado do Qatar e a Líbia no período que antecedeu a revolução de 2011

Durante o período em que Muammar al Gaddafi esteve no poder, o relacionamento bilateral entre o Qatar e a Líbia ficou indiscutivelmente marcado por um momento que, em síntese, resultou na tentativa de cidadãos líbios levarem a cabo um ataque terrorista em território qatari. O episódio em causa ocorreu em Setembro de 1983, antecedendo o encontro de Chefes de Estado do CCG, agendado para se realizar em Doha no hotel Sheraton – à altura um edifício icónico da cidade – durante o mês de Novembro daquele ano. De acordo com a obra *Middle East Contemporary Survey, Vol. 8, 1983-84* (1986: 417 e 418), o plano terrorista visava alegadamente eliminar os mais altos representantes do CCG ou o Emir Khalifa bin Hamad al Thani, sendo ainda referido que o móbil do atentado não se trataria apenas de uma disputa entre facções rivais no seio da família al Thani, mas que envolveria apoio externo, designadamente da Líbia e do Irão. A mesma obra sublinha que, na sequência da intervenção atempada dos Serviços de Segurança qataris¹⁵⁸, doze indivíduos terão sido detidos, confessando terem operado em conluio com a *Intelligence* líbia, agravando, deste modo, as suspeitas de envolvimento do regime de al Gaddafi naquele episódio. Em resultado do sucedido, Doha ordenou o então Encarregado de Negócios líbio a abandonar território qatari e procedeu ao encerramento das fronteiras do Emirado para a realização da Cimeira do CCG, durante as cinco semanas que antecederam o evento. Julga-se, de facto, que aquele episódio tenha marcado de forma significativamente negativa o quadro do relacionamento entre Doha e Tripoli, podendo-se, inclusivamente admitir que, a

¹⁵⁸ Embora a operação tenha sido executada pelas forças e serviços de segurança qataris, a mesma obra refere que terá sido a *Intelligence* egípcia a primeira a identificar o plano do atentado, tendo reencaminhado a informação para a *Intelligence* saudita a qual por sua vez notificou Doha da ameaça terrorista. (Shaked e Dishon, 1986: 417).

decisão de Doha em colaborar, em 2011, no derrube do regime de al Gaddafi, tenha, em parte, sido uma possível retaliação à tentativa líbia de perpetrar um atentado em Doha no início da década de 80 do séc. XX.

Porém, e como já mencionado na presente dissertação, uma das características que tem marcado a política externa de Doha ao longo das últimas décadas é a sua postura de *realpolitik*, pelo que possibilita uma flexibilidade assinalável do Emirado perante diferentes enquadramentos geopolíticos. Por outro lado, e para além da visão eminentemente prática do Emirado do Qatar, também a sua “veia” mediadora tem sido uma marca insofismável da política externa do Emirado, pelo que, para além dos casos já assinalados do envolvimento qatari em mediação de conflitos [e.g. Lémen (2007-2010), Líbano (2008), Darfur (2009/2010) e Djibouti-Eritreia (2010)], acrescem outros directamente relacionados com a Líbia, os quais serão alvo de uma breve abordagem no presente subcapítulo.

Um dos primeiros exemplos de mediação e envolvimento de Doha em assuntos da esfera líbia é referido por Allen Fromherz (2012: 88) e remonta a 2003, quando o Qatar colaborou, enquanto mediador, nas negociações que decorriam entre Washington, Londres e Trípoli, no âmbito do processo de desmantelamento do programa nuclear líbio. Pese embora tenha sido realizado um esforço de pesquisa tendente a aferir sobre aquele episódio de mediação, não foram encontradas, no entanto, outras fontes e informações de maior detalhe sobre o assunto em apreço. Neste contexto, poder-se-á admitir que o facto de não terem sido encontradas outras informações sobre o envolvimento de Doha, naquelas negociações, poderá resultar do facto de Doha ter tido um papel estritamente pontual¹⁵⁹ e, concomitantemente, secundário, eventualmente contribuindo para a ausência de referências à sua participação naquele processo.

Outro episódio, frequentemente citado da participação mediadora de Doha em assuntos líbios, refere-se ao mediático caso das enfermeiras búlgaras acusadas pelo regime de al Gaddafi de infectarem deliberadamente centenas de crianças líbias com VIH. A título de enquadramento, recorde-se apenas que as enfermeiras foram condenadas a cumprir pena de prisão e, nos últimos anos de cumprimento daquela pena, foram ainda condenadas

¹⁵⁹ Admite-se a hipótese de Doha ter sido útil apenas enquanto ponto de contacto e aproximação entre as partes em negociação.

a pena perpétua¹⁶⁰. No entanto, e no seguimento de negociações entre a Bruxelas e Tripoli, e com a ajuda mediadora de Doha, em 2007, foi possível chegar a acordo para a libertação das enfermeiras. Segundo notícias ventiladas à altura da libertação das enfermeiras, o então Presidente francês Nicolas Sarkozy afirmou que Paris e Bruxelas não participaram com qualquer tipo de compensação financeira à Líbia no âmbito daquelas negociações, tendo, por outro lado, dado a entender que o “papel” do Qatar foi fundamental no sentido de resolver as exigências financeiras líbias¹⁶¹. De facto, durante a pesquisa efectuada, não foram encontrados dados empíricos que permitam comprovar que a participação qatari tenha extravasado a esfera político-diplomática, isto é, que se tenha revestido de uma componente financeira para agilizar o processo negocial. Não obstante, e tendo em consideração o historial de Doha ao nível da participação financeira no âmbito de processos de mediação, não se poderá excluir que tal hipótese tenha ocorrido. Pese embora a versão veiculada na imprensa, Christopher Davidson, na sua obra *After the Sheikhs: The Coming Collapse of the Gulf Monarchies*, refere que o então Presidente Sarkozy terá afirmado que o Qatar teria mediado aquele caso por via de apoio humanitário, descrevendo tal actuação como decisiva para a libertação das enfermeiras búlgaras (2013: 88).

Talvez um dos casos de mediação qatari melhor documentado, no que respeita ao envolvimento de Doha em assuntos da esfera líbia, seja o processo de libertação do cidadão líbio Abdelbaset al Megrahi¹⁶², acusado pelas autoridades britânicas de ter perpetrado o ataque terrorista ao voo civil Pan Am 103 – mais conhecido por atentado de *Lockerbie*¹⁶³ – e que resultou na morte de 270 pessoas. Recorde-se apenas que, em Janeiro de 2001, al Megrahi foi condenado a cumprir pena perpétua no Reino Unido, tendo-lhe sido, anos mais tarde, diagnosticado um cancro em estado terminal¹⁶⁴, momento a partir do qual Tripoli envidou consideráveis esforços no sentido de procurar a libertação do cidadão líbio tendo por base um argumento de compaixão. Neste processo, e de acordo com informação vertida pela imprensa britânica, designadamente pelo *The Guardian*, Tripoli apresentou, junto do

¹⁶⁰ Chicago Tribune, Long nightmare ends for 6. Disponível em: http://articles.chicagotribune.com/2007-07-25/news/0707241206_1_cecilia-sarkozy-five-bulgarian-nurses-libyan-children, [Consult. 10 Jan. 2015].

¹⁶¹ Chicago Tribune, Long nightmare ends for 6. Disponível em: http://articles.chicagotribune.com/2007-07-25/news/0707241206_1_cecilia-sarkozy-five-bulgarian-nurses-libyan-children, [Consult. 10 Jan. 2015].

¹⁶² Transliteração aproximada do árabe عبد الباسط المقرحي.

¹⁶³ Em referência à localidade escocesa onde ocorreu o desastre.

¹⁶⁴ Esta informação foi tornada pública em Outubro de 2008. The Guardian, Salmond drawn into Megrahi row after talks with Qatar revealed. Disponível em: <http://www.theguardian.com/politics/2009/sep/03/salmond-megrahi-qatar>, [Consult. 24 Jan. 2015].

Governo escocês, um requerimento para a libertação de al Megrahi em 5 de Maio de 2009, alegando existir um acordo assinado entre a Líbia e o Reino Unido para a libertação de prisioneiros. A par das *démarches* desenvolvidas pela Líbia no sentido de “instar” as autoridades escocesas a libertar al-Megrahi, importará também notar que o Qatar participou activamente naquele processo de *lobbying*. Neste contexto, e no que concerne em particular ao envolvimento de Doha, cumprirá assinalar o encontro mantido, em 11 de Junho de 2009, entre o então *First Minister of Scotland*, Alex Salmond, o então Ministro de Estado e Cooperação Internacional qatari¹⁶⁵, Khalid Bin Mohamed al Attiyah, e o Embaixador qatari, Khalid Rashid al Hamoudi al Mansouri, que, de acordo com o *The Guardian*, versou sobre relações comerciais e de investimento entre o Qatar e a Escócia¹⁶⁶. Porém, o *media* britânico refere também que, durante aquele encontro, al Attiyah ter-se-á referido à questão da libertação de al Megrahi, sublinhando que aquele assunto fora previamente discutido no âmbito da Liga Árabe, organização à qual Doha presidia. A confirmar as informações, então, vertidas para a imprensa britânica, estão as diversas missivas entre Doha e oficiais escoceses, designadamente com Alex Salmond (*First Minister of Scotland*) e Kenny MacAskill (*Cabinet Secretary for Justice*). A título de exemplo apresentam-se alguns excertos das supra referidas comunicações:

De: Khalid Bin Mohamed al Attiyah (Ministro de Estado e Cooperação Internacional e Ministro Interino para os Negócios e Comércio)

Para: Kenny MacAskill (*Cabinet Secretary for Justice*)

Data: 17 de Julho de 2009

“Firstly, I wish to express my sincere gratitude for the hospitality afforded us during our recent visit to Scotland when we met with the First Minister, the Honorable Alex Salmond MSP. We should be honoured if members of the Scottish Executive would similarly visit Qatar so we can return the hospitality and continue exploring further avenues of cooperation between our two governments.”

“As you may be aware, His Highness Sheikh Hamad Bin Khalifa Al Thani, the Emir of the State of Qatar, is the current Chairman of the Arab League. His Highness, both personally and in his capacity as Chairman of the Arab League, would be

¹⁶⁵ Também desempenhava interinamente a pasta de Negócios e Comércio.

¹⁶⁶ The Guardian, Qatari minister raised fate of Megrahi in talks with Alex Salmond. Disponível em: <http://www.theguardian.com/politics/2009/sep/03/qatar-megrahi-alex-salmond-snp>, [Consult. 24 Jan. 2015].

most grateful if your office would conduct an urgent review of the detention of Mr. Abdelbaset An Mohamed al-Megrahi. As you know, Mr. Abdelbaset An Mohamed al-Megrahi, a Libyan national, is terminally ill. Since our visit, his condition has worsened dramatically. Time is now of the essence. Accordingly, we should be most grateful if your office would exercise its discretion and on compassionate and humanitarian grounds take the necessary measures to remove Mr. al-Megrahi from prison. Given the circumstances, we would respectfully ask that such action be taken as a matter of the utmost urgency.”

“Such a step would be deeply appreciated not just by the state of Qatar but by the 22 member states of the Arab League and their peoples.” (The Scottish Government, 2009)¹⁶⁷

De: Alex Salmond (*First Minister of Scotland*)

Para: Khalid Rashid al Hamoudi al Mansouri (Embaixador qatari para o Reino Unido)

Data: 21 de Julho de 2009

“I was very pleased to receive you and His Excellency Dr Khalid bin Mohammed Al-Attiyah, Minister for International Cooperation, on 11 June to discuss the links between our two countries.”

“As I explained in the meeting the Scottish Government received an application from the Libyan Government for transfer of Mr Al-Megrahi. This was received on 5 May 2009 under the terms of the Prisoner Transfer Agreement between the United Kingdom and Libya.” (The Guardian, 2009)¹⁶⁸

Em suma, as supramencionadas comunicações permitem aferir o seguinte:

- Confirmar a efectiva deslocação de al Attiyah à Escócia em 11 de Junho de 2009 para um encontro com Alex Salmond;
- O móbil da deslocação tinha por base uma agenda que extravasava, de forma clara, o tema da libertação de al- Megrahi;
- Doha solicitou explicitamente às autoridades escocesas a libertação de al- Megrahi;

¹⁶⁷ The Scottish Government. Disponível em: <http://www.gov.scot/Resource/Doc/925/0085972.pdf>, [Consult. 24 Jan. 2015].

¹⁶⁸ The Guardian. Disponível em: <http://image.guardian.co.uk/sys-files/Politics/documents/2009/09/01/qatar.pdf>, [Consult. 24 Jan. 2015].

- A posição de al Attiyah representa não apenas o Emirado do Qatar mas também o interesse da Liga Árabe; e
- Tripoli solicitou às autoridades escocesas, em 5 de Maio de 2009, a libertação de al Megrahi tendo por base o acordo de transferência de prisioneiros assinado entre o Reino Unido e a Líbia.

Em resultado da “pressão” exercida pela Líbia, Qatar e Liga Árabe, em 20 de Agosto de 2009, Kenny MacAskill anunciou a libertação de al Megrahi. Quer a revelação dos contactos mantidos entre Doha e as autoridades escocesas quer a decisão de libertação foram motivo de crítica e de marcada desconfiança na esfera política escocesa, tendo a então líder conservadora escocesa, Annabel Goldie, alegado que sobressaiam questões sobre as reais motivações do Governo escocês, aludindo se não teria sido influenciado por interesses de cariz comercial aquando da tomada de decisão relativa à libertação de al Megrahi. Em resposta àquelas acusações, Salmond negou existir qualquer relação entre o tema al Megrahi e as relações do Governo escocês com o Qatar¹⁶⁹. Refira-se ainda que, para adensar o quadro de incerteza em torno do real móbil, subjacente à decisão de MacAskill, foram apontadas pelo *media The Guardian* a existência de “ligações” e interesse de companhias petrolíferas britânicas, designadamente a BP, em estabelecer contratos de exploração de hidrocarbonetos em território líbio¹⁷⁰. O mesmo *media* ventilou ainda que dez empresas da indústria de hidrocarbonetos, sedeadas na Escócia, teriam realizado viagens à Líbia com o apoio directo de agências escocesas de promoção ao investimento, designadamente a Scottish Enterprise e Scottish Development International, porém, não foi possível obter a confirmação desta notícia. Foi igualmente mencionado que, em Março de 2009, a Scottish Enterprise teria organizado uma visita à Escócia para a Libyan National Oil Corporation.

Não obstante o quadro de reacções à libertação de al Megrahi no plano interno, importará ainda assinalar, no plano externo, o posicionamento dos EUA, já que, dos 270 mortos que resultaram do atentado, 180 eram norte-americanos. Em termos genéricos, e de acordo com uma sondagem levada a cabo nos EUA sobre a libertação do cidadão líbio, 82%

¹⁶⁹ The Guardian, Qatari minister raised fate of Megrahi in talks with Alex Salmond. Disponível em: <http://www.theguardian.com/politics/2009/sep/03/qatar-megrahi-alex-salmond-snp>, [Consult. 24 Jan. 2015].

¹⁷⁰ The Guardian, Salmond drawn into Megrahi row after talks with Qatar revealed. Disponível em: <http://www.theguardian.com/politics/2009/sep/03/salmond-megrahi-qatar>, [Consult. 24 Jan. 2015].

dos inquiridos discordou daquela decisão¹⁷¹, posição igualmente plasmada nas distintas intervenções públicas de responsáveis governamentais norte-americanos, nomeadamente de Hillary Clinton, Barack Obama e diversos Senadores¹⁷². Note-se, contudo, que as reacções norte-americanas não ocorreram apenas depois da tomada de decisão de MacAskill, tendo-se registado, nos meses que antecederam a libertação de al Megrahi, uma pressão no plano político, por parte de figuras norte-americanas junto das autoridades escocesas, com o intuito de evitar um desfecho desfavorável a Washington. Também no plano diplomático Washington realizou algumas diligências junto de Doha no sentido de aferir qual a extensão do envolvimento qatari no processo de libertação de al Megrahi. Assim, e de acordo com um telegrama da Embaixada norte-americana em Doha disponibilizado pela plataforma *wikileaks*, o então Embaixador norte-americano, Joseph LeBaron relatou a Washington que, em 28 de Outubro de 2009 – cerca de dois meses depois da libertação de al Megrahi – manteve um encontro com o Ministro de Estado qatari al Attiyah – figura de importância capital no processo de mediação – tendo o diplomata norte-americano transmitido a clara objecção dos EUA face à libertação do líbio¹⁷³. No mesmo telegrama é, igualmente, relatado que al Attiyah expôs dois argumentos para justificar o seu envolvimento: *i)* a decisão de Doha intervir no caso al Megrahi resultou de um pedido explícito por parte da Liga Árabe, organização à qual o Qatar então presidia, assumindo-se deste modo como um actor com responsabilidades acrescidas; e *ii)* pelo facto de al Megrahi ter enviado uma missiva ao então Emir Hamad bin Khalifa al Thani, suplicando a sua intervenção por questões humanitárias e, nesse sentido, levando al Thani a enviar al Attiyah para a Escócia para assumir a liderança daquele processo. LeBaron indagou ainda o Ministro qatari sobre se aquele Emirado teria contribuído por via de financiamento ou através de vantagens de cariz comercial com o intuito de potenciar a libertação de al Megrahi, porém, al Attiyah negou veementemente tal hipótese, tendo-se referido à mesma como “*rídícula*” e reiterando que o processo foi desenvolvido no âmbito do normativo legal escocês. O diplomata norte-

¹⁷¹ Rasmussen Reports, 82% Oppose Decision to Release Lockerbie Terrorist. Disponível em: http://www.rasmussenreports.com/public_content/politics/general_politics/august_2009/82_oppose_decision_to_release_lockerbie_terrorist, [Consult. 25 Jan. 2015].

¹⁷² Time, Lockerbie Bomber Returns to Cheers in Libya. Disponível em: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1917748,00.html>, [Consult. 25 Jan. 2015].

¹⁷³ Wikileaks, Qatar's Involvement In Al-Megrahi Release Stemmed From Arab League Request To Qatar As Arab League President. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/09DOHA644_a.html, [Consult. 25 Jan. 2015].

americano relatou ainda que al Attiyah teria afirmado “*Nós não oferecemos dinheiro, investimento, ou pagamento de algum tipo*”¹⁷⁴.

Por outro lado, e para além das iniciativas qataris em mediar assuntos da esfera líbia, importará também descrever o relacionamento bilateral em termos económicos e comerciais não obstante o seu “tímido” dinamismo. Neste quadro, e de acordo com informação disponibilizada pelo Ministério das Relações Exteriores qatari, foram assinados com a Líbia os seguintes acordos bilaterais:

- Memorando de Entendimento para Cooperação na área da Saúde (2002);
- Acordos de cooperação agrícola e indústria (2002);
- Acordo de Cooperação em Educação, Ciência e Artes (2004);
- Acordo em transporte aéreo (2004); e
- Acordo relativo a trocas comerciais, cooperação económica e encorajamento mútuo para protecção ao investimento (2004)¹⁷⁵.

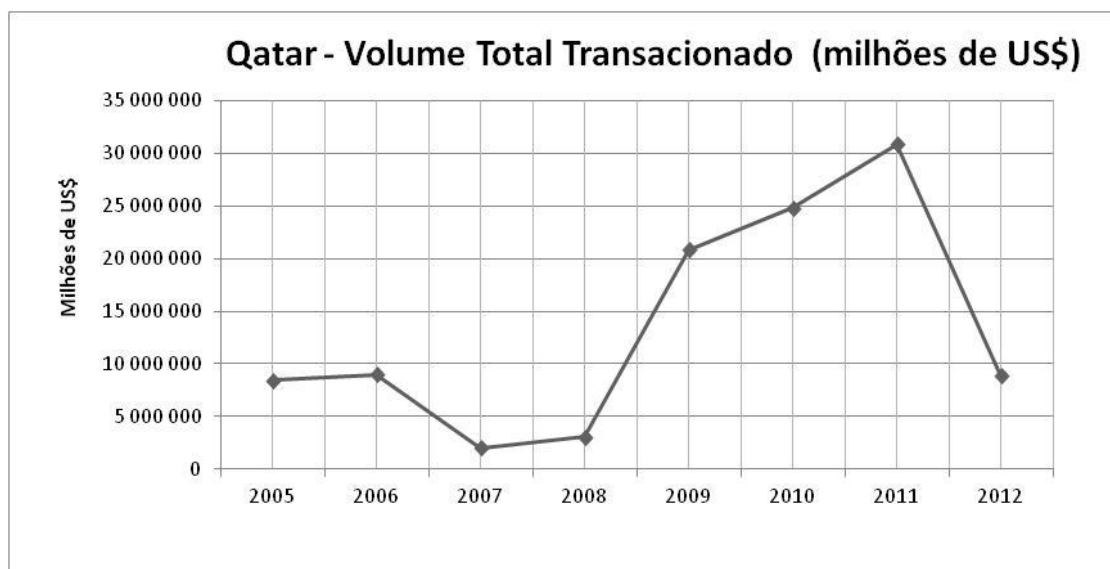
Pese embora a relevância dos acordos previamente mencionados, importa avaliar com maior detalhe o relacionamento comercial entre o Qatar e a Líbia, tendo sido consultado para o efeito a base de dados da *United Nations Commodity Trade Statistics* (UNCOMTRADE). Pretende-se com esta avaliação aferir da profundidade do relacionamento comercial bilateral, tendo-se privilegiado o período de 2005 a 2012, por se considerar que, enquanto amostra, permite evidenciar a dinâmica do relacionamento comercial bilateral nos três períodos de maior interesse para a elaboração do presente capítulo e dissertação, designadamente: *i)* o período que antecedeu a Primavera Árabe; *ii)* o período que marca o fim do regime de al Gaddafi; e *iii)* o período que corresponde ao início da actividade do Conselho Nacional de Transição (NTC) à frente dos destinos da nação líbia.

Neste âmbito, e durante o período em estudo – 2005 a 2012 –, a balança comercial registou um comportamento marcado por alguma instabilidade, porém, no período que antecedeu a designada ‘Primavera Árabe’, poder-se-á notar uma evidente tendência para o

¹⁷⁴ Wikileaks, Qatar's Involvement In Al-Megrahi Release Stemmed From Arab League Request To Qatar As Arab League President. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/09DOHA644_a.html, [Consult. 25 Jan. 2015].

¹⁷⁵ Ministry of Foreign Affairs, Signed Agreements. Disponível em: <http://www.mofa.gov.qa/en/ForeignPolicy/BilateralRelations/Pages/LY.aspx>, [Consult. 25 Jan. 2015].

aumento das transacções comerciais, sobretudo se se efectuar uma comparação entre os valores registados em 2005 e 2011, tendo, neste último ano, sido alcançado um valor recorde de US\$30,8 mil milhões. Note-se ainda que, entre 2005 e 2012, a balança manteve-se sempre excedentária para o Qatar, tendo a única excepção sido o ano de 2006. Caberá, ainda, sublinhar o aumento considerável das trocas comerciais na ordem dos 587%, entre 2008 e 2009, tendência que se perpetuou durante os dois anos seguintes, embora de forma mais moderada. Por fim, e em manifesto contraciclo face ao período precedente, entre 2011 e 2012, isto é, coincidindo com o fim do regime de al Gaddafi e com o início do exercício de funções do NTC, o relacionamento comercial assistiu a uma quebra de mais de 71% face ao período homólogo anterior, consubstanciando um retrocesso no volume das trocas comerciais para um nível próximo ao verificado em 2006.



Fonte: United Nations Commodity Trade Statistics Database

Pese embora a relevância em aferir o quadro do relacionamento comercial bilateral e, não obstante, ter-se verificado um período favorável naquele âmbito, sobretudo para o Qatar, durante o período em estudo, o Qatar não figurou como um parceiro de relevo para a Líbia em termos comerciais. De facto, entre 2005 e 2012, de acordo com dados da UNCOMTRADE, as trocas comerciais Qatar-Líbia registaram níveis manifestamente aquém

dos alcançados com outros parceiros comerciais de Trípoli, como sejam os casos da UE, China, Itália, Egipto e inclusivamente com Portugal¹⁷⁶.

No âmbito da análise ao investimento directo estrangeiro qatari na Líbia e, não obstante, fosse objectivo da presente dissertação proceder a uma avaliação para o período 2005 a 2012, os resultados da investigação apenas permitiram aferir sobre os fluxos de investimento para o período de 2008 a 2012. Assim, e de acordo com relatórios oficiais qataris¹⁷⁷, para o supramencionado período e tendo em consideração os dados disponibilizados, no quadro dos dez maiores destinos de investimento qatari no exterior, o mercado líbio não consta.

Acresce que, segundo informação de IDE disponibilizada pela UNCTAD, no quadro dos principais investidores na Líbia para o período 2005 a 2012, o Emirado do Qatar também não consta no rol de investidores, pelo que se depreende que o IDE qatari não tenha qualquer expressão face aos restantes casos. Neste contexto, cumprirá assinalar que, para o período em apreço (2005-2012), os principais investidores no mercado líbio foram os EUA, a Alemanha, a Itália, a França e a Coreia¹⁷⁸.

Inviabilizada a hipótese de realizar uma análise ao IDE qatari na Líbia, por via do tratamento de dados estatísticos, e como alternativa, foi encetado um esforço de investigação – à imagem do que foi efectuado em capítulos antecedentes – no sentido de sinalizar a intenção ou o anúncio de investimento qatari na Líbia, quer autonomamente quer em parceria com agentes líbios. Assim, e de acordo com os resultados obtidos, salientam-se algumas das notícias ventiladas na imprensa internacional relativamente a projectos de investimento qatari na Líbia, apesar de não ser possível garantir a sua efectiva concretização e/ou a veracidade dos montantes divulgados:

¹⁷⁶ A título exemplificativo refira-se que, em 2005, as trocas comerciais bilaterais Qatar-Líbia alcançaram US\$ 8,4 milhões, enquanto nos casos Itália-Líbia (US\$12,8 mil milhões), China-Líbia (US\$1,3 mil milhões), Egipto-Líbia (US\$269 milhões) e, inclusivamente, quando comparado com Portugal (US\$384 milhões).

¹⁷⁷ Elaborados pelo Ministério do Desenvolvimento, Planeamento e Estatística, e pelo *Qatar Information Exchange*, projecto qatari desenvolvido em parceria entre diversos organismos estatais. Em concreto, foram consultados os seguintes relatórios: i) *Foreign Investment Survey, 2010*, elaborado pelo *Economic Statistics Department Qatar Statistics Authority*; e ii) *Foreign Investment Survey, 2013*, elaborado pelo *Economic Statistics and National Accounts Department* do Ministério do Desenvolvimento, Planeamento e Estatística. *Economic Statistics Department Qatar Statistics Authority, Foreign Investment Survey, 2010*. Disponível em: http://www.qix.gov.qa/portal/page/portal/QIXPOC/Documents/QIX%20Knowledge%20Base/Publication/Economic%20statistics/Foreign%20Investment/Source_QSA/Foreign_Investment_QSA_AnBu_E_2010.pdf, [Consult. 14 Fev. 2015]. *Ministry of Development Planning and Statistics, Foreign Investment Survey, 2013*. Disponível em: <http://www.qsa.gov.qa/eng/FrequentData/FDI/2013/FI-Survey-2013.pdf>, [Consult. 14 Fev. 2015].

¹⁷⁸ United Nations Conference on Trade and Development. Libya. Disponível em: http://unctad.org/Sections/dite_fdistat/docs/webdiaeia2014d3_LBY.pdf, [Consult. 14 Fev. 2015].

- Em Abril de 2007, o Qatar National Bank anunciou, em comunicado de imprensa, que abriu uma representação na Líbia, enquanto parte de uma estratégia de expansão regional¹⁷⁹;
- Em Outubro de 2007 o *Financial Times* relatou que o Governo líbio criou um fundo de investimento soberano, Autoridade de Investimento Líbia (LIA), a qual estabeleceu uma parceria com a congénere qatari, para a criação de um investimento conjunto no valor de US\$2 mil milhões, visando investir no mercado qatari, líbio e mercados ocidentais¹⁸⁰;
- Em Fevereiro de 2008, a Qatari Diar Real Estate Investment Company e o Governo líbio assinaram um acordo para a criação da Libyan Qatari Real Estate and Tourism Company, com sede em Trípoli, num valor aproximado de US\$8,3 milhões¹⁸¹. A mesma notícia indica que o principal foco da actividade do novo projecto estará assente no desenvolvimento, construção e operação de serviços na área das *utilities*, turismo e indústria em território líbio;
- Em 29 de Junho de 2008, o *media* líbio, *The Tripoli Post*¹⁸², relatou uma visita de curta duração do Emir qatari Hamad Bin Khalifa al-Thani à cidade líbia de Sirte, onde manteve um encontro com al Gaddafi e durante o qual foram assinados cinco acordos no valor de US\$8 mil milhões, tendo sido adiantado que as áreas de investimento seriam no âmbito dos serviços financeiros, energia, imobiliário e turismo. No âmbito dos acordos assinados, foi anunciada a criação de um fundo conjunto entre a QIA e a LIA, no valor de US\$2 mil milhões, a criação de um banco líbio-qatari com uma capitalização inicial no valor de US\$600 milhões e, ainda a título de exemplo, a construção de dois hotéis de cinco estrelas e centros de desporto a oeste da localidade Janzour¹⁸³, num valor aproximado de US\$300 milhões;
- Em Julho de 2008, *The Tripoli Post* informa que o banco qatari, *Masraf Al Rayan*¹⁸⁴, recebeu autorização do Banco Central do Qatar para abrir uma representação na Líbia,

¹⁷⁹ Khaleej Times. Qatar National Bank says opens Libya Office. Disponível em: http://www.khaleejtimes.com/mobile/inside.asp?xfile=/data/business/2007/April/business_April336.xml§ion=business, [Consult. 15 Fev. 2015].

¹⁸⁰ Financial Times. Libya starts to deploy \$40bn fund. Disponível em: <http://www.ft.com/cms/s/0/c4bd32be-7cd2-11dc-ae2-0000779fd2ac.html#axzz3dggeUOzE>, [Consult. 15 Fev. 2015].

¹⁸¹ Property Wire. Libya and Qatar to establish joint real estate firm. Disponível em: <http://www.propertywire.com/news/middle-east/libya-and-qatar-to-establish-joint-real-estate-firm-20080221491.html>, [Consult. 15 Fev. 2015].

¹⁸² The Tripoli Post. Emir of Qatar visits Libya, Meets the Leader. Disponível em: <http://www.tripolipost.com/articledetail.asp?c=1&i=2055>, [Consult. 15 Fev. 2015].

¹⁸³ Transliteração aproximada do árabe رَجَزُور.

¹⁸⁴ Transliteração aproximada do árabe مصرف الريان.

tendo sido ainda referido que o banco qatari pretendia estabelecer uma rede de agências na Líbia em conjunto com um parceiro local líbio¹⁸⁵;

Face aos exemplos previamente expostos, a respeito de anúncios de projectos e acordos celebrados entre Doha e Tripoli, verifica-se que para além dos planos político-diplomático e comércio bilateral, também na rubrica de investimento externo o Emirado do Qatar implementou uma estratégia de projecção para o mercado líbio. Importará, no entanto, e antes de aferir sobre o móbil subjacente ao IDE qatari na Líbia, contextualizar aquele quadro, tendo em consideração, designadamente, o facto de ter coincidido com o período de abertura e normalização do relacionamento de Tripoli¹⁸⁶ com a Comunidade Internacional, de que são exemplo o levantamento das sanções 731¹⁸⁷ (1992), 748¹⁸⁸ (1992) e 883¹⁸⁹ (1993) do CSNU, assim como a retirada (2006) da Líbia, por parte de Washington, do rol de Estados associados a terrorismo, tendo ainda sido restabelecidas as relações diplomáticas EUA-Líbia¹⁹⁰.

Neste contexto, a Líbia registou uma tendência crescente do interesse externo, tendo sido “cortejada” por diversas empresas estrangeiras ligadas ao sector dos hidrocarbonetos para investirem no mercado líbio, recordando-se, em particular, o facto de se tratar do país com maiores reservas de petróleo no continente africano. Porém, a reconciliação com a Comunidade Internacional não proporcionou apenas uma abertura do investimento ao sector dos hidrocarbonetos, sublinhando-se ainda o interesse por outros sectores (e.g. construção civil, *utilities*) daquela economia, tendo sido inclusivamente ventilado na imprensa internacional, em 2009, que existiria um plano a cinco anos, no valor

¹⁸⁵ The Tripoli Post. Masraf Al Rayan to open Libya Office. Disponível em: <http://www.tripolipost.com/article/detail.asp?c=2&i=2094>, [Consult. 15 Fev. 2015].

¹⁸⁶ Refere-se à transição da década de 90 para o início do séc. XXI, sobretudo depois de ter atravessado duas décadas de incompatibilização com a Comunidade Internacional (décadas de 80 e 90 do séc. XX)

¹⁸⁷ Condenação do Estado líbio pelo facto de não ter colaborado no âmbito das investigações ao ataque terrorista contra o voo UTA 772. Stockholm International Peace Research Institute. UN arms embargo on Libya. Disponível em: http://www.sipri.org/databases/embargoes/un_arms_embargoes/libya/libya-1992, [Consult. 15 Fev. 2015].

¹⁸⁸ Foram impostas sanções relativas a voos, sanções diplomáticas e embargos ao comércio de armamento. Global Policy Forum. History of UN Sanctions on Libya. Disponível em: <https://www.globalpolicy.org/component/content/article/195-libya/42383.html>, [Consult. 15 Fev. 2015].

¹⁸⁹ “Congelamento” de recursos e fundos financeiros líbios em países terceiros e exclusão de fornecimento ao país de equipamento destinado à refinação e transporte de petróleo. Global Policy Forum. History of UN Sanctions on Libya. Disponível em: <https://www.globalpolicy.org/component/content/article/195-libya/42383.html>, [Consult. 15 Fev. 2015].

¹⁹⁰ ABC NEWS. Libya is Off U.S. Terrorist List. Disponível em: <http://abcnews.go.com/International/story?id=1965753>, [Consult. 15 Fev. 2015].

de US\$126,5 mil milhões, visando o desenvolvimento de infraestruturas de distribuição de água, saneamento, aeroportos, habitação e escolas¹⁹¹. Efectivamente, a considerável dimensão e ambição do supramencionado projecto terá de ser “lido” à luz do *momentum* político-económico que o país então vivia, designadamente, tendo em apreciação o facto do Governo de al Gaddafi pretender capitalizar, em termos económicos, o período de abertura ao exterior para atrair investimento externo para a economia líbia.

Por fim, e no âmbito da análise ao relacionamento bilateral Qatar-Líbia para o período pré-revolução e tendo sido já abordados os planos político, diplomático, comercial e de investimento, permanece por aferir sobre a dimensão religiosa, isto é, com o objectivo de confirmar eventuais vínculos, nesse plano, entre Doha e Tripoli.

Com efeito, na pesquisa efectuada destaca-se uma personalidade de nacionalidade líbia com vínculos a Doha no plano religioso e que, entretanto, alcançou particular protagonismo em razão da relevância da sua actuação na condução do processo revolucionário líbio. Neste quadro, destaca-se o Shaykh¹⁹² Ali al Sallabi¹⁹³, nascido em Benghazi¹⁹⁴ (Líbia) em 1963, filho de um banqueiro com ligações à IM, que desde cedo se vinculou àquela organização, tendo sido entretanto preso¹⁹⁵ no célebre estabelecimento prisional de Abu Salim, durante a década de 80 do séc. XX. Depois de oito anos encarcerado, foi libertado em 1988, momento em que se mudou para a Arábia Saudita para estudar teologia na Universidade Islâmica de Madina e onde se destacou como o melhor aluno da sua turma. Em seguida continuou os estudos no âmbito do islão, completando os graus de

¹⁹¹ A respeito do interesse de empresas estrangeiras no mercado norte-africano em geral e, no mercado líbio em particular, destaca-se o anúncio da empresa multinacional Drake & Scull International – opera nos sectores da construção, ferrovia, petróleo, gás natural e gestão de resíduos – que anunciou, em Março de 2009, a abertura de uma unidade na Líbia. Arabian Business. Down but not out. Disponível em: <http://www.arabianbusiness.com/down-but-not-out-18755.html?page=0>, [Consult. 16 Fev. 2015].

¹⁹² De acordo com Margarida Santos Lopes, o termo Shaykh – transliteração aproximada do árabe شيخ – configura um título honorífico pré-islâmico cujo significado varia entre líder, patriarca, notável, chefe e conselheiro. A mesma autora refere ainda que os mestres de ordens religiosas também são designados por Shaykh, bem como nos casos dos teólogos que estudam o Corão, os juristas e os que lideram as orações na mesquita (Lopes, 2010: 331).

¹⁹³ Transliteração aproximada do árabe علي الصلابي.

¹⁹⁴ Transliteração aproximada do árabe بنغازي.

¹⁹⁵ De acordo com declarações de Ali al Salabi durante uma entrevista ao *The Washington Post*, “I used to go pray at the mosque and urge others to pray...That was my crime...Any call for Islam was prohibited.”. The Washington Post. Meet the architect of the new Libya. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/meet-the-architect-of-the-new-libya/2011/12/06/gIQAfPm8hO_story.html, [Consult. 16 Fev. 2015].

mestrado e doutoramento na Universidade Islâmica de Omdurman (Sudão) em 1999¹⁹⁶. Alguns autores referem que al Sallabi ainda terá passado pelo Límen antes de se exilar no Qatar, momento a partir do qual integrou a rede local da IM e, segundo David H. Warren (2014), tornou-se estudante junto de al Qaradawi, sendo um dos notáveis em matéria islâmica para os líbios que se encontravam no exílio¹⁹⁷. Contudo, a capital importância que al Sallabi detém remonta pelo menos a 2007, momento em que o filho de al Gaddafi, Saif al Islam, iniciou um processo de reconciliação com a IM, responsável, entre 1995 e 1998, por uma tentativa de insurgência nas províncias do Leste visando a queda do regime líbio, embora sem sucesso (Kandil, 2015: 157). Para levar a cabo o processo de reconciliação, Saif al Islam recorreu a al Sallabi enquanto mediador para a libertação dos elementos pertencentes ao Grupo de Combate Islâmico Líbio (LIFG)¹⁹⁸, os quais foram paulatinamente libertados da prisão de Abu Salim. De entre os prisioneiros libertados, destaca-se o líbio Abdul Hakim Belhadj como um dos principais líderes do LIFG¹⁹⁹. Tomando em consideração a capital importância da mediação de al Sallabi, importa sublinhar que tal facto foi publicamente reconhecido, quer por Saif al Islam²⁰⁰ quer por Belhadj²⁰¹, situação que contribuiu para que o Shaykh líbio capitalizasse enquanto actor de relevo na dinâmica da política interna líbia, circunstância que o iria favorecer aquando da revolução líbia em 2011.

¹⁹⁶ American Center for Democracy. Libya – Ali al-Salabi and the Re-Emerging Muslim Brotherhood. Disponível em: <http://acdemocracy.org/libya-ali-al-salabi-and-the-re-emerging-muslim-brotherhood/>, [Consult. 16 Fev. 2015].

¹⁹⁷ WARREN, D.H. (2014), The 'Ulamā' and the Arab Uprisings 2011-13: Considering Yusuf al-Qaradawi, the 'Global Mufti,' between the Muslim Brotherhood, the Islamic Legal Tradition, and Qatari Foreign Policy, New Middle Eastern Studies, British Society for New Middle Eastern Studies. Disponível em: <http://www.brismes.ac.uk/nmes/wp-content/uploads/2014/03/NMES2014Warren.pdf>, [Consult. 16 Fev. 2015].

¹⁹⁸ Acrónimo em língua inglesa *Libyan Islamic Fighting Group* (LIFG), cuja organização foi criada por combatentes líbios em 1995 aquando do seu regresso do Afeganistão durante a guerra contra a ex-União Soviética.

¹⁹⁹ Pese embora o presente capítulo esteja centrado na esfera religiosa e na relação com Doha, porém e dado que o líbio Abdul Hakim Belhadj se configura como uma personalidade central do processo revolucionário líbio, optou-se por realizar uma breve referência. Assim, cumpre referir que nasceu em 1966, em Trípoli, participou na guerra do Afeganistão contra os soviéticos e fundou o LIFG, com o objectivo de combater o regime de al Gaddafi.

²⁰⁰ Para consultar uma breve referência ao agradecimento de Saif al Islam ao papel desempenhado por al Sallabi conferir o artigo de Omar Ashour. Carnegie Endowment for International Peace. De-Radicalizing Jihadists. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/2010/04/07/de-radicalizing-jihadists-libyan-way/fdvv>, [Consult. 17 Fev. 2015].

²⁰¹ Para consultar uma breve referência ao agradecimento de Abdul Hakim Belhadj ao papel desempenhado por al Sallabi conferir o seguinte artigo. Middle East Monitor. "Who is Abdul Hakim Belhadj, the leader of the Libyan rebels?". Disponível em: <https://www.middleeastmonitor.com/resources/reports-and-publications/2784-who-is-abdul-hakim-belhadj-the-leader-of-the-libyan-rebels>, [Consult. 17 Fev. 2015].

Em face do referido no presente sub-capítulo, poder-se-á afirmar que, durante o período que precedeu a revolução líbia, Doha desenvolveu e sustentou o seu relacionamento com Trípoli em distintos planos (e.g. político, diplomático, comercial, investimento, religioso), beneficiando de um conhecimento profundo da realidade líbia, que decorre da participação de Doha em múltiplos momentos da história recente líbia, como sejam os múltiplos casos de mediação qatari (e.g. processo de desmantelamento nuclear líbio, libertação das enfermeiras búlgaras, libertação de al Megrahi), mas também dos vínculos indirectamente estabelecidos com indivíduos que assumiram particular relevância durante a revolução líbia (e.g. Ali al Sallabi) e também o provável “trauma” de Doha relativamente à tentativa de ataque terrorista no Qatar, levado a cabo por elementos ao serviço do regime de al Gaddafi. Neste contexto, a profundidade do conhecimento qatari sobre a realidade líbia veio manifestar-se de especial utilidade aquando dos primeiros sinais de convulsão político-social e securitária na Líbia, permitindo a Doha avaliar de forma holística, e em detalhe, as mais e menos valias, decorrentes da posição assumida durante o processo revolucionário líbio.

3.4.2. Análise ao *modus operandi* qatari durante a revolução líbia

Importa, desde logo, procurar circunscrever, no tempo, o início dos primeiros sinais de descontentamento popular na Líbia, os quais ganharam escala e deram origem a intensos movimentos de sublevação popular no país, culminando na designada revolução líbia.

No início de Fevereiro de 2011, e de acordo com diversas fontes *media* internacionais, foram ventilados relatos – à altura dos acontecimentos – sobre o uso de redes sociais da internet (e.g. *facebook* e *twitter*) para agendar e organizar manifestações contra o regime de Muammar al Gaddafi²⁰². Embora o dia 17 de Fevereiro de 2011 – intitulado “Dia de Raiva” – seja amplamente apontado como um marco temporal de relevo a partir do qual se deu início à revolução, importa recordar que, no dia 15 de Fevereiro de 2011, tiveram início os primeiros protestos no país em reacção à prisão Fathi Terbil²⁰³, então

²⁰² The Huffington Post. Libya Protests: Anti-Government Protesters Killed During ‘Day Of Rage’. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/2011/02/17/libya-protests-antigovern_0_n_824826.html, [Consult. 05 Dez. 2014]. Al Jazeera. Day of rage’ kicks off in Libya. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/africa/2011/02/201121755057219793.html>, [Consult. 05 Dez. 2014].

²⁰³ Transliteração do árabe فتحي تربل.

crítico do regime vigente e advogado representante dos familiares das vítimas do massacre de 1996 na prisão de Abu Salim. De acordo com William Taylor (2014: 147), durante aquele massacre, Fathi Terbil perdeu um irmão, um primo e um cunhado, pelo que a intensidade do seu activismo político, em torno daquela causa, encontrava-se em escalada, organizando manifestações numa base semanal, juntamente com os familiares das vítimas, consubstanciando-se, na prática, como um incómodo para o regime de al Gaddafi. Segundo o mesmo autor, para as forças de segurança líbias, Fathi Terbil seria uma das figuras envolvidas no planeamento do “Dia de Raiva”, tendo a sua detenção a finalidade de mitigar a eventual adesão da população aos protestos que se encontravam planeados para o dia 17 de Fevereiro (2014: 147). Não obstante a intenção das autoridades em prevenir a realização de protestos anti-regime, e em reacção à prisão de Terbil, registaram-se de imediato manifestações em Benghazi que reuniram cerca de duas mil pessoas, reivindicando a libertação daquele activista e propalando mensagens contra o Governo. Segundo relatos então difundidos na imprensa internacional, a reacção das autoridades locais foi de tentativa de contenção dos protestos, tendo aquela intervenção resultado na alegada morte de dezenas de manifestantes²⁰⁴. De facto, aqueles primeiros protestos configuraram um prelúdio do que sucedeu nos dias seguintes e, designadamente, no “Dia de Raiva”.

Não obstante a relevância dos acontecimentos que desencadearam o início da revolução líbia e que deram origem a um período de convulsão securitária e político-social no país, importa, porém, aferir o grau de participação e o empenho político-diplomático de Doha no contexto da reacção da Comunidade Internacional aos desenvolvimentos na Líbia.

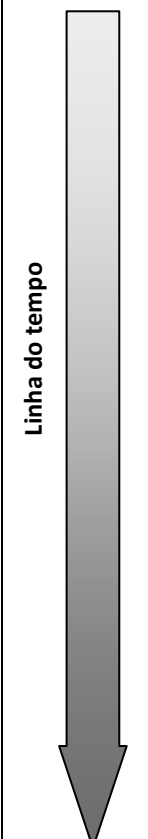
Desde logo, assinala-se que, após o início da revolução líbia e perante a escalada da reacção do regime líbio face à sublevação popular, Doha manifestou o seu “desconforto” por via do seu aparelho diplomático, ventilando um comunicado junto dos *media* internacionais referindo que estava a acompanhar de perto os desenvolvimentos na Líbia, bem como o uso por parte do regime líbio de aviões de combate contra civis. Acresce que, no mesmo comunicado, Doha instou as autoridades líbias a absterem-se de recorrer ao uso da força contra civis e terminar com o massacre em curso²⁰⁵.

²⁰⁴ Al Jazeera, Timeline: Three years after Libya's uprising. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/interactive/2014/02/timeline-three-years-after-libya-uprising-201421691755192622.html>, [Consult. 05 Dez. 2014].

²⁰⁵ News Time Africa. Government in Qatar Slams Libya's Violent Crackdown On Protesters. Disponível em: <http://www.newstimeafrica.com/archives/16371>, [Consult. 07 Dez. 2014].

Perante a sucessão de acontecimentos na Líbia, e após o “Dia de Raiva”, iniciou-se na Comunidade Internacional um conjunto de reacções instando as autoridades líbias a adoptarem uma postura de defesa dos cidadãos líbios e, concomitantemente, a respeitar a liberdade de expressão, a garantir a segurança de cidadãos estrangeiros e a entrada em segurança de corredores humanitários no país. No âmbito das primeiras reacções de órgãos internacionais, no dia 22 de Fevereiro de 2011, registaram-se as reacções da Liga Árabe, do CSNU e da Organização das Nações Unidas. Seriam de facto apenas algumas das primeiras reacções no quadro da Comunidade Internacional, tendo sido seguidas, de imediato, por um rol de diversos comunicados da esfera diplomática, encontros e reuniões promovidos entre actores de múltiplas organizações multilaterais (e.g. ONU, CSNU, União Africana, UE), adopção de resoluções e respetivas sanções e, no que se refere em particular para este trabalho, notícias sobre o posicionamento e acções qataris tendentes a contribuir para a paulatina “erosão” do regime de al Gaddafi.

No âmbito da referida cadeia de acontecimentos cumprirá destacar alguns dos seus momentos²⁰⁶:

| | Data (2011) | Actor/Ação/Evento ²⁰⁷ | Descrição |
|--|--------------|----------------------------------|--|
|  | 21 Fevereiro | Diplomacia líbia | O diplomata líbio e representante permanente da Líbia junto das NU, Ibrahim Omar Dabbashi, renunciou ao regime de al Gaddafi e aditou que <i>“We are sure that what is going on now in Libya is crimes against humanity and crimes of war”</i> , asseverando, daquele modo, os relatos que estavam a ser ventilados na imprensa internacional ²⁰⁸ . |
| | | UE | No seguimento de uma reunião entre os membros do Conselho da UE, em 20 de Fevereiro de 2011, no dia seguinte foi emitido um comunicado de imprensa condenando os actos de violência cometidos pelo regime de al Gaddafi contra a população líbia ²⁰⁹ . |
| | | Al Jazeera/al Qaradawi | Durante uma emissão da al Jazeera, o <i>ulama</i> Yusuf al Qaradawi instou, por via de uma <i>fatwa</i> , à revolta dos líbios contra o regime de al Gaddafi ²¹⁰ . |

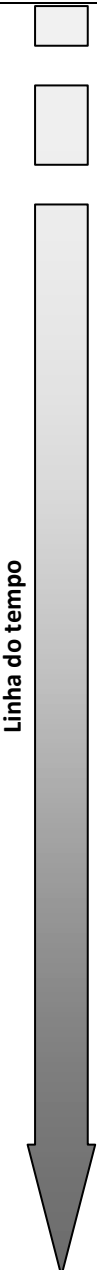
²⁰⁶ Pretende-se que a tabela supra se consubstancie como uma ferramenta auxiliar de análise contendo apenas algumas das principais ocorrências após o início do “Dia de Raiva”.

²⁰⁷ Compreende posicionamentos públicos de entidades/organizações/instituições e indivíduos.

²⁰⁸ New York Times. Libya’s U.N. Diplomats Break with Qaddafi. <http://www.nytimes.com/2011/02/22/world/africa/22nations.html>, [Consult. 20 Mar. 2015].

²⁰⁹ Council of the European Union. Press Release 3069th Council meeting. Disponível em: https://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/EN/foraff/119435.pdf, [Consult. 20 Mar. 2015].

²¹⁰ KRONOS Advisory LLC. Disponível em: http://www.kronosadvisory.com/KRONOS_AViewToExtremistCurrentsInLibya_ApprovedForDistribution.pdf, [Consult. 21 Mar. 2015].

| | | | |
|--|----------------|---|--|
|  | | | |
| | 22 Fevereiro | Emirado do Qatar | Comunicado de imprensa do aparelho diplomático qatari denuncia a violência perpetrada pelo regime líbio contra a sua população ²¹¹ . |
| | 22 Fevereiro | CSNU | <i>Briefing</i> sobre a situação de segurança na Líbia, seguido de reunião no âmbito do CSNU e da qual resultou a manifesta preocupação do membros do CSNU relativamente ao agravamento da situação de segurança no país ²¹² . |
| | | Nações Unidas | Em reacção aos relatos de violação dos Direitos Humanos as NU emitiram um comunicado de condenação dos actos de agressão e instaram as autoridades líbias a assumirem uma postura de protecção à população ²¹³ . |
| | | Liga Árabe | O então Secretário Geral da Liga Árabe, Amr Moussa, referiu à imprensa que as forças de Segurança líbias estavam a usar munições reais e a recorrer a mercenários para fazer frente aos protestos populares em curso. Na sequência de uma reunião de emergência da Liga Árabe foi decidido suspender a Líbia de participar nos encontros daquele grupo enquanto Muammar al Gadaffi não responder favoravelmente às exigências que lhe foram solicitadas ²¹⁴ . |
| 23 Fevereiro | União Africana | 261ª Reunião do Conselho de Paz e Segurança da União Africana dedicado à situação na Líbia ²¹⁵ . | |

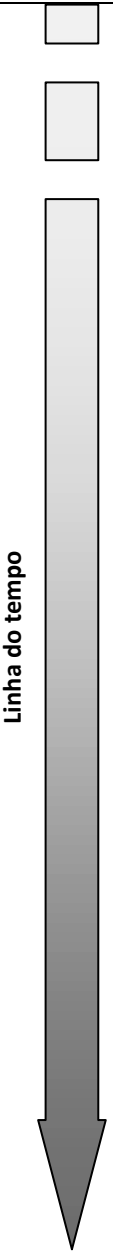
²¹¹ News Time Africa. Government in Qatar Slams Libya's Violent Crackdown On Protesters. Disponível em: <http://www.newstimeafrica.com/archives/16371>, [Consult. 07 Dez. 2014].

²¹² United Nations Security Council. Security Council Press Statement on Libya. <http://www.un.org/press/en/2011/sc10180.doc.htm>, [Consult. 20 Mar. 2015].

²¹³ United Nations Press Release. UN Secretary-General Special Adviser on the Prevention of Genocide, Francis Deng, and Special Adviser on the Responsibility to Protect, Edward Luck, on the Situation in Libya. Disponível: <http://www.un.org/en/preventgenocide/adviser/pdf/OSAPG,%20Special%20Advisers%20Statement%20on%20Libya,%2022%20February%202011.pdf>, [Consult. 20 Dez. 2014].

²¹⁴ Trade Arabia Business News Information. Arab League suspends Libya over crackdown. Disponível em: http://www.tradearabia.com/news/LAW_194006.html, [Consult. 20 Mar. 2015].

²¹⁵ African Union. Communique Of The 261st Meeting Of The Peace And Security Council. Disponível em: <http://www.peaceau.org/uploads/psc-communique-on-the-situation-in-libya.pdf>, [Consult. 21 Mar. 2015].

| | | | |
|--|--------------|---|---|
|  | 25 Fevereiro | NATO | NATO convoca reunião de emergência sobre a Líbia, tendo o então Secretário Geral, Anders Fogh Rasmussen, referido que a prioridade imediata seria evacuação e assistência humanitária, tendo ainda acrescentado que a NATO poderia ser um elemento facilitador caso os Estados quisessem agir individualmente. Embora não feito qualquer referência à implementação de uma zona de exclusão aérea, todavia, em 24 de Fevereiro, sublinhou que qualquer intervenção no âmbito da NATO requer um mandato do CSNU ²¹⁶ . |
| | 26 Fevereiro | CSNU | CSNU adopta a Resolução 1970 em reacção à sistemática violação de Direitos Humanos que se encontrava em curso na Líbia, impondo um embargo ao armamento, aplicando a proibição de deslocações para o exterior e “congelando” os activos da família de al Gaddafi e de alguns membros daquele regime ²¹⁷ . |
| | 01 Março | Nações Unidas | Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas suspende a participação da Líbia naquela instância ²¹⁸ . |
| | 07 Março | Gulf Cooperation Council ²¹⁹ | CCG insta o CSNU a adoptar todas as medidas necessárias à protecção da população líbia, incluindo a implementação de uma zona de exclusão aérea sobre a Líbia ²²⁰ . |

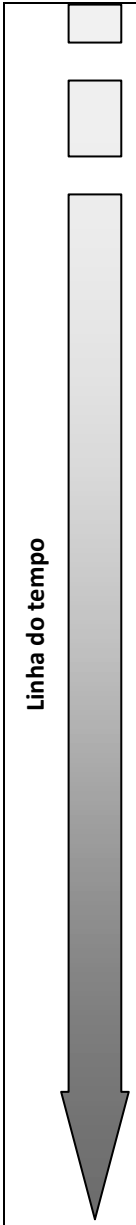
²¹⁶ Security Council Report. Security Council Report Update Report Libya. Disponível em: http://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/Update%20Report%2025%20February%202011_Libya.pdf, [Consult. 21 Mar. 2015].

²¹⁷ United Nations Security Council. Resolution 1970 (2011). Disponível em: [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1970\(2011\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1970(2011)), [Consult. 21 Mar. 2015].

²¹⁸ United Nations. General Assembly Suspend Libya From Human Rights Council. Disponível em: http://www.lcil.cam.ac.uk/sites/default/files/LCIL/documents/arabsspring/libya/Libya_10_UNGA_Press_Statement.pdf, [Consult. 21 Mar. 2015].

²¹⁹ Recorde-se que o Secretário Geral do CCG à altura dos acontecimentos era o diplomata qatari, Abdul Rahman bin Hamad Al Attiyah – transliteração aproximada do árabe عبدالرحمن بن حمد العطية –, admitindo-se que tal presença possa ter desempenhado um papel relevante no *lobbying* de uma postura favorável aos interesses de Doha no âmbito daquela organização.

²²⁰ AFP Report: Statement by the CCG Concerning Libya, 7 March 2011. http://www.lcil.cam.ac.uk/sites/default/files/LCIL/documents/arabsspring/libya/Libya_13_AFP_Report.pdf, [Consult. 20 Mar. 2015].

| | | | |
|--|--|--|---|
|  | | | |
| | 12 Março | Liga Árabe | Insta o CSNU a assumir as suas responsabilidades relativamente à deterioração securitária em curso na Líbia, designadamente, através da implementação de uma zona de exclusão aérea e no estabelecer de um canal de comunicação e cooperação com o Conselho Nacional de Transição da Líbia (NTC) ²²¹ . |
| | 17 Março | CSNU | CSNU aprova a Resolução 1973 criando uma zona de exclusão aérea sobre a Líbia e autorizando todas as medidas tendentes à protecção da população civil que se encontra a ser alvo de ataques por parte do Governo ²²² . |
| | 19 Março | EUA/Aliados | Em cumprimento da Resolução 1973 do CSNU os EUA lideram a Operação Odisseia Amanhecer em conjunto com Estados Aliados ²²³ . |
| | | Emirado do Qatar/ Operação Militar Conjunta | De acordo com declarações anónimas de um diplomata, o Qatar participará, juntamente com outros países europeus, no quadro das operações militares autorizadas pelo CSNU ²²⁴ . |
| | 22 Março | Al Jazeera | O <i>media</i> qatari acusa o aparelho de <i>intelligence</i> líbio de estar a interferir na transmissão do sinal da Al Jazeera para a Líbia ²²⁵ . |
| 25 Março | Emirado do Qatar/Operação Militar Conjunta | <i>The New York Times</i> relata a participação de duas aeronaves de combate qataris nas operações militares da coligação em curso na Líbia ²²⁶ . | |

²²¹ Arab League. The Outcome of the Council of the League of Arab States Meeting at the Ministerial Level, 12 March 2011. Disponível em: http://www.lcil.cam.ac.uk/sites/default/files/LCIL/documents/arabspring/libya/Libya_19_Outcome_League_of_Arab_States_Meeting.pdf, [Consult. 21 Mar. 2015].


²²² United Nation. Security Council Approves 'No-Fly Zone' over Libya, Authorizing 'All Necessary Measures' to Protect Civilians, by Vote of 10 in Favour with 5 Abstentions. Disponível em: <http://www.un.org/press/en/2011/sc10200.doc.htm>, [Consult. 21 Mar. 2015].

²²³ US Department of Defense. Operation Odyssey Dawn. Disponível em: http://archive.defense.gov/home/features/2011/0311_libya2/, [Consult. 21 Mar. 2015].

²²⁴ EUBusiness. Qatar, several EU states up for Libya action: diplomat. Disponível em: <http://www.eubusiness.com/news-eu/libya-unrest-summit.95v/>, [Consult. 21 Mar. 2015].

²²⁵ The National. Al Jazeera says Libya is jamming its signal. Disponível em: <http://www.thenational.ae/news/world/middle-east/al-jazeera-says-libya-is-jamming-its-signal>, [Consult. 22 Mar. 2015].

²²⁶ The New York Times. NATO set to take full command of Libyan campaign. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/03/26/world/africa/26libya.html?pagewanted=all>, [Consult. 22 Mar. 2015].

| | | | |
|--|----------|--|--|
|  Linha do tempo | 27 Março | Emirado do Qatar/Oposição líbia | Um indivíduo conotado com uma facção anti-regime, Ali Tarhouni, revela que o Qatar acordou com os “rebeldes” líbios comercializar o petróleo da zona leste do país ²²⁷ . |
| | 28 Março | Emirado do Qatar/NTC | Doha constitui-se no primeiro país árabe a reconhecer o NTC como legítimo interlocutor do povo líbio ²²⁸ . |
| | | Emirado do Qatar /Oposição líbia | <i>Foreign Policy</i> refere que um grupo de exilados líbios está a “montar” uma nova estação televisiva com o objectivo de realizar contra-propaganda ao regime de al Gaddafi. É ainda referido que o novo canal designar-se-á Libya TV e estará operacional ainda naquela semana. O seu fundador é o expatriado e jornalista líbio, Mahmud Shammam, editor da <i>Foreign Policy</i> em língua árabe. O novo serviço televisivo será sediado em Doha mas terá também representação em Londres e Benghazi, e contará com inúmeros correspondentes em território líbio ²²⁹ . |
| | 29 Março | <i>London Conference on Libya/Emirado do Qatar</i> | Cimeira de Londres sobre a situação na Líbia reúne Primeiros Ministros, Ministros das Relações Exteriores, outros responsáveis políticos de diversos países, representantes das NU, UE, Liga Árabe, Organização para a Conferência Islâmica e NATO. O Qatar fez-se representar pelo PM e Ministro das Relações Exteriores, Hamad bin Jassim bin Jaber bin Mohammed Al Thani. Daquele encontro resulta a criação do Grupo de Contacto para a Líbia, tendo sido acordada uma primeira reunião sob os auspícios do Qatar ²³⁰ . |
| | 30 Março | Emirado do Qatar/Líbia | Notícia publicada no <i>The Guardian</i> revela que naquela noite é esperado o lançamento do canal Libya TV sediado em Doha, todavia sem garantir que aquela estreia será cumprida ²³¹ . |

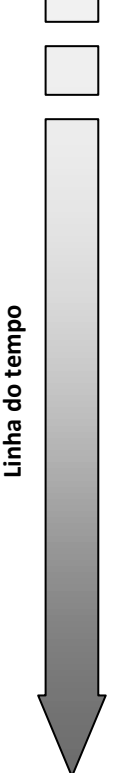
²²⁷ Contrainjerencia. Por ahí aparece la verdad sobre la agresión: los rebeldes libios entregan el petróleo al Qatar. Disponível em: <http://www.contrainjerencia.com/?p=13677>, [Consult. 22 Mar. 2015].

²²⁸ Reuters. Qatar recognizes Libyan rebel body as legitimate. Disponível em: <http://ca.reuters.com/article/topNews/idCATRE72R1J820110328?pageNumber=3&virtualBrandChannel=0>, [Consult. 22 Mar. 2015].

²²⁹ Foreign Policy. The Revolution Will Soon be Televised. Disponível em: <http://foreignpolicy.com/2011/03/28/the-revolution-will-soon-be-televised/>, [Consult. 22 Mar. 2015].

²³⁰ Foreign & Commonwealth Office. Foreign Office coverage of the London Conference on Libya, including photos and statements. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/news/london-conference-on-libya>, [Consult. 22 Mar. 2015].

²³¹ The Guardian. Libyan opposition set to launch TV channel from Qatar. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2011/mar/30/libya-opposition-television-channel-qatar>, [Consult. 22 Mar. 2015].

| | | | |
|---|----------|-----------------------|--|
|  | 31 Março | Emirado do Qatar | Durante uma entrevista do Emir Khalifa bin Hamad al Thani ao canal Al Jazeera, aquele responsável afirmou que <i>“O sofrimento dos civis na Líbia levou a Comunidade Internacional a intervir no lugar da Liga Árabe em resultado da inacção desta que deveria ter assumido o seu papel”</i> ²³² . |
| | 13 Abril | Emirado do Qatar | Realiza-se em Doha a primeira reunião do Grupo de Contacto para a Líbia ²³³ . |
| | 14 Abril | EUA/ Emirado do Qatar | Encontro mantido entre o Presidente Obama e o Emir Khalifa bin Hamad al Thani. Das declarações de Obama sobressai um manifesto agradecimento pela liderança desempenhada por Doha no âmbito do processo de transição político líbio, sublinhando que se tratou de um “parceiro” que prestou não apenas apoio diplomático mas também militar ²³⁴ . |

Tendo em consideração a tabela anterior, poder-se-á caracterizar a cadeia de eventos directa ou indirectamente associados ao Qatar em duas fases: *i)* uma primeira marcada por acções isoladas e, de certo modo, cautelosas, de que são exemplo a *fatwa* de al Qaradawi emitida na Al Jazeera (21 Fevereiro 2011) e o comunicado do aparelho diplomático qatari (22 Fevereiro 2011); e *ii)* uma segunda fase, com início em 19 de Março de 2011, a partir da qual se inicia uma assinalável cadência de notícias intrinsecamente vinculadas com a actuação de Doha no processo revolucionário líbio. Admite-se que a tendencial abertura e a postura de maior clareza, paulatinamente evidenciada por Doha, tenha sido alavancada, em grande medida, pela posição unânime dos restantes parceiros internacionais, face a Tripoli, que se constituiu como uma “rede de segurança” para

²³² Naharnet. Qatar says Arab Inaction in Libya led to West Strikes. Disponível em: <http://www.naharnet.com/stories/en/4790>, [Consult. 22 Mar. 2015].

²³³ NATO. Libya Contact Group Doha 13th April 2011 Chair’s statement. Disponível em: http://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_2011_04/20110926_110413-Libya-Contact_Group-Doha.pdf, [Consult. 22 Mar. 2015].

²³⁴ White House. Remarks by President Obama and Emir Hamad bin Khalifa al-Thani of Qatar After a Bilateral Meeting. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/photos-and-video/video/2011/04/14/president-obama-meets-amir-hamad-bin-khalifa-al-thani#transcript>, [Consult. 22 Mar. 2015].

legitimar as decisões políticas do Emirado, sobretudo por se tratar de uma intervenção num país árabe.

Embora o processo revolucionário tenha, entretanto, continuado o seu curso e inúmeros momentos-chave fossem passíveis de ser aditados à tabela anterior, o objectivo central é realçar o papel activo que Doha manifestou durante aquele processo, facto que se consubstanciou como uma novidade ao nível do *modus operadi* da sua Política Externa, sobretudo pela profundidade e abrangência da sua actuação, designadamente com recurso a uma óbvia estratégia de *Smart Power*. De sublinhar, igualmente, o facto de não ser objectivo da presente dissertação eleger o Qatar enquanto actor central e decisivo para a condução do processo revolucionário líbio, até pela própria natureza multilateral do processo e pelo facto de ter contado com a participação de potências mundiais.

Com o intuito de terminar o presente sub-capítulo e por forma a corroborar e consubstanciar a tese de *Smart Power* adoptada pelo Emirado do Qatar, cumprirá avultar, ainda que de forma breve, algumas notícias-chave que permitirão igualmente consolidar a ideia de que a intervenção qatari na Líbia ultrapassou, de forma evidente, a matriz política e diplomática, extravasando a sua acção para outros domínios. Neste contexto, assinale-se o seguinte:

- 13 Abril 2011 (*Washington Times*) – PM qatari, Hamad bin Jassim al-Thani, em declarações aos media refere que o apoio à oposição na líbia incluía “*all the other needs, including defense equipment.*”²³⁵;
- 09 Maio 2011 (*Reuters*) – Notícias avançadas pela Reuters dão conta da execução de pagamentos, a elementos da oposição líbia, decorrentes da venda de petróleo. De acordo com declarações anónimas de uma fonte da indústria dos hidrocarbonetos, os pagamentos foram realizados através de uma conta bancária qatari, tendo, até àquela data, sido vendidos 1 milhão de barris de petróleo avaliados em US\$ 100 milhões. A mesma notícia refere que o Qatar contribuiu para comercializar o petróleo líbio, tendo para o efeito sido aberto um escritório em Doha para facilitar o processo²³⁶;

²³⁵ Washington Times. Disponível em: <http://www.washingtontimes.com/news/2011/apr/13/arabs-west-plan-to-aid-libyan-rebels/>, [Consult. 08 Abr. 2015].

²³⁶ Reuters. Libya rebels receiving oil payments via Qatar fund. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2011/05/09/us-libya-oil-qatar-idUSTRE74816R20110509>, [Consult. 08 Abr. 2015].

- 30 Maio 2011 (*The Daily Star*) – É noticiado que foi aberto um campo para refugiados financiado pelo Qatar, localizado na cidade tunisina de Tataouine, tendo começado a receber deslocados do conflito armado a partir de 21 de Maio²³⁷;
- 09 Junho 2011 (*Reuters*) – No âmbito do Grupo de Contacto para a Líbia, Doha promete auxiliar a oposição líbia num montante que varia entre US\$400 e US\$500 milhões²³⁸;
- 06 Agosto 2011 (*Reuters*) – Fontes anónimas afirmam ter aterrado um avião qatari, no aeroporto da cidade líbia de Misrata, para alegadamente descarregar pick-ups carregadas com munições destinadas aos membros da oposição. Responsáveis daquele aeroporto confirmam a aterragem da referida aeronave, embora escusando-se a comentar sobre o seu conteúdo²³⁹;
- 01 Setembro 2011 (*Al Jazeera*) – Com o derrube do regime de al Gaddafi, elementos da oposição entraram na sede da *intelligence* líbia, tendo sido descobertos documentos classificados, sendo que, de acordo com uma reportagem da Al Jazeera, um desses documentos se referia alegadamente a um relatório de um espião líbio infiltrado no NTC, reportando para Tripoli o ponto de situação nos campos de refugiados geridos pelo Qatar, Emirados Árabes Unidos e Kuwait. A informação contida naquele documento refere “*Libyan rebel fighters were using refugee camps on the Libyan border set up by Qatar, the United Arab Emirates and Kuwait to smuggle in weapons and pick up trucks*”. A mesma fonte refere ainda que elementos opositores do regime líbio teriam, alegada, autorização do Governo e aparelho militar tunisino para usar os campos de refugiados como base operacional²⁴⁰.

²³⁷ The Daily Star Lebanon. Qatar opens refugee camp in Tunisia for Libyans. Disponível em: <http://www.dailystar.com.lb/News/Middle-East/2011/May-30/139888-qatar-opens-refugee-camp-in-tunisia-for-libyans.ashx#axzz3BWn45Njs>, [Consult. 09 Abr. 2015].

²³⁸ Reuters. Factbox - Aid to Libya's rebels. Disponível em: <http://uk.reuters.com/article/2011/06/09/uk-libya-rebels-aid-idUKTRE7583MP20110609>, [Consult. 09 Abr. 2015].

²³⁹ Reuters. Qatari plane supplies ammunition to Libya rebels. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2011/08/06/us-libya-rebels-ammunition-idUSTRE7751XT20110806>, [Consult. 09 Abr. 2015].

²⁴⁰ Al Jazeera. Secret files: Gaddafi had spies in rebel camp. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/09/2011911884360946.html>, [Consult. 09 Abr. 2015].

- 20 Setembro 2011 (*Al Jazeera*) – Wadah Khanfar, Director Geral da Al Jazeera, renuncia ao lugar depois de oito anos de liderança daquele media, sendo substituído por Hamad bin Thamer Al Thani, membro da família real qatari²⁴¹;
- 26 Outubro 2011 (*The Guardian*) – Declarações do *Chief of Staff* qatari, o Major General Hamad bin Ali al Atiya, confirmou aos *media* que "*We were among them and the numbers of Qataris on the ground were hundreds in every region. Training and communications had been in Qatari hands. Qatar... supervised the rebels' plans because they are civilians and did not have enough military experience... We acted as the link between the rebels and Nato forces.*"²⁴²;

As notícias, anteriormente apresentadas, têm um propósito de carácter mais específico – face à tabela apresentada supra –, destinadas a consubstanciar a hipótese de que Doha apresentou uma intervenção atípica, comparativamente às experiências de mediação que marcaram algumas das intervenções da política externa qatari e, inclusivamente, face aos casos da Tunísia e Egipto. Ainda, no que respeita ao facto de se considerar o carácter atípico da intervenção qatari na Líbia e no que se refere em concreto à intervenção por via do *Hard Power* – neste caso, em concreto, refere-se apenas à via militar –, cabe destringir entre a participação transparente e oficial de Doha nas operações militares legitimadas pelo CSNU e, num plano manifestamente distinto do anterior, a abordagem directa aos grupos opositores do regime de al Gaddafi. É, precisamente, no âmbito desta segunda tipologia de apoio que se revela de particular interesse referir a dinâmica de envolvimento qatari naquele cenário, dado que Doha se quis afirmar como um *player* com intervenção directa, admitindo oficialmente – por via do seu PM e chefias militares – que prestou apoio militar (e.g. treino, equipamento, armamento) à oposição líbia, mas também facilitando a venda de petróleo líbio, criando campos para refugiados líbios na Tunísia e auxiliando financeiramente a oposição líbia.

Por fim, e paralelamente ao desenrolar da participação qatari na Líbia, assistiu-se ao afastamento do Director Geral da Al Jazeera, Wadah Khanfar, o qual foi substituído por um

²⁴¹ Al Jazeera. Al Jazeera director general steps down. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/09/201192012481969884.html>, [Consult. 09 Abr. 2015].

²⁴² The Guardian. Qatar admits sending hundreds of troops to support libya rebels. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2011/oct/26/qatar-troops-libya-rebels-support>, [Consult. 09 Abr. 2015].

membro da família real qatari, decisão que, se por um lado segue a lógica de outras instituições qataris, por outro, contribuiu para a manifesta desconstrução da retórica qatari, relativa à isenção e independência editorial e política reiteradamente veiculada em defesa da ideia de “autonomia” da Al Jazeera, face aos objectivos políticos definidos pela casa real de al Thani.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto, cumpre primeiramente recuperar a lógica de organização da presente dissertação, o seu objecto de investigação, o objectivo a que se propôs no início, bem como as hipóteses de trabalho levantadas e respectivo processo de validação.

Recordando a estrutura sobre a qual o trabalho se desenvolve, importa referir a existência de dois eixos fundacionais, o primeiro relativo à política externa do Qatar – tratando-se do objecto de estudo da dissertação – e, um segundo eixo, fundado na contextualização do Emirado do Qatar, no quadro regional e no sistema internacional, que se constituem no espaço de projecção da política externa qatari e configuram o ambiente onde o trabalho de investigação se desenrola na procura da resposta ao objectivo da dissertação, isto é, identificar as eventuais causas que sustentam a evolução da política externa de Doha. Cabe igualmente sublinhar a estreita relação que se entende existir entre os dois supramencionados eixos, sendo que, no eixo política externa se destacam as variáveis dimensão interna (e.g. sistema político, competências, poderes), os meios ao serviço da política externa (e.g. *State Branding*, as acções de mediação, o investimento externo, a Al Jazeera e o plano religioso) e, no segundo eixo, onde se apresentam as variáveis como o quadro regional (e.g. Médio Oriente, Golfo Pérsico), o “palco” norte-africano (e.g. Tunísia, Egipto e Líbia) e a arena internacional onde Doha estabelece importantes vínculos com os EUA, União Europeia e ONU.

Recuperados, quer o objecto, quer o objectivo da dissertação, cumpre agora remeter para as hipóteses de trabalho, procurando elencar as respostas alcançadas ao longo da dissertação. Desde logo, e recuperando a questão inicialmente exposta no trabalho, relacionada com a identificação das características intrínsecas à política externa qatari, poder-se-ão mencionar o seu carácter ininterrupto, diferenciador, bem como o facto de se tratar de um instrumento orgânico, isto é, regista um manifesto desenvolvimento desde a sua génese. A organicidade intrínseca à política externa qatari contribui para a validação à primeira hipótese de trabalho, dedicada a aferir sobre a existência de dois períodos distintos no *modus operandi* da política externa do Emirado, sendo que se considera terem sido identificadas fases manifestamente distintas, designadamente: *i)* uma primeira que se inicia com a independência qatari do Reino Unido em 1971 e que se caracteriza pela tentativa de

Doha em se afirmar enquanto unidade política autónoma e onde se registam inúmeros atritos político-diplomáticos e securitários com os seus vizinhos regionais; e *ii*) uma segunda que se inicia com a entronização, em Junho 1995, de Hamad bin Khalifa al Thani, momento a partir do qual a política externa inicia a sua paulatina estratégia de projecção e diferenciação face a outros actores regionais, na qual se destacam as iniciativas de mediação de conflitos [e.g. Iémen (2007-2010), Líbano (2008), Darfur (2009/2010) e Djibouti-Eritreia (2010)], mas também, momentos chave como o estreitamento de relações com Israel²⁴³, em clara contracorrente face à orientação dos restantes países árabes da região, e o posicionamento desalinhado de Doha no CSNU quando votou contra a Resolução 1696 que instava Teerão a interromper o programa de enriquecimento de urânio.

Porém, a realização da presente dissertação permitiu ainda identificar o início de uma terceira fase da política externa qatari, designadamente quando Doha decide intervir no processo revolucionário líbio por ocasião do início da designada 'Primavera Árabe'. Contrariamente à primeira e segunda fases, nas quais Doha procurou, primeiramente, uma paulatina afirmação da sua identidade na região e, seguidamente, na arena internacional, por via do seu aparelho diplomático (*Soft Power*) e por via do seu poder económico-financeiro (*Hard Power*)²⁴⁴, a terceira fase ocorre com o recurso simultâneo dos vectores, político, diplomático, financeiro, religioso e militar, configurando-se, neste sentido, como uma evidente estratégia de *Smart Power*, traduzindo deste modo, uma novidade no *modus operandi* da política externa qatari.

No que se refere à segunda hipótese de trabalho, relativa à determinação das causas subjacentes à alteração da operacionalização da política externa qatari, estas prendem-se essencialmente, entende-se, com o conceito de balança de poder de Waltz, intimamente relacionado com o quadro geopolítico em que se insere o Qatar, isto é, rodeado de potências regionais como o Irão e a Arábia Saudita. Em virtude do quadro geopolítico descrito e da inerente "pressão" que daí decorre, tais factores exercem sobre Doha a necessidade de garantir a sua preservação, através do desenvolvimento de capacidades próprias, uma das condições mencionada por Waltz (2011: 164), a qual é garantida por meio de esforços internos (e.g. tornando-se no principal exportador de GNL a nível mundial,

²⁴³ Recordando-se a criação em Setembro de 1996 de uma missão comercial israelita em Doha.

²⁴⁴ Tal como refere Nye (2012: 39). A título exemplificativo refira-se o apoio financeiro de Doha à região do Darfur.

contribuindo de sobremaneira para a economia nacional) e esforços externos (e.g. através do estabelecimento da aliança securitária com Washington).

Paralelamente às questões centrais levantadas e anteriormente abordadas, cumpre igualmente dar resposta às questões de carácter mais colateral, mas que contribuem para contextualizar a designada estratégia de política externa a que se alude na presente dissertação e que se considera ser *de facto* um instrumento ao serviço da política do Emirado. Neste quadro, e no que se refere à identificação dos primeiros sinais de uma efectiva política externa, considera-se que o seu início ocorre com a criação da primeira estrutura responsável pelas relações exteriores do Qatar, que remonta, a 1969, ainda antes da independência, embora a criação da rede de missões diplomáticas e consulares e a criação dos primeiros acordos bilaterais sejam o plasmar de uma efectiva política externa qatari.

No que se refere à individualidade qatari que se constituiu como o principal promotor da política externa qatari, na forma como é hoje conhecida, considera-se de particular relevo a figura do Emir Hamad bin Khalifa al Thani, sobretudo a partir do momento em que assume o poder, realçando-se o seu papel reformista e reorientador da política geral do Emirado.

No que concerne aos objectivos norteadores da constituição da política externa qatari, estes prendem-se, num primeiro momento, com a necessidade de ser garantida a preservação da independência do Emirado na região e, num segundo momento, na afirmação do Qatar perante os seus pares e no mundo.

Quanto ao modelo de política externa que terá influenciado a linha de política externa qatari, cabe notar que apenas se poderá considerar a existência de um modelo individualizado a partir da liderança Hamad bin Khalifa al Thani, admitindo-se que o modelo de política externa norte-americana possa ter desempenhado um importante papel enquanto modelo orientador para Doha, sobretudo se se tiver em conta a similitude, face a Washington, com que Doha recorre ao *Soft Power*, *Hard Power* e *Smart Power*. Contudo, também não se poderá excluir a possibilidade de a política externa de Arábia Saudita e do Egipto se terem constituído como elementos orientadores da construção de um modelo de política externa qatari, designadamente nas componentes de “afirmação regional”, de

mediação de conflitos e, no caso particular de Riade, na projecção de *Hard Power*, sobretudo, militar.

A respeito dos factores que terão contribuído para Doha criar uma política externa enquanto instrumento de sobrevivência e afirmação, cumpre remeter para o conceito de balança de poder já aludido no presente capítulo, admitindo-se que tenha constituído a razão de maior importância para a sua concretização.

No concernente à sustentabilidade da política externa qatari, cabe fazer a distinção entre a segunda e terceira fases já identificadas. Admite-se que, caso a estratégia de política externa qatari tivesse permanecido na segunda fase, isto é, com um papel sobretudo caracterizado pela mediação de conflitos, fosse possível a Doha manter a sua postura de afirmação regional e de reconhecimento internacional enquanto actor facilitador do diálogo entre actores da Comunidade Internacional e, simultaneamente, preservar uma “imagem” de isenção, evitando, desse modo, eventuais conflitos político-diplomáticos ou de outra ordem com actores terceiros que pudessem colocar em risco a sustentabilidade da sua política externa. Contudo, tendo-se identificado uma terceira fase na política externa do Emirado, com um carácter eminentemente interventivo e realizado de forma directa e em situação de conturbada situação securitária (e.g. Líbia), cuja actuação se revestiu de uma evidente parcialidade, admite-se que esta postura se consubstancie num claro desafio à sustentabilidade daquela tipologia de política externa. O referido desafio decorre não apenas do tipo de cenário em que Doha interveio e da metodologia de intervenção adoptada, mas, sobretudo, pela significativa probabilidade de desenvolver atritos de ordem política, diplomática, económica, religiosa e securitária com actores terceiros. Estas dimensões configuram precisamente as áreas em que Doha interveio durante a ‘Primavera Árabe’ no norte de África, pelo que, a par do número de actores envolvidos (internos e externos) naquele palco, admite-se que a dimensão geopolítica do Qatar não esteja eventualmente capacitada para fazer face às exigências daquele tipo de intervenção, não obstante estar dotada de vastos recursos financeiros, que têm desempenhado um papel central na sustentação daquela tipologia de política externa.

Outra das questões, inicialmente colocada, encontra-se relacionada com uma das dimensões da política externa qatari, o *State Branding*, em particular, sobre a possibilidade de se identificar uma eventual alteração à percepção externa do *State Branding* do Emirado

decorrente da participação na designada ‘Primavera Árabe’. De facto, cabe recordar que uma das hipóteses que se admitiu na presente dissertação – *Abordagem ao Conceito de State Branding* – foi a inexistência de imagens pré-concebidas do Emirado para a generalidade da população mundial aquando da sua independência, situação que se terá, entretanto, alterado em virtude do maior destaque que o país tem acumulado junto da Comunidade Internacional, projectado em diferentes vectores (e.g. organização eventos desportivos, Al Jazeera, acções de mediação político-diplomática, empresas de dimensão multinacional como a Qatar Airways). Assim, e decorrente da intervenção do Qatar na ‘Primavera Árabe’ e, sobretudo, no caso da intervenção na Líbia, onde, como já se afirmou, marcou uma mudança de paradigma na política externa qatari, nomeadamente, com os casos de fornecimento de armamento, apoio logístico e treino às forças opositoras do regime de al Gaddafi, admite-se igualmente que tenha existido uma alteração à percepção externa da “imagem” do Qatar. A este respeito cabe aludir à ideia de “*personalidade de um estado*” avançada por Peter Van Ham (2001: 1). Isto é, se antes da ‘Primavera Árabe’ o Qatar poderia ser com maior facilidade vinculado a uma imagem de actor “amigável” e de “confiança”, admite-se que o *modus operandi* qatari na Líbia tenha contribuído para, eventualmente, alterar tal imagem, passando a ser identificado como um actor “agressivo” e com uma dupla agenda política, uma de carácter oficial – de acordo com as regras de convivência internacionalmente estabelecidas – e outra, com um carácter encoberto, que passará pelo desenvolvimento de acções paralelas com objectivos de difícil caracterização, embora tendencialmente revestidos de uma postura, de certo modo, expansionista²⁴⁵.

Não obstante os objectivos a que a presente dissertação se propôs, importará considerar futuras linhas de investigação que poderão ser integradas no âmbito da política externa qatari, nomeadamente, ponderando a possibilidade de efectuar um balanço da intervenção do Emirado nos casos tunisino, egípcio e líbio, aferindo sobre as mais e menos valias da intervenção em cada um dos casos. Outra hipótese de investigação a considerar assenta numa avaliação da condução da política externa qatari sob a égide do “novo” Emir Tamim bin Hamad bin Khalifa Al Thani – em funções desde Junho de 2013 – e, por fim, outra temática passível de ser executada neste âmbito, consiste em aferir sobre o envolvimento de Doha na revolução em curso na Síria, designadamente, estabelecendo uma análise

²⁴⁵ Na medida em que se admite que Doha procure estabelecer uma posição de ascendência nos locais onde intervém.

comparativa com o caso líbio de 2011, procurando identificar eventuais alterações ao “padrão de comportamento” do *modus operandi* qatari.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1. FONTES PRIMÁRIAS

- *Agence de Promotion de l'Investissement Extérieur, Flux des IDE des Service et Autres.* Disponível em: http://www.investintunisia.tn/site/fr/article.php?id_article=369, [Consult. 23 Jun. 2014].
- Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, Egipto Ficha de Mercado Agosto 2010. Disponível em: <http://www.aeportugal.pt/comunicacoesemail/Legislacao%20Internacionalizacao/Egipto%20-%20FM%20-%202010-08.pdf>, [Consult. 26 Nov. 2014].
- Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, Egipto Ficha de Mercado Dezembro 2012. Disponível em: <http://www.portugalglobal.pt/PT/Biblioteca/LivrariaDigital/EgiptoFichaMercado.pdf>, [Consult. 26 Nov. 2014].
- American Marketing Association. Dictionary. Disponível em: <https://www.ama.org/resources/Pages/Dictionary.aspx?dLetter=B>, [Consult. 17 Abr. 2014].
- Arab League. *The Outcome of the Council of the League of Arab States Meeting at the Ministerial Level, 12 March 2011.* Disponível em: http://www.lcil.cam.ac.uk/sites/default/files/LCIL/documents/arabspring/libya/Libya_19_Outcome_League_of_Arab_States_Meeting.pdf, [Consult. 21 Mar. 2015].
- BLANCHARD, C. (2014), Congressional Research Service, *Qatar: Background and U.S. Relations.* Disponível em: <http://fpc.state.gov/documents/organization/221767.pdf>, [Consult. 29 Mai. 2014].
- Central Bank of Egypt, *Research and Publications – Economic Review Vol 47 No4 2006-2007.* Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].
- Central Bank of Egypt, *Research and Publications – Economic Review Vol 48 No4 2007-2008.* Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].

- Central Bank of Egypt, *Research and Publications – Economic Review Vol 50 No4 2009-2010*. Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].
- Central Bank of Egypt, *Research and Publications – Economic Review Vol 51 No4 2010-2011*. Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].
- Central Bank of Egypt, *Research and Publications – Economic Review Vol 52 No4 2011-2012*. Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].
- Central Bank of Egypt, *Research and Publications – Economic Review Vol 54 No2 2012-2013*. Disponível em: <http://www.cbe.org.eg/English/Economic+Research/Publications/>, [Consult. 22 Nov. 2014].
- *Constitution of Qatar*. Disponível em: <http://portal.www.gov.qa/wps/wcm/connect/5a5512804665e3afa54fb5fd2b4ab27a/Constitution+of+Qatar+EN.pdf?MOD=AJPERES>. [Consult. 1 Abr. 2014].
- Council of the European Union. *Press Release 3069th Council meeting*. Disponível em: https://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/EN/foraff/119435.pdf, [Consult. 20 Mar. 2015].
- Economic Statistics Department, *Qatar Statistics Authority. Foreign Investment Survey, 2010*. Disponível em: http://www.qix.gov.qa/portal/page/portal/QIXPOC/Documents/QIX%20Knowledge%20Base/Publication/Economic%20statistics/Foreign%20Investment/Source_QSA/Foreign_Investment_QSA_AnBu_E_2010.pdf, [Consult. 14 Fev. 2015].
- Embassy of the United States Ankara – Turkey, Ambassador. Disponível em: http://turkey.usembassy.gov/ambassador_francis_j_ricciardone.html, [Consult. 19 Jul. 2014].
- European Commission, European Union, *Trade in Goods with Egypt*. Disponível em: http://trade.ec.europa.eu/doclib/cfm/doclib_section.cfm?sec=121, [Consult. 26 Nov. 2014].
- Foreign & Commonwealth Office. *Foreign Office coverage of the London Conference on Libya, including photos and statements*. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/news/london-conference-on-libya>, [Consult. 22 Mar. 2015].

- Gulf Cooperation Council. Disponible em: http://www.mea.gov.in/Portal/ForeignRelation/Gulf_Cooperation_Council_MEA_Website.pdf, [Consult. 20 Set. 2015].
- International Trade, Tunisia. Disponible em: http://www.internationaltrade.co.uk/articles_print.php?CID=2&SCID=28&AID=272, [Consult. 23 Jun. 2014].
- Ministry of Development Planning and Statistics, *Foreign Investment Survey, 2013*. Disponible em: <http://www.qsa.gov.qa/eng/FrequentData/FDI/2013/FI-Survey-2013.pdf>, [Consult. 14 Fev. 2015].
- Ministry of Finance, Table (31): *Recent Acquisitions in the Egyptian Market (july 2006 – June 2007)*, <http://www.mof.gov.eg/MOFGallerySource/English/Reports/monthly/2007/August07/t31.pdf>, [Consult. 23 Nov. 2014].
- Ministry of Foreign Affairs, *Signed Agreements*. Disponible em: <http://www.mofa.gov.qa/en/ForeignPolicy/BilateralRelations/Pages/LY.aspx>, [Consult. 25 Jan. 2015].
- NATO. *Libya Contact Group Doha 13th April 2011 Chair's statement*. Disponible em: http://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_2011_04/20110926_110413-Libya-Contact_Group-Doha.pdf, [Consult. 22 Mar. 2015].
- Qatar Investment Authority. Disponible em: <http://www.qataridiar.com/English/WhoWeAre/Pages/Company-Profile.aspx>, [Consult. 24 Nov. 2014].
- Qatar Red Crescent, *Annual Report 2008-2009*. Disponible em: <http://www.qrcs.org.qa/Arabic/Documents/QATAR-RED-CRESCENT-ENGLISH.pdf>, [Consult. 13 Jul. 2014].
- Security Council Report. *Security Council Report Update Report Libya*. Disponible em: http://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/Update%20Report%2025%20February%202011_Libya.pdf, [Consult. 21 Mar. 2015].
- United Nation. *Security Council Approves 'No-Fly Zone' over Libya, Authorizing 'All Necessary Measures' to Protect Civilians, by Vote of 10 in Favour with 5 Abstentions*.

Disponível em: <http://www.un.org/press/en/2011/sc10200.doc.htm>, [Consult. 21 Mar. 2015].

▪ United Nations Commodity Trade Statistics Database. Disponível em: <http://comtrade.un.org/data/>, [Consult. 26 Nov. 2014].

▪ United Nations Conference on Trade and Development. Libya. Disponível em: http://unctad.org/Sections/dite_fdistat/docs/webdiaeia2014d3_LBY.pdf, [Consult. 14 Fev. 2015].

▪ United Nations Press Release, *UN Secretary-General Special Adviser on the Prevention of Genocide, Francis Deng, and Special Adviser on the Responsibility to Protect, Edward Luck, on the Situation in Libya*. Disponível: <http://www.un.org/en/preventgenocide/adviser/pdf/OSAPG,%20Special%20Advisers%20Statement%20on%20Libya,%2022%20February%202011.pdf>, [Consult. 20 Dez. 2014].

▪ United Nations Security Council. *Resolution 1970 (2011)*. Disponível em: [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1970\(2011\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1970(2011)), [Consult. 21 Mar. 2015].

▪ United Nations Security Council. *Security Council Press Statement on Libya*. <http://www.un.org/press/en/2011/sc10180.doc.htm>, [Consult. 20 Mar. 2015].

▪ United Nations, Member States of the United Nations. Disponível em: <http://www.un.org/en/members/index.shtml#g>, [Consult. 1 Jun. 2014].

▪ United Nations. *General Assembly Suspends Libya From Human Rights Council*. Disponível em: http://www.lcil.cam.ac.uk/sites/default/files/LCIL/documents/arabspring/libya/Libya_10_UNGA_Press_Statement.pdf, [Consult. 21 Mar. 2015].

▪ United States Central Command, *Exercise Eagle Resolve 13: April 21-May 6, 2013*. Disponível em: <http://www.centcom.mil/fact-sheets/exercise-eagle-resolve-13-april-21-may-6-2013>, [Consult. 24 Mai. 2013].

▪ US Department of Defense. *Operation Odyssey Dawn*. Disponível em: http://archive.defense.gov/home/features/2011/0311_libya2/, [Consult. 21 Mar. 2015].

▪ US Department of State Office of the Historian, *A Guide to the United States' History of Recognition, Diplomatic, and Consular Relations, by country, since 1776: Qatar*. Disponível em: <http://history.state.gov/countries/qatar>, [Consult. 1 Jun. 2014].

- White House. *Remarks by President Obama and Emir Hamad bin Khalifa al-Thani of Qatar After a Bilateral Meeting*. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/photos-and-video/video/2011/04/14/president-obama-meets-amir-hamad-bin-khalifa-al-thani#transcript>, [Consult. 22 Mar. 2015].

5.2. FONTES NOTICIOSAS

- Al Jazeera, *Egypt shuts down Al Jazeera bureau*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201113085252994161.html>, [Consult. 13 Dez. 2014].
- Al Jazeera, *The Death of Fear*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/programmes/ragehomaarreport/2011/03/20113993920597144.html>, [Consult. 29 Jun. 2014].
- Al Jazeera, *The Tragic Life of a Street Vendor*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/01/201111684242518839.html>, [Consult. 29 Jun. 2014].
- Al Jazeera. *Al Jazeera director general steps down*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/09/201192012481969884.html>, [Consult. 09 Abr. 2015].
- Arabian Business, *Egypt shuts down Al Jazeera offices amid Cairo riots*. <http://www.arabianbusiness.com/egypt-shuts-down-al-jazeera-offices-amid-cairo-riots-377273.html>, [Consult. 07 Dez. 2014].
- Arabian Business. *Down but not out*. Disponível em: <http://www.arabianbusiness.com/down-but-not-out-18755.html?page=0>, [Consult. 16 Fev. 2015].
- Arabian Gazette, *Egypt receives first Qatar instalment of \$2 billion aid*. Disponível em: <http://www.arabiangazette.com/egypt-qatar-aid-instalment/>, [Consult. 25 Nov. 2014].
- Army Technology, UAE, *Qatar Armed Forces begin Peace Shield 1/2012 exercise*. Disponível em: <http://www.army-technology.com/news/newsuae-qatar-armed-forces-begin-peace-shield-1-2012-exercise>, [Consult. 20 Set. 2015].

- BBC NEWS, *Egypt Seizes al-Jazeera reporter*. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/6260285.stm, [Consult. 29 Nov. 2014].
- Bloomberg Businessweek, *Company Overview of Tunisian-Qatari Bank*. Disponível em: <http://investing.businessweek.com/research/stocks/private/snapshot.asp?privcapId=41636238>, [Consult. 23 Jun. 2014].
- Bloomberg, *Qatar Petroleum Set to Invest in Egypt's Mostorod Refinery*. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/news/print/2012-05-14/qatar-petroleum-set-to-invest-in-egypt-s-mostorod-refinery-1-.html>, [Consult. 25 Nov. 2014].
- CBS News, *Clinton calls for calm, restraint in Egypt*. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/news/clinton-calls-for-calm-restraint-in-egypt/>, [Consult. 14 Dez. 2014].
- Contrainjerencia. *Por ahí aparece la verdade sobre la agresión: los rebeldes libios entregan el petróleo al Qatar*. Disponível em: <http://www.contrainjerencia.com/?p=13677>, [Consult. 22 Mar. 2015].
- EUBusiness. *Qatar, several EU states up for Libya action: diplomat*. Disponível em: <http://www.eubusiness.com/news-eu/libya-unrest-summit.95v/>, [Consult. 21 Mar. 2015].
- Foreign Policy. *The Revolution Will Soon be Televised*. Disponível em: <http://foreignpolicy.com/2011/03/28/the-revolution-will-soon-be-televised/>, [Consult. 22 Mar. 2015].
- Gulf Times, 2013, *Qatar-France military exercise ends*. Disponível em: <http://www.gulf-times.com/qatar/178/details/344870/qatar-france-military-exercise-ends>, [Consult. 24 Mai. 2013].
- Gulf Times, 2013. *Qatar-France military exercise ends*. Disponível em: <http://www.gulf-times.com/qatar/178/details/344870/qatar-france-military-exercise-ends>, [Consult. 20 Set. 2015].
- Gulf Times, *Summit decisions reflect the will of Arab people: Premier*. Disponível em: <http://www.gulf-times.com/Mobile/Qatar/178/details/347084/Summit-decisions-reflect-the-will-of-Arab-people%3A-Premier>, [Consult. 29 Jun. 2014].
- Independent, *Emir of Qatar deposed by his son*. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/emir-of-qatar-deposed-by-his-son-1588698.html>, [Consult. 11 Abr. 2014].

- Kapitalis, *La chaîne tunisienne privée Attounissia va être rachetée par un groupe du Qatar*. Disponível em: <http://www.kapitalis.com/medias/15295-la-chaine-tunisienne-va-etre-rachete-par-un-groupe-du-qatar.html>, [Consult. 29 Jun. 2014].
- Khaleej Times. *Qatar National Bank says opens Libya Office*. Disponível em: http://www.khaleejtimes.com/mobile/inside.asp?xfile=/data/business/2007/April/business_April336.xml§ion=business, [Consult. 15 Fev. 2015].
- LA Times, *Qatar: Egypt gives Qatar the cold shoulder*. Disponível em: <http://latimesblogs.latimes.com/babylonbeyond/2009/03/egypt-1.html>, [Consult. 13 Jul. 2014].
- Masress, *Ahli United Bank purchases Delta International*. Disponível em: <http://www.masress.com/en/dailynews/104094>, [Consult. 23 Nov. 2014].
- Middle East business intelligence, *Barwa plans new city*. Disponível em: <http://www.meed.com/sectors/construction/barwa-plans-new-city/273731.article#>, [Consult. 23 Nov. 2014].
- Naharnet. *Qatar says Arab Inaction in Libya led to West Strikes*. Disponível em: <http://www.naharnet.com/stories/en/4790>, [Consult. 22 Mar. 2015].
- National Post, *World leaders weigh in on Mubarak's resignation*. Disponível em: <http://news.nationalpost.com/2011/02/11/world-leaders-weigh-in-on-mubaraks-resignation/>, [Consult. 14 Dez. 2014].
- New York Times. *Libya's U.N. Diplomats Break with Qaddafi*. <http://www.nytimes.com/2011/02/22/world/africa/22nations.html>, [Consult. 20 Mar. 2015].
- News Time Africa. *Governament in Qatar Slams Libya's Violent Crackdown On Protesters*. Disponível em: <http://www.newstimeafrica.com/archives/16371>, [Consult. 07 Dez. 2014].
- Property Wire. *Libya and Qatar to establish joint real estate firm*. Disponível em: <http://www.propertywire.com/news/middle-east/libya-and-qatar-to-establish-joint-real-estate-firm-20080221491.html>, [Consult. 15 Fev. 2015].
- Reuters. *Factbox - Aid to Libya's rebels*. Disponível em: <http://uk.reuters.com/article/2011/06/09/uk-libya-rebels-aid-idUKTRE7583MP20110609>, [Consult. 09 Abr. 2015].

- Reuters. *Libya rebels receiving oil payments via Qatar fund*. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2011/05/09/us-libya-oil-qatar-idUSTRE74816R20110509>, [Consult. 08 Abr. 2015].
- Reuters. *Qatari plane supplies ammunition to Libya rebels*. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2011/08/06/us-libya-rebels-ammunition-idUSTRE7751XT20110806>, [Consult. 09 Abr. 2015].
- The Daily Star Lebanon. *Qatar opens refugee camp in Tunisia for Libyans*. Disponível em: <http://www.dailystar.com.lb/News/Middle-East/2011/May-30/139888-qatar-opens-refugee-camp-in-tunisia-for-libyans.ashx#axzz3BWn45Njs>, [Consult. 09 Abr. 2015].
- The Global Muslim Brotherhood Daily Watch. *MiddEast Crisis: Qaradawi Comments on Tunisia Crisis*. Disponível em: <http://www.globalmbwatch.com/2011/01/18/qaradawi-comments-on-tunisian-crisis/>, [Consult. 29 Jun. 2014].
- The Guardian, *Al-Jazeera journalists arrested in Egypt*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/media/2011/jan/31/al-jazeera-journalists-egypt>, [Consult. 13 Dez. 2014].
- The Guardian, *Qatari minister raised fate of Megrahi in talks with Alex Salmond*. <http://www.theguardian.com/politics/2009/sep/03/qatar-megrahi-alex-salmond-snp>, [Consult. 24 Jan. 2015].
- The Guardian, *Salmond drawn into Megrahi row after talks with Qatar revealed*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/politics/2009/sep/03/salmond-megrahi-qatar>, [Consult. 24 Jan. 2015].
- The Guardian. Disponível em: <http://image.guardian.co.uk/sys-files/Politics/documents/2009/09/01/qatar.pdf>, [Consult. 24 Jan. 2015].
- The Guardian. *Libyan opposition set to launch TV channel from Qatar*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2011/mar/30/libya-opposition-television-channel-qatar>, [Consult. 22 Mar. 2015].
- The Guardian. *Qatar admits sending hundreds of troops to support libya rebels*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2011/oct/26/qatar-troops-libya-rebels-support>, [Consult. 09 Abr. 2015].
- The Huffington Post. *Libya Protests: Anti-Government Protesters Killed During 'Day Of Rage'*. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2011/02/17/libya-protests-antigovernor-824826.html>, [Consult. 05 Dez. 2014].

- Al Jazeera. *Day of rage' kicks off in Libya*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/africa/2011/02/201121755057219793.html>, [Consult. 05 Dez. 2014].
- The Jerusalem Post, *Qatar becomes 1st Arab state to join Libya no-fly zone*. Disponível em: <http://www.jpost.com/Middle-East/Qatar-becomes-1st-Arab-state-to-join-Libya-no-fly-zone>, [Consult. 20 Set. 2015].
- The National. *Al Jazeera says Libya is jamming its signal*. Disponível em: <http://www.thenational.ae/news/world/middle-east/al-jazeera-says-libya-is-jamming-its-signal>, [Consult. 22 Mar. 2015].
- The New York Times, *Allying Ourselves With the Next Egypt*. Disponível em: http://www.nytimes.com/2011/02/01/opinion/01kerry.html?_r=1, [Consult. 14 Dez. 2014].
- The New York Times, *Seizing a moment, Al Jazeera Galvanizes Arab Frustration*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/01/28/world/middleeast/28jazeera.html>, [Consult. 24 Set. 2015].
- The New York Times. *NATO set to take full command of Libyan campaign*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/03/26/world/africa/26libya.html?pagewanted=all>, [Consult. 22 Mar. 2015].
- The Scottish Government. Disponível em: <http://www.gov.scot/Resource/Doc/925/0085972.pdf>, [Consult. 24 Jan. 2015].
- The Tripoli Post. *Emir of Qatar visits Libya, Meets the Leader*. Disponível em: <http://www.tripolipost.com/articledetail.asp?c=1&i=2055>, [Consult. 15 Fev. 2015].
- The Tripoli Post. *Masraf Al Rayan to open Libya Office*. Disponível em: <http://www.tripolipost.com/articledetail.asp?c=2&i=2094>, [Consult. 15 Fev. 2015].
- Time, *Lockerbie Bomber Returns to Cheers in Libya*. Disponível em: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1917748,00.html>, [Consult. 25 Jan. 2015].
- Trade Arabia Business News Information. *Arab League suspends Libya over crackdown*. Disponível em: http://www.tradearabia.com/news/LAW_194006.html, [Consult. 20 Mar. 2015].
- Transterra Media, *Egypt's President and Qatar Emir Meet in Cairo, Discuss Bilateral Relations*. Disponível em: <https://transterramedia.com/media/8409>, [Consult. 25 Nov. 2014].

- UN News Center (2011), *Interview with Nassir Abdulaziz Al-Nasser, President of the General Assembly*. Disponível em: <http://www.un.org/apps/news/newsmakers.asp?NewsID=44>, [Consult. 8 Jun. 2014].
- United States Central Command, *Exercise Eagle Resolve 13: April 21-May 6, 2013*. Disponível em: <http://www.centcom.mil/fact-sheets/exercise-eagle-resolve-13-april-21-may-6-2013>, [Consult. 20 Set. 2015].
- Washington Post. *Meet the architect of the new Libya*. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/meet-the-architect-of-the-new-libya/2011/12/06/gIQAfPm8hO_story.html, [Consult. 16 Fev. 2015].
- Washington Times. *Arabs, West plan to fund Libyan rebels, possibly from Gadhafi's accounts*. Disponível em: <http://www.washingtontimes.com/news/2011/apr/13/arabs-west-plan-to-aid-libyan-rebels/>, [Consult. 08 Abr. 2015].
- Wataniya Mobile, *Wataniya Mobile Lauches its Commercial Operations in the West Bank*. Disponível em: <http://www.wataniya.ps/en/corporate/21126.html>, [Consult. 23 Jun. 2014].

5.3. LITERATURA CRÍTICA

- ACHCAR. G. (2013), *People Want: A Radical Exploration of the Arab Uprising*, Saqi Books.
- ALMEIDA, M. (2003), *A Diplomacia Pública, Negócios Estrangeiros N.º6*. Disponível em: <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/files/database/000026001-000027000/000026991.pdf>, [Consult. 25 Set. 2015].
- ANTHONY, J. (2007), *Observations on the 2007 CCG Summit, Saudi-US Relations Information Service*. Disponível em: <http://susris.com/2007/12/11/observations-on-the-2007-CCG-summit/>, [Consult. 8 Jun. 2014].
- Arab League. *Arab League Council Resolution 7444, 22 January 2012*. http://www.lcil.cam.ac.uk/sites/default/files/LCIL/documents/arabspring/syria/Syria_60_AL_Council_Resolution_7444.pdf, [Consult. 20 Mar. 2015].
- ARMITAGE, R. e NYE, J. (2007), *A smarter, more secure - America*. CSIS Commission On Smart Power Center For Strategic & International Studies.

- Article 19, *Statement World Press Freedom Day: No Frontiers, New Barriers*. Disponível em: <http://www.article19.org/resources.php/resource/1760/en/world-press-freedom-day:-no-frontiers,-new-barriers>, [Consult. 29 Jun. 2014].
- ASKARI, H. (2013), *Conflicts in the Persian Gulf: Origins and Evolution*, Palgrave MacMillan.
- AUERBACH, J e CASTRONOVO, R. (2013), *The Oxford Handbook of Propaganda Studies*, Oxford University Press.
- BARAKAT, S. (2012), *The Qatari Spring: Qatar's emerging role in peacemaking*, London School of Economics and Political Science.
- BEYDUN, N. e BAUM, J. (2012), *The Glass Palace – Illusions of Freedom and Democracy in Qatar*, Algora Publishing.
- CAREY, J. (2013), *Electoral Formula and the Tunisian Constituent Assembly*, Dartmouth College. Disponível em: <http://sites.dartmouth.edu/jcarey/files/2013/02/Tunisia-Electoral-Formula-Carey-May-2013-reduced.pdf>, [Consult. 29 Jun. 2014].
- Cengage Learning, *Biography in Context Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani, Emir*. Disponível em: http://ic.galegroup.com/ic/bic1/ReferenceDetailsPage/ReferenceDetailsWindow?zid=6f6e238ef695956acdb0e581bc236ad6&action=2&catId=&documentId=GALE%7CK1610000166&userGroupName=fairfax_main&jsid=4540ded62a68de08aee890704a352973, [Consult. 3 Jun. 2014].
- CHEHAB, Z. (2007), *Inside Hamas: The Untold Story of Militants, Martyrs and Spies*, I.B. TAURIS & Co Ltd.
- Committee to Protect Journalists (2009), *As tunisian elections near, attacks on Press mount*. Disponível em: <https://cpj.org/2009/10/as-tunisian-elections-near-attacks-on-press-mount.php#more>, [Consult. 25 Jun. 2014].
- Committee to Protect Journalists (2009), *CPJ calls for end to Tunisian campaign against Al-Jazeera*. Disponível em: <http://cpj.org/2009/09/cpj-calls-for-end-to-tunisian-campaign-against-al-.php>, [Consult. 25 Jun. 2014].
- CORDESMAN, A. e WILNER, A. (2012), Center for Strategic & International Studies, *The Gulf Military Balance in 2012*. Disponível em: http://csis.org/files/publication/120518_Gulf_Military_Balance_2012.pdf, [Consult. 17 Abr. 2014].

- Darfur Peace & Development 2008 *Annual Report*, 2008: 27. Disponível em: <http://www.darfurpeacefund.org/wp-content/uploads/2008/12/proof-11.pdf>, [Consult. 13 Jul. 2014].
- DAVIDSON, C. (2013), *After the Sheikhs: The Coming Collapse of the Gulf Monarchies*, Oxford University Press.
- EL-NAWAWY, M., ISKANDAR, A. (2003), *Al-Jazeera: The Story Of The Network That Is Rattling Governments And Redefining Modern Journalism*, New York, Basic Books.
- ESPOSITO, J. e SHAHIN, E. (2013), *Yusuf Al-Qaradawi, Chapter 15, The Oxford Handbook of Islam and Politics*, Oxford University Press. Disponível em: http://www.academia.edu/8316085/Yusuf_al-Qaradawi_in_Esposito_J._E._Shahin_eds._Oxford_Handbook_of_Islam_and_Politics_Oxford_University_Press_2013_222-236, [Consult. 25 Set. 2015].
- ESSER, F. e PFETSCH, B. (2004), *Comparing Political Communication: Theories, Cases, and Challenges*, Cambridge University Press.
- Freedom House, *Egypt Freedom of the Press 2006*. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-press/2006/egypt#.VLeAkNKsUI9>, [Consult. 29 Nov. 2014].
- Freedom House, *Freedom in the World Tunisia (2010)*. Disponível em: <http://www.freedomhouse.org/report/freedom-world/2010/tunisia#.U-Mt1ONdXSn>, [Consult. 25 Jun. 2014].
- FROMHERZ, A. (2012), *Qatar: A Modern History*, I.B. Tauris & Co. Ltd.
- Gale Cengage Learning, *Biography in Context Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani, Emir*. Disponível em: http://ic.galegroup.com/ic/bic1/ReferenceDetailsPage/ReferenceDetailsWindow?zid=6f6e238ef695956acdb0e581bc236ad6&action=2&catId=&documentId=GALE%7CK1610000166&userGroupName=fairfax_main&jsid=4540ded62a68de08aee890704a352973, [Consult. 3 Jun. 2014].
- Gatestone Institute International Policy Council, *Al Jazeera: Non-Arabs Should No Be Fooled*. Disponível em: <http://www.gatestoneinstitute.org/3545/al-jazeera-extremism>, [Consult. 18 Jun. 2014].
- GAUSE, F. (1994), *Oil Monarchies: Domestic and Security Challenges in the Arab Gulf States*, Council on Foreign Relations.

- Global Policy Forum. *History of UN Sanctions on Libya*. Disponível em: <https://www.globalpolicy.org/component/content/article/195-libya/42383.html>, [Consult. 15 Fev. 2015].
- Global Voices, *Al Jazeera Accused of “biased” Egypt Coverage*. Disponível em: <http://globalvoicesonline.org/2013/07/08/al-jazeera-accused-of-biased-egypt-coverage/>, [Consult. 15 Dez. 2014].
- GREEN, R. (2009), *Solving the Darfur Crisis: The U.S. Prefers Qatar to Egypt As Mediator*, Middle East Media Research Institute. Disponível em: <http://www.memri.org/report/en/print3572.htm>, [Consult. 12 Jul. 2014].
- HAM, Peter V. (2001), *The rise of the brand state: The postmodern politics of image and reputation*. Foreign Affairs. Disponível em: http://www.diplomatictraffic.com/nation_branding.asp?ID=2 [Consult. 17 Abr. 2014].
- HØIGILT, J. e ROLANDSEN, Ø. (2010), *Making Cooperation Attractive: Post-referendum Relations between Egypt and the Sudan*. Disponível em: http://file.prio.no/Publication_files/Prio/Sudan-Egypt-Relations-PRIO-Policy-Paper-2010.pdf, [Consult. 12 Jul. 2014].
- HOLT, P. e DALY, M. (2000), *A History of the Sudan: From the Coming of Islam to the Present Day*, Pearson Education Limited.
- Human Rights Watch (2008), *World Report 2008 Events of 2007*.
- Human Rights Watch. Disponível em: <http://www.hrw.org/world-report/2014/country-chapters/qatar>, [Consult. 25 Nov. 2014].
- International Freedom of Expression Exchange, *À l'occasion de la Journée internationale de la Femme, 24 groupes membres de l'IFEX appelle à l'ONU de se préoccuper davantage des violations des droits des femmes*. Disponível em: https://www.ifex.org/tunisia/2010/03/05/intl_womens_day_tmg/fr/, [Consult. 25 Jun. 2014].
- JAFFE, E.D. e NEBENZAHL, I. (2006), *National Image & Competitive Advantage - The Theory and Practice of Place Branding*, Copenhagen Business School Press.
- KANDIL, H. (2015), *Inside the Brotherhood*, Polity Press.
- KAUSCH, K. (2009), FRIDE, *Tunisia: The Life of Others Project on Freedom of Association in the Middle East and North Africa*. Disponível em: http://www.fride.org/descarga/FRIDE_WP85_INGLES_FINAL.pdf, [Consult. 29 Jun. 2014].

- KAUSCH, K. (2013), FRIDE, *A European Think Tank For Global Action, 'Foreign Funding' in post-revolution Tunisia*. Disponível em: http://www.fride.org/descarga/WP_Tunisia.pdf, [Consult. 29 Jun. 2014].
- KHALIL, J. e KRAIDY, M. (2009), *Arab Television Industries*, Palgrave MacMillan.
- KOTLER P., et al. (1999), *Principles of Marketing*, Prentice Hall Europe.
- KOTLER, P., e GERTNER, D. (2002), *Country as brand, product, and beyond: A place marketing and brand management perspective*. *Journal of Brand Management*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/61546400/Kotler-Country-as-Brand-Product-and-Beyond-A-Place-Marketing-and-Brand-Management-Perspective>, [Consult. 17 Abr. 2014].
- KRONOS Advisory LLC. Disponível em: http://www.kronosadvisory.com/KRONOS_AViewToExtremistCurrentsInLibya_ApprovedForDistribution.pdf, [Consult. 21 Mar. 2015].
- LOPES, M. (2010), *Novo Dicionário do Islão*, Casa das Letras.
- MAALOUF, A. (2008), *The Influence of Al-Jazeera in the Arab World & the Response of Arab Governments*, ProQuest Information and Learning Company UMI.
- MACHOWSKI, M. (2011), *Qatar-Israel Relations: A Historical Overview*, *MidEastJournal*. Disponível em: <http://www.matthewmachowski.com/2011/05/qatar-israel-relations.html>, [Consult. 3 Jun. 2014].
- MADDY-WEITZMANN, B. (1997), *Middle East Contemporary Survey: 1995, Volume 19*, Westview Press.
- MENAS Associates (2008), *Qatar Politics & Security*. Disponível em: <http://www.menas.co.uk/pubsamples/Qatar%20Politics%20%20and%20%20Security%20-%2008.12.06.pdf>, [Consult. 23 Jun. 2014].
- Middle East Monitor. "Who is Abdul Hakim Belhadj, the leader of the Libyan rebels?". Disponível em: <https://www.middleeastmonitor.com/resources/reports-and-publications/2784-who-is-abdul-hakim-belhadj-the-leader-of-the-libyan-rebels>, [Consult. 17 Fev. 2015].
- MILES, H. (2006), *Al Jazeera: How Arab TV News Challenged the World*, Abacus.
- Ministry of Foreign Affairs – *History of the Ministry*. Disponível em: <http://www.mofa.gov.qa/en/TheMinistry/Pages/History.aspx>, [Consult. 4 Jun. 2014].
- MINTZ, A., (2004), *JOURNAL OF CONFLICT RESOLUTION, Vol. 48 No. 1, How Do Leaders Make Decisions? A Poliheuristic Perspective*.

- MINTZ, A., (2005), *International Studies Perspectives, Applied Decision Analysis: Utilizing Poliheuristic Theory to Explain and Predict Foreign Policy and National Security Decisions*.
- Muslim Matters, *Sheikh Dr. Yusuf al-Qaradawi to Egyptian President Hosni Mubarak: "Step Down"*. Disponível em: <http://muslimmatters.org/2011/01/31/sheikh-dr-yusuf-al-qaradawis-to-egyptian-president-hosni-mubarak-step-down/>, [Consult. 14 Dez. 2014].
- NEACK, L. (2008), *The New Foreign Policy: Power Seeking in a Globalized Era*, Rowman & Littlefield Publishers Inc.
- NYE, J. (2004), *Soft power: the means to success in world politics*, Foreign Affairs.
- NYE, J. (2012), *O Futuro do Poder*, Círculo de Leitores.
- Qatar Business Law Handbook (2011), *International Business Publications USA*. Disponível em:
http://books.google.pt/books?id=GLokGnVG130C&pg=PA86&dq=qatar+law+no.+25+intellec+tual+property&hl=pt-PT&sa=X&ei=PwK_U_iqLlnE0QWI54HYBQ&ved=0CDYQ6AEwAg#v=onepage&q=qatar%20law%20no.%2025%20intellectual%20property&f=false, [Consult. 14 Jun. 2014].
- RABI, U. (2009), *Qatar's Relations with Israel: Challenging Arab and Gulf Norms*, Middle East East Journal, Vol. 63 Issue 3, p. 443.
- Reporters without borders, *Overview of media freedom violations of past few days*. Disponível em: <http://www.refworld.org/pdfid/4d79fa2e2.pdf>, [Consult. 30 Mai. 2014].
- RINAWI, K. (2006), *Instant Nationalism: McArabism, Al-Jazeera, and Transnational Media in the Arab World*, University Press of America, Inc.
- ROBERTS, D. (2013), *Qatar's international relations under Emir Tamim*, The Norwegian Peacebuilding Resource Centre. Disponível em: http://www.peacebuilding.no/var/ezflow_site/storage/original/application/b05464e9c7148c79837a5767e291e166.pdf, [Consult. 29 Mai. 2014].
- RUBIN, B. (2010), *The Muslim Brotherhood: The Organization and Policies of a Global Islamist*, Palgrave Macmillan.
- RUGH, W. (2004), *Arab Mass Media: Newspapers, Radio, and Television in Arab Politics*, Westport, CT.
- SATO, S., (2009), *Journal of Imperial and Commonwealth History* Vol. 37, No. 1, March, *Britain's Decision to Withdraw from the Persian Gulf, 1964–68: A Pattern and a Puzzle*.

Disponível em: http://koochehcdn.s3.amazonaws.com/wp-content/files/Britain_s-decision-to-withdraw-from-the-Persian-Gulf-1964-681.pdf, [Consult. 3 Jun. 2014].

- SHAKED H. e DISHON D. (1986), *Middle East Contemporary Survey*, Vol. 8, 1983-84, The Moshe Dayan Center for Middle Eastern and African Studies, The Shiloah Institute, Tel Aviv University.
- SMITH, S. (1987), *Foreign Policy Analysis and International Relations*, Millennium - Journal of International Studies 1987 16 Nº2.
- SOAGE, A. (2008), *Shaykh Yusuf Al-Qaradawi: Portrait Of A Leading Islamist Cleric*, Middle East Review of International Affairs, Vol. 12, No. 1. Disponível em: http://moodle2.cs.huji.ac.il/nu14/pluginfile.php/215015/mod_resource/content/1/highlearn/38369/%D7%A4%D7%A8%D7%99%D7%98%D7%99%20%D7%91%D7%99%D7%91%D7%9C%D7%99%D7%95%D7%92%D7%A8%D7%A4%D7%99%D7%94/soage%20on%20qaradawi.pdf, [Consult. 25 Set. 2015].
- Solving Efeso Strategy in Action, Business and Economics, *Significant Cement Potential In The Middle East And Africa*, Emerging Markets Report (2009: 21). Disponível em: http://www.solveefeso.com/upload/EM_260209%20_18-27.pdf, [Consult. 25 Nov. 2014].
- Stockholm International Peace Research Institute. *UN arms embargo on Libya*. Disponível em: http://www.sipri.org/databases/embargoes/un_arms_embargoes/libya/libya-1992, [Consult. 15 Fev. 2015].
- TAYLOR, W. (2014), *Military Responses to the Arab Uprisings and the Future of Civil-Military Relations in the Middle East Analysis from Egypt, Tunisia, Libya, and Syria*, Palgrave Macmillan.
- TOBALE, K. (2014), *The History of Qatari - Israeli Relations*, Centro Studi il Mediterraneo - al Mutawassit. Disponível em: <http://www.centrostudimediterraneo.com/notizie/articoli-segnalati/104-the-history-of-qatari-israeli-relations.html>, [Consult. 30 Mai. 2014].
- ULRICHSEN, K. (2013), Norwegian Peacebuilding Resource Center, *Qatar Mediation Initiatives*. Disponível em: http://www.peacebuilding.no/var/ezflow_site/storage/original/application/da1df25567ebd34af26d634892934b03.pdf, [Consult. 5 Jul. 2014].
- VATANKA, A. (2012), *The Odd Couple Iran and Qatar: Two regional misfits*, The Majalla The leading arab magazine. Disponível em: <http://www.majalla.com/eng/2012/03/article55230108>, [Consult. 3 Jun. 2014].

- WALTZ, K. (2000), *Structural Realism after the Cold War*, International Security, Vol. 25, No. 1 (Summer 2000).
- WALTZ, K. (2011), *Teoria das Relações Internacionais*, 2ª edição, Gradiva Publicações.
- WARREN, D.H. (2014), *The 'Ulamā' and the Arab Uprisings 2011-13: Considering Yusuf al-Qaradawi, the 'Global Mufti,' between the Muslim Brotherhood, the Islamic Legal Tradition, and Qatari Foreign Policy*, New Middle Eastern Studies, British Society for New Middle Eastern Studies. Disponível em: <http://www.brismes.ac.uk/nmes/wp-content/uploads/2014/03/NMES2014Warren.pdf>, [Consult. 16 Fev. 2015].
- WICKHAM, C. (2013), *The Muslim Brotherhood: Evolution of an Islamist Movement*, Princeton University Press.
- World Press Freedom Index. *Reporters without borders for freedom of information*. Disponível em: <http://rsf.org/index2014/en-index2014.php>, [Consult. 3 Jun. 2014].
- ZAYANI, M. (2005), *The Al Jazeera Phenomenon Critical Perspectives on New Arab Media*, Pluto Press.

5.4. OUTRAS FONTES

- Wikileaks, *Egypt Unhappy With Its Role In Resolving Sudan Issues*. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/08CAIRO2475_a.html, [Consult. 13 Jul. 2014].
- Wikileaks, *Egyptian Security Detains Al-Jazeera Bureau Chief, For Allegedly Erroneous Reports*. Disponível em: <http://cables.mrkva.eu/cable.php?id=62015>, [Consult. 14 Jul. 2014].
- Wikileaks, *Embassy Demarche on Objectionable Al Jazeera Director*. Disponível em: <https://wikileaks.org/cable/2005/10/05DOHA1734.html>, [Consult. 21 Jun. 2014].
- Wikileaks, *Journalist Union Leader Comes Under Pressure*. Disponível em: http://www.wikileaks.org/plusd/cables/09TUNIS287_a.html, [Consult. 25 Jun. 2014].
- Wikileaks, *PAO Meeting with Al Jazeera Managing Director*. Disponível em: <http://www.informationclearinghouse.info/article29104.htm>, [Consult. 21 Jun. 2014].
- Wikileaks, *Qatar's Involvement In Al-Megrahi Release Stemmed From Arab League Request To Qatar As Arab League President*. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/09DOHA644_a.html, [Consult. 25 Jan. 2015].
- Wikileaks, *Recent GOT Pressure On Tunisian Civil Society*. Disponível em: http://www.wikileaks.org/plusd/cables/07TUNIS1378_a.html, [Consult. 29 Jun. 2014].

- Wikileaks, *Tunisia Elections Update: Regime Tightens The Noose*. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/09TUNIS725_a.html, [Consult. 25 Jun. 2014].
- Wikileaks, *Tunisia to Re-Open Embassy In Qatar*. Disponível em: https://www.wikileaks.org/plusd/cables/08TUNIS924_a.html, [Consult. 23 Jun. 2014].

ANEXO I - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO EMIRADO DO QATAR



Fonte: Adaptado com base em BLANCHARD, C. (2014: 1)